

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

VIVER NA POBREZA: EXPERIÊNCIAS, AFETOS E SENTIDOS

Mônica Nogueira dos Santos

**Vitória
2018**

MÔNICA NOGUEIRA DOS SANTOS

VIVER NA POBREZA: EXPERIÊNCIAS, AFETOS E SENTIDOS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia, sob a orientação da Professora Maria Cristina Smith Menandro e coorientação do Professor Paulo Rogério Meira Menandro.

UFES
Vitória, Setembro de 2018.

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S237v Santos, Mônica Nogueira dos, 1974-
Viver na pobreza : Experiências, afetos e sentidos / Mônica
Nogueira dos Santos. - 2018.
220 f.

Orientadora: Maria Cristina Smith Menandro.
Coorientador: Paulo Rogério Meira Menandro.
Tese (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Pobreza. 2. Representações sociais. 3. Relações familiares. 4.
Sistema único da assistência social. 5. Afeto. I. Menandro,
Maria Cristina Smith. II. Menandro, Paulo Rogério Meira. III.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

VIVER NA POBREZA: EXPERIÊNCIAS, AFETOS E SENTIDOS

Mônica Nogueira dos Santos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovada em 05 de Setembro de 2018, por:

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Smith Menandro – Orientadora, UFES.

Prof^a. Dr^a. Renata Lira dos Santos Aléssio, UFPE.

Prof^a. Dr^a. Edinete Maria Rosa, UFES.

Prof. Dr. Hugo Cristo Sant' Anna, UFES

Prof. Dr. Diemerson Saquetto, IFES.

Às famílias pobres e aos que assumiram as suas causas.

AGRADECIMENTOS

Não tenho palavras para expressar minha imensa gratidão a minha orientadora, a Prof.^a. Dra. Maria Cristina Smith Menandro, por entre tantos motivos o principal foi ter acreditado em mim quando nem eu acreditava. A sua confiança e incentivo constantes tornaram esse trabalho possível. Seu exemplo de ética e respeito ao aluno seguirá para toda vida.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro que acolheu com carinho e dedicação esse projeto. Foi uma honra tê-lo ao meu lado.

Aos demais professores do PPGP que com muita generosidade estão sempre disponíveis para colaboração. Vocês são os “ombros dos gigantes” em que nos apoiamos.

Aos meus colegas do PPGP cujo companheirismo e solicitude tornaram essa caminhada mais alegre e bonita.

Minha gratidão de forma especial à minha família cujo apoio me fortaleceu e viabilizou esse trabalho. Meus pais: Helena e Pedro, minha filha: Milla, meus irmãos: Marcelo, Mariana e Rachel, meus cunhados: Michael e Cecillie. Vocês são a minha base segura que me possibilita aceitar os desafios e ir mais longe.

As minhas amigas, minha segunda família, obrigada por me aturarem, por passarem junto comigo nesse processo do doutorado e sempre torcerem por mim.

As famílias e profissionais que participaram desse estudo, pois foram extremamente generosos dividindo comigo suas histórias de vida e acolhendo com muito carinho a minha proposta, minha eterna gratidão.

Ao CNPq, pois a bolsa de estudos permitiu minha dedicação exclusiva.

E ao meu Deus, pois tudo que sou e tudo que tenho vêm dele e é para ele.

*Falar dos sofrimentos
não é um argumento,
eles são os sintomas
da verdade”*

Serge Moscovici

*“Se dou comida aos
pobres, todos me
chamam de santo. Mas
quando pergunto por
que são pobres, me
chamam de
comunista”.*

Dom Hélder Câmara

RESUMO

Santos, M. N. (2018). *Viver na pobreza: experiências, afetos e sentidos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES. 220 p.

A pobreza é reconhecida atualmente como um fenômeno multidimensional de conceituação e mensuração complexas. As pessoas que vivem em tal condição social vêm se confirmando importante público alvo da atuação profissional do psicólogo em Políticas Públicas. O objetivo dessa pesquisa foi investigar a vivência da pobreza tal como a percebem pessoas que vivem nesta condição social e foi desenvolvida com enfoque qualitativo de caráter descritivo-analítico e com abordagem pluri-metodológica. Participaram deste estudo 73 profissionais de nível superior que atuavam na proteção básica do SUAS e, 112 pessoas, membros de famílias pobres inscritas no CadÚnico. Os instrumentos utilizados foram 1) “Associação Livre de Palavras”, 2) Questionário com perguntas abertas e 3) Entrevista com roteiro semi estruturado. Estes produziram três conjuntos de dados que foram tratados e analisados de acordo com a especificidade de cada um. O conjunto de palavras evocadas no primeiro instrumento, foi analisado com auxílio do programa openEvoc, a partir dele foi realizada a análise prototípica da representação social para os objetos “pessoa pobre” “pessoa rica” e “família” para profissionais do SUAS e para famílias em situação de pobreza. As respostas do questionário foram analisadas utilizando o recurso da “Análise de Conteúdo” da qual foi possível depreender a ‘Dimensão afetiva da vivência na condição de pobreza’ e a ‘Metarrepresentação’ do objeto “pessoas pobres” para pessoas não pobres segundo os membros de famílias pobres e por fim as entrevistas, após serem transcritas foram analisadas de acordo com método de inspiração fenomenológica para a pesquisa empírica em psicologia do qual resultaram 18 estruturas individuais e duas grupais, correspondentes a primeira e a segunda geração de famílias vivendo em condição de pobreza. Os resultados demonstram que a vivência na situação de pobreza não implica somente em dificuldades relacionadas a ser materialmente pobre, mas também, e aí reside uma importante contribuição da Psicologia, implica na esfera das relações sociais mobilizando afetos/sentimentos e relaciona-se com um ‘modo de vida’ correspondente a este contexto social que é passado de “mãe para filho” de forma invisível e silenciosa nas relações cotidianas. Foi possível também, ampliar o entendimento do contexto de produção das representações sociais aqui pesquisadas, bem como exemplificar práticas sociais de manutenção ou de superação da condição de pobreza. Por fim, este estudo demonstrou ser imprescindível considerar as determinações estruturais da pobreza e as estratégias de manutenção das classes sociais e não apenas compreendê-la como falta de renda, ou seja, este problema deve ser compreendido a partir do seu âmbito relacional, não havendo espaço para individualização dos problemas sociais.

Palavras-chave: Pobreza; Representações Sociais; Relações familiares; Sistema Único da Assistência Social; Afeto.

ABSTRACT

Santos, M. N. (2018). Living in poverty: experiences, affections and senses. Doctoral thesis. Postgraduate Program in Psychology. Federal University of Espírito Santo, Vitória / ES. 220 p.

Poverty is now recognized as a multidimensional phenomenon of complex conceptualization and measurement. People who live in such a social condition have been confirmed as important public target of the professional performance of the psychologist in Public Policies. The objective of this research was to investigate the experience of poverty as perceived by people living in this social condition and was developed with a descriptive-analytical qualitative approach and a pluri-methodological approach. 73 high-level professionals working in the basic protection of SUAS and 112 people from poor families enrolled in the CadÚnico participated in this study. The instruments used were 1) "Free Association of Words", 2) Questionnaire with open questions and 3) Interview with semi structured script. These produced three sets of data that were treated and analyzed according to the specificity of each. The set of words evoked in the first instrument was analyzed with the help of the openEvoc program, from which the prototypical analysis of the social representation for the objects "poor person" and "rich person" and "family" for SUAS professionals and for families in a situation of poverty. The responses of the questionnaire were analyzed using the "Content Analysis" feature from which it was possible to understand the 'Affective dimension of living in the poverty condition' and the 'Metarrepresentation' of the object 'poor people' to non-poor people according to the members of poor families and finally the interviews, after being transcribed were analyzed according to a method of phenomenological inspiration for the empirical research in psychology which resulted in 18 individual and two group structures, corresponding to the first and second generation of families living in poverty . The results demonstrate that living in poverty does not only imply difficulties related to being materially poor, but also, and therein lies an important contribution of Psychology, implies in the sphere of social relations mobilizing affections / feelings and is related to a ' way of life 'corresponding to this social context that is passed from mother to child in an invisible and silent way in everyday relationships. It was also possible to broaden the understanding of the production context of the social representations studied here, as well as to exemplify social practices of maintenance or overcoming the poverty condition. Finally, this study demonstrated that it is essential to consider the structural determinations of poverty and the strategies of maintenance of social classes and not only to understand it as lack of income, that is, this problem must be understood from its relational scope, there is no space for individualization of social problems.

Key words: Poverty; Social Representations; Family Relations; Single Social Assistance System; Affection.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Organização Geral da Tese	61
Quadro 02 – Contrastando os pares de mãe e filhos.	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização e comparação dos grupos de participantes.....	71
Tabela 2 - Análise prototípica dos objetos: ‘pessoa pobre’ e ‘pessoa rica’ para membros de famílias pobres e para profissionais do SUAS	73
Tabela 3 - Análise prototípica do objeto ‘família’ para membros de famílias pobres e para profissionais.....	88
Tabela 4 - Afetos positivos e negativos relacionados a ser pobre.....	94
Tabela 5 - Sistematização dos dados: ‘Porque me sinto assim?’	95
Tabela 6 - Sistematização dos dados da Metarrepresentação.....	100

LISTA DE SIGLAS

BPC - Benefício de Prestação Continuada

CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social

CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil

CREPOP - Centro de Referências em Políticas Públicas

CRAS - Centros de Referência da Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

IPM - Índice de Pobreza Multidimensional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social

Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNCFC - Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária

PNAS - Política Nacional de Assistência Social

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

US- Unidade de Saúde

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPITULO 1 - INTRODUÇÃO	16
1.1 PODE-SE DEFINIR A POBREZA?	16
1.1.1 Subsistência	17
1.1.2 Necessidades básicas.....	17
1.1.3 Privação relativa	18
1.1.4 Privação de capacidades	19
1.1.5 Como mensurar a pobreza? Quem é considerado pobre?.....	22
1.1.6 A pobreza urbana no Brasil.....	23
1.1.7 A pobreza no estado do Espírito Santo e na sua capital	27
1.1.8 Sistema de Proteção Social no Brasil	29
1.1.9 A família no contexto da pobreza e das políticas sociais.....	32
1.1.10 Processos intergeracionais na transmissão da pobreza.....	36
1.2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS- TRS	38
1.2.1 A dimensão afetiva e a metarrepresentação das representações sociais.....	45
1.4 OBJETIVOS E MÉTODO	48
1.4.1 Desenho básico da pesquisa	49
1.5 ASPECTOS ÉTICOS	57
CAPITULO 2 - ESTRUTURA DO CAMPO REPRESENTACIONAL DOS OBJETOS: “PESSOA POBRE”, “PESSOA RICA” E “FAMÍLIA” PARA PESSOAS POBRES E PARA PROFISSIONAIS DO SUAS	58
2.1 ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS	58
2.2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS PROVENIENTES DA ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS	59
2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	63
2.3.1 Profissionais da proteção básica do SUAS.....	63
2.3.2 Membros de famílias pobres	64
2.4 ANÁLISE PROTOTÍPICA.....	66
2.4.1 Estrutura Representacional de “pessoa pobre” para membros de famílias pobres ..	68
2.4.2 Estrutura Representacional de “pessoa rica” para membros de famílias pobres	71
2.4.3 O campo representacional “pessoa pobre” e “pessoa rica” para membros de famílias pobres.....	72
2.4.4 Estrutura Representacional de “pessoa pobre” para profissionais.....	75
2.4.5 Estrutura Representacional de “pessoa rica” para profissionais	77
2.4.6 O campo representacional “pessoa pobre” e “pessoa rica” para profissionais	78
2.4.7 Análise comparativa da representação do objeto “pessoa pobre” entre os dois grupos	79
2.4.8 Análise comparativa da representação do objeto “pessoa rica” entre os dois grupos	82
2.4.9 Objeto ‘família’ para membros de famílias pobres e para profissionais do SUAS	83
2.4.10 Família para membros de famílias pobres.....	83
2.4.11 Família para profissionais	84
2.4.12 Análise comparativa da representação do objeto “família” para os dois grupos.....	84
CAPITULO 3 - DIMENSÕES QUE MOBILIZAM O CAMPO REPRESENTACIONAL: AFETIVIDADE E METARREPRESENTAÇÃO	86
3.1 QUESTIONÁRIO	86
3.2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS PROVENIENTES DO QUESTIONÁRIO	87
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	88
3.4 CAMPO AFETIVO VINCULADO À POBREZA.....	86
3.5 METARREPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ‘PESSOA POBRE’ PARA MEMBROS DE FAMÍLIAS POBRES.....	102
CAPITULO 4 - HISTÓRIAS DE VIDA NA POBREZA.....	114
4.2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS PROVENIENTES DA ENTREVISTA	115

4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	117
4.4 A EXPERIÊNCIA DOS PARTICIPANTES DA PRIMEIRA GERAÇÃO.....	120
4.4.1 Estrutura 1 - Patrícia	120
4.4.2 Estrutura 2 - Priscila	122
4.4.3 Estrutura 3 - Poliana.....	123
4.4.4 Estrutura 4 - Paola	127
4.4.5 Estrutura 5 - Potira	131
4.4.6 Estrutura 6 - Porcina	134
4.4.7 Estrutura 7 - Pillar.....	138
4.4.8 Estrutura 8 - Paloma	142
4.4.9 Estrutura 9 - Paula.....	144
4.5 A ESTRUTURA DO GRUPO- PRIMEIRA GERAÇÃO.....	147
4.6 ESTRUTURAS NARRATIVAS DA SEGUNDA GERAÇÃO	152
4.6.1 Estrutura 1- Sofia da Patrícia	152
4.6.2 Estrutura 2 - Samuel da Priscila.....	157
4.6.3 Estrutura 3- Sara da Poliana.....	160
4.6.4 Estrutura 4 – Sabrina da Paola	163
4.6.5 Estrutura 5 - Sérgio da Potira.....	165
4.6.6 Estrutura 6 - Sandra da Porcina.....	167
4.6.7 Estrutura 7 - Sônia da Pillar	169
4.6.8 Estrutura 8 - Solange da Paloma	171
4.6.9 Estrutura 9 - Sueli da Paula	173
4.7 A ESTRUTURA DO GRUPO- SEGUNDA GERAÇÃO	175
4.8 DISCUSSÃO	180
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS.....	204
APÊNDICE A	213
APÊNDICE B	215
APÊNDICE C	216
APÊNDICE D	218

APRESENTAÇÃO

Entende-se que a produção de conhecimento sobre o tema da pobreza não somente é relevante como também necessária, considerando-se a dimensão que vem assumindo esse fenômeno atualmente. A produção de conhecimento da área da Psicologia sobre a pobreza, que representa o contexto de vida da maioria dos brasileiros (IBGE, 2010), e com os quais o psicólogo tem sido convocado a trabalhar nos últimos anos, “ainda se mostra incipiente” (Silva & Souza, 2010). Muitos autores têm reconhecido a insuficiência de conhecimentos produzidos pela ciência psicológica sobre a pobreza e sua dimensão subjetiva (Balanco, 2013, Dantas, Oliveira, & Yamamoto, 2010; Oliveira, Dantas, Solon, & Amorim, 2011; Paiva & Yamamoto, 2008; Silva & Souza, 2010) o que acarreta a carência de subsídios teórico-metodológicos que consolidem uma prática coerente com as famílias neste contexto de vida.

O interesse por essa temática sempre esteve presente na minha trajetória acadêmica-profissional no campo das políticas públicas sociais que se iniciou no estágio obrigatório na graduação em Psicologia com a “Abordagem de rua de crianças e adolescentes”. Após tal experiência, em meu primeiro emprego como psicóloga na “Casa de Passagem e Abrigo para crianças e adolescentes”, estive em exercício por mais tempo e adquiri maior experiência profissional na área da Assistência Social nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de Vitória, trabalhando com famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Já havia sentido ‘na pele’ a angústia da impotência diante das demandas desse tipo de trabalho e a crise de identidade profissional no desenvolvimento do

mesmo em equipes multidisciplinares sem que a Psicologia tivesse ainda construído as referências mínimas para essa atuação. Essas referências foram elaboradas e tornaram-se disponíveis no ano de 2007, por iniciativa do Conselho Federal de Psicologia, que também capitaneou, em 2010, uma pesquisa sobre a atuação do Psicólogo nos CRAS-SUAS em todo território nacional, conduzida a partir do Centro de Referências em Políticas Públicas (CREPOP).

Em minha pesquisa de mestrado sobre a atuação do psicólogo com adolescentes em medida socioeducativa de internação (Santos & Menandro, 2017), pude constatar que essa angústia e crise de identidade profissional não eram somente minhas, estavam presentes em colegas que trabalhavam no Sistema Socioeducativo com adolescentes e famílias pobres, em sua grande maioria, como revelaram minha pesquisa e outros estudos nesta área (Assis, 1999; Rosa, Ribeiro-Jr. & Rangel, 2007).

Minha última experiência profissional como psicóloga foi no “Programa Incluir” - um programa do governo do estado do Espírito Santo, desenvolvido nos CRAS de todo o estado que tem como objetivo “reduzir a pobreza e erradicar a extrema pobreza no Estado do Espírito Santo, através do fomento do protagonismo, da autonomia e da emancipação das famílias que vivem nessas condições, viabilizando o exercício de sua cidadania e inclusão socioproductiva” (SEADH, 2012).

Programas com esse cunho têm sido cada vez mais implementados e o profissional de Psicologia tem sido convocado a contribuir participando de equipes multidisciplinares, compostas principalmente, por Assistentes Sociais. Contudo, a academia tem produzido uma série de estudos nos últimos anos que analisam e

avaliam essa prática e a conclusão tem sido a de que há uma carência de conhecimento nos referenciais teóricos e práticos da Psicologia sobre a população objeto desse trabalho. Tal situação tem contribuído para que os psicólogos envolvidos reiteradamente direcionem sua prática para uma atuação clínica e individualista nestes espaços (Oliveira et al., 2011; Paiva & Yamamoto, 2008).

Na proteção básica do SUAS, executada nos CRAS, 'porta de entrada neste sistema', conservados os limites da nossa intervenção profissional (Yamamoto, 2003), e dependendo do trabalho a ser feito, é possível prevenir a ocorrência de situações que levam à piora das condições de vida dessa população. Essa piora, muitas vezes, acarreta violações de direitos e quebra de vínculos familiares. Isso coloca essas famílias aos cuidados da proteção especial, de média ou de alta complexidade, trabalho este que é desenvolvido dentro dos Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Daí a importância de um trabalho exitoso com famílias que demandam a proteção básica, pois poderá impedir a progressão de dificuldades que poderiam levá-las a contextos de vida progressivamente ainda mais aviltantes.

Uma indagação nos acompanha e figura como ponto de partida: como o Psicólogo poderá realizar uma intervenção acertada sem um conhecimento realista e contextualizado sobre aquele que demanda seus cuidados? Apresentamos, então, como ponto de partida, a proposta de conhecer as representações sociais de 'pessoa pobre' entre membros de famílias pobres e investigar as práticas familiares intergeracionais de manutenção/superação deste contexto de vida.

CAPITULO 1 - INTRODUÇÃO

1.1 Pode-se definir a pobreza?

O título dessa sessão é propositalmente idêntico ao que o geógrafo Milton Santos (1978) utilizou há 40 anos para iniciar o seu livro “Pobreza Urbana”, dedicado a esse tema. Neste, o autor denuncia ‘a falência das estatísticas’ ao dimensionar o fenômeno, tornando difícil qualquer tentativa de comparação ou de compreensão das realidades em locais diferentes. Contudo, muito antes da denúncia feita por Santos (1978) e ainda hoje, a conceituação de pobreza não é consensual e é “extremamente complexa” (Crespo & Gurovitz, 2002, p.3), mas é reconhecível o fato de terem ocorrido avanços.

O objetivo deste tópico não é expor uma revisão sistemática da produção científica sobre o conceito da pobreza, mas sim, esboçar pontos importantes na compreensão de sua construção, para melhor entendimento da sua configuração atual. Considerando o alargamento da compreensão do tema da pobreza, preocupação que originalmente veio à tona nos âmbitos científico e institucional nos países desenvolvidos no período pós-guerra (Rocha & Monteiro, 2011) é possível sintetizá-la em dois modelos de compreensão: o unidimensional e o multidimensional.

Codes (2008) afirma que as definições de pobreza foram se desenvolvendo e expandindo-se em direção a uma compreensão mais complexa sem, contudo, desbancar totalmente umas às outras, coexistindo, na atualidade, diferentes formas de compreensão desse fenômeno que se sucederam ao longo do tempo.

Serão descritas sumariamente as três principais abordagens desenvolvidas ao longo do século XX sobre a pobreza: a de subsistência, a das necessidades

básicas e a da privação relativa (Codes, 2008; Crespo & Gurovitz, 2002) para em seguida, abordar o conceito da pobreza na perspectiva da privação de capacidades (Sen, 2000) que trouxe inovações nas discussões atuais do fenômeno e por fim enquadrá-lo como uma das manifestações da “questão social”¹ do modelo capitalista tal entendimento, bem como de sua ideologia de sustentação é o que balizará as discussões do presente estudo.

1.1.2 Subsistência

De acordo com Codes (2008) essa perspectiva surgiu no período que se estende do final do século XIX ao início do século XX, contando com forte apoio dos estudos empreendidos por nutricionistas ingleses que denunciavam que os mais pobres não tinham renda suficiente para sua manutenção física. Esta perspectiva define como pobre “a família cuja renda não fosse suficiente para obter o mínimo necessário para sua manutenção meramente física” (p.11).

Esta definição exerceu muita influência sobre práticas e políticas dirigidas aos pobres por todo o restante do século e ainda hoje há ações que se apoiam neste conceito para analisar a pobreza. Sua principal crítica refere-se ao fato que este pensamento interpreta as necessidades humanas como preponderantemente físicas o que permite lhe conferir o mencionado caráter unidimensional (Codes, 2008).

1.1.3 Necessidades básicas

Essa segunda formulação ganha destaque a partir dos anos 1970, e passa a configurar de forma diversificada as dimensões da pobreza incluindo novas exigências ao consumo mínimo privado de uma família e um grupo de serviços

¹ Questão social pode ser definida como: “a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia” (Iamamoto & Carvalho, 1990, p. 77).

essenciais para a comunidade (Crespo & Gurovitz, 2002). A mensuração da pobreza nesta abordagem baseia-se na renda *per capita* ou no Produto Interno Bruto, mas encontra dificuldades na produção de critérios aceitáveis para a definição dos itens a serem incluídos, pois dependem do funcionamento de cada sociedade o que traz barreiras à sua operacionalização e ressalta a relatividade inerente ao fenômeno, bem como mascara as severas situações de privação de alguns grupos sociais que não são adequadamente incorporadas nesta abordagem (Codes, 2008).

1.1.4 Privação relativa

Na análise de Codes (2008), essa abordagem surge a partir da constatação que a relação entre privações e renda é mutável para cada estrutura social. Daí ser a pobreza reconhecida a partir do padrão de vida e da forma como as diferentes necessidades são supridas em cada realidade econômica sendo estabelecida por comparação. De acordo com essa concepção, pobre é a pessoa que não pode ter o comportamento que dela se esperaria como membro da sociedade, podendo as privações ocorrerem em quaisquer esferas da vida, não só a esfera material. Essa abordagem ampliou a abrangência do conceito de pobreza instaurando a sua identificação com a violação dos direitos de cidadania, a partir daí a “noção da relatividade do fenômeno emerge como desdobramento da preocupação com as desigualdades sociais” (p.18).

Codes (2008) destaca ainda que o conceito de “privação subjetiva” proposto a partir dessa perspectiva passou a ser incorporado nas análises científicas da pobreza. Como exemplo a autora cita o Relatório do Desenvolvimento Mundial 2000-2001, que resultou de trabalho que empregou

metodologia participativa, tendo sido captados dois aspectos subjetivos na pobreza: a vulnerabilidade e a falta de poder político, aspectos esses que não seriam captados considerando apenas os elementos objetivos da questão.

1.1.5 Privação de capacidades

Nesta abordagem, a análise de Sen (2000) introduziu variáveis ainda mais amplas inserindo a perspectiva da justiça social e criando um novo conceito de bem-estar, colocando-os no cerne da reflexão acerca da pobreza que passa a ser definida não apenas como “falta de recursos” do indivíduo, mas como condição que circunscreve sua liberdade de escolha (Fahel, Teles, & Caminhas, 2016). Segundo Crespo e Gurovitz (2002), na perspectiva proposta pelo economista indiano Amartya Sen, a da pobreza como privação de capacidades, destaca-se a visão de que ser pobre não implica ser só materialmente pobre, podendo as privações ocorrerem em diversas esferas da vida, com o que determinarão o posicionamento do indivíduo pobre em termos de cidadania. Nesta nova forma de compreensão do fenômeno, acredita-se que não é a escassez de bens que gera a miséria e a fome, mas a incapacidade de obtê-los. Perde-se a noção exclusivamente econômica da pobreza, como posse de mercadorias e chega-se ao entendimento desta como decorrência de um sistema social, na esfera das relações (Silva, 2002).

Dois conceitos importantes e interligados nessa teoria são o de funcionamentos e capacitações. Funcionamentos remetem a atividades ou estados que são importantes para que um indivíduo possa levar o tipo de vida que ele tem razão para valorizar e a capacitação se refere à possibilidade de exercer a liberdade de escolha (Sen, 2000).

Os funcionamentos são valorados de formas diferentes por pessoas, sociedades, culturas, com isto não podem ser comparados para se avaliar vantagem individual, mas Sen (2000) defende a existência de um grupo de funcionamentos que são universalmente mais importantes do que quaisquer outros, porque a vida digna só se realiza se eles realizam, como por exemplo: ter acesso à alimentação adequada e estar livre de doenças evitáveis.

Segundo (Santos, 2007) a partir dessa noção Sen desloca o foco do ‘ter’ para o ‘ser’ e o ‘fazer’ diferenciando o seu pensamento da teoria tradicional limitada à posse de bens e mercadorias, ou seja, Sen reconhece uma diversidade de objetos de valor a partir da qualidade de vida que se pode levar. Fazendo uma analogia com o chamado ‘conjunto orçamentário’ relativo a mercadorias, Sen propõe o ‘conjunto capacitário’ que corresponde a liberdade da pessoa para escolher dentre vidas possíveis. Julga-se a vantagem de uma pessoa em função do que ela realiza e da sua liberdade para realizar.

Para Santos (2007) a utilização da ideia de funcionamento produz uma abordagem da definição de pobreza mais abrangente e realista apesar de mais complexa e menos precisa. Também, segundo essa autora, Sen introduz o exercício da liberdade de escolha como um dos principais fundamentos na análise da pobreza – “uma vida sem oportunidade de escolha e sem escolhas genuínas será, inevitavelmente, uma vida pobre” (p.31).

Na perspectiva das capacitações importa saber se as realizações resultaram de uma liberdade de escolha ou foram obtidas por falta de opção melhor. Embora maior renda resulte em maior liberdade de escolha, essa não é sua única condição, pois circunstâncias individuais e sociais afetam em muito as

oportunidades que uma pessoa dispõe para realizar coisas que considere valiosas. Conclui-se que o nível de privação não pode ser deduzido do tamanho da renda, ou do seu bem-estar, porque o que ela pode realizar depende, além da renda, de características físicas e sociais, que determinam quem ela é e o que ela faz.

Uma importante contribuição dessa perspectiva de análise da pobreza é a relevância do caráter relativo da mesma. Essa dimensão é imprescindível na compreensão da pobreza tanto em países pobres como em países ricos, mas se faz fundamental nestes últimos (Santos, 2007).

Cabe salientar a crítica feita por Dantas e Oliveira (2015) que embora a abordagem multidimensional considere outras dimensões específicas para além da insuficiência da renda, contudo, perpetua como nas abordagens anteriores, a desvinculação dos determinantes políticos e estruturais da pobreza. Portanto, “o problema não reside somente em considerar a renda ou dimensões específicas relacionadas como fatores principais de definição, mas tratar a pobreza como entidade isolada da forma de estruturação das sociedades” (p.185).

As autoras propõem que a pobreza seja abordada como umas das manifestações da “questão social” do modelo capitalista. Embora se reconheça que não é condição exclusiva deste, mas é nesse modo de produção que ela toma sua forma mais perversa, pois se acha como consequência da própria capacidade das forças produtivas em acumular mais riquezas, sempre resultando na polarização entre riqueza e pobreza (Dantas & Oliveira, 2015).

1.1.6 Como mensurar a pobreza? Quem é considerado pobre?

A conceituação e a mensuração da pobreza baseando-se exclusivamente na análise monetária mostraram-se insuficientes para captar o fenômeno da pobreza que abrange várias dimensões da vida de uma pessoa, e não apenas a renda. Contudo, devido à disponibilidade de informações sobre a renda da população e, portanto, à facilidade de lidar com tais informações, os indicadores balizados na dimensão absoluta da pobreza, ou seja, que usam a renda como parâmetro exclusivo para sua mensuração, ainda são operacionalmente relevantes. A principal característica da abordagem desse modelo é a fixação das “Linhas de pobreza” (Rocha, 2003).

Linha de pobreza, conforme explicita Rocha (2003), é conceito que resulta da definição de parâmetros de valor correspondente a um consumo mínimo. Para estipular a linha de indigência é utilizado o custo da cesta alimentar. Para estipular a linha de pobreza é levado em conta o custo de atendimento de outras necessidades, tais como: alimentação, habitação, saúde. As linhas de pobreza podem pertencer a duas categorias: as arbitrárias, estabelecidas sem que haja garantia que seu valor atenderá a um consumo mínimo quaisquer que sejam as formas de sua determinação, e as observadas, que se baseiam no consumo da população de baixa renda, com foco no seu orçamento familiar.

Atualmente, com o reconhecimento da pobreza como um fenômeno multidimensional, está colocado o desafio de estabelecer quais dimensões seriam as mais relevantes como também superar outras dificuldades de operacionalização em larga escala². O principal exemplo de um índice

² Para maiores informações sobre este ponto consultar Silva, 2007.

estabelecido a partir da perspectiva multidimensional de pobreza é o Índice de Desenvolvimento Humano-IDH, criado na década de 1990 a partir do trabalho dos economistas, o paquistanês Mahbub Ul Haq e o indiano Amartya Sen. Os três indicadores básicos elegidos para este cálculo dizem respeito à saúde (expectativa de vida), à educação (taxa de alfabetizados) e à renda (PIB³ *per capita*) (Rolim, Andrade, Santana, & Melo, 2006).

1.1.7 A pobreza urbana no Brasil

No Brasil estudos relacionados à temática da pobreza foram fortemente desenvolvidos entre as décadas de 1950 e 1970 e recorriam na maioria das vezes, à noção de marginalidade. Essa noção veio a ser substituída, mas não totalmente superada pela noção de exclusão social que se desenvolveu com mais força na década de 1990 (Pizzio, 2009).

Segundo explicitam (Fahel et al., 2016) a metodologia mais utilizada para mensuração da pobreza nacionalmente é a de insuficiência calórica, seguida de metodologias que consideram alguma linha de pobreza definida em termos monetários. Rocha (2003) avalia como adequada essa abordagem no contexto brasileiro uma vez que a economia brasileira é largamente monetizada e que são disponibilizadas desde 1970 informações sobre consumo, rendimento e características socioeconômicas das pessoas e das famílias.

O Brasil não é um país pobre. Está atualmente bem posicionado quanto à renda na comparação com o restante do mundo, porém é marcado historicamente por uma profunda desigualdade social que traz o desafio de lidar com a exclusão de uma parcela significativa de sua população dos mecanismos de proteção e de

³ PIB- Produto Interno Bruto- representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período.

criação de oportunidades sociais e educacionais, majoritariamente nas áreas Norte e Nordeste do país (Fahel et al., 2016).

O Relatório do Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicado em 2016 demonstra que em relação a 2014, o Brasil estagnou no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no valor de 0,754, e no ranking mantém a posição 79 entre 188 países. O IDH, como já descrito antes, é um indicador multidimensional da pobreza, medindo o progresso de uma nação a partir de três dimensões: renda, saúde e educação. Ele vai de zero a um, quanto mais próximo de um, maior o desenvolvimento humano. Ainda revendo dados desse relatório, na América do Sul, o Brasil é o 5º país com maior IDH ficando atrás de Chile, Argentina, Uruguai e Venezuela (PNUD, 2017).

Quando se relativiza o IDH em função da desigualdade social do país, isto é, a diferença entre os mais e os menos ricos, o Brasil ficou atrás somente do Irã e de Botsuana. Outro dado importante, diante da acentuada desigualdade social que ainda marca a sociedade brasileira, é o Coeficiente de Gini que mede o grau de concentração de renda em determinado grupo e aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos, seu valor varia de 0 a 1, quanto mais próximo de zero menor é a concentração de renda – o do Brasil é de 0,51, o quarto pior da América Latina e Caribe (PNUD, 2016).

Segundo dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE no ano de 2016 (IBGE, 2016) tinha no Brasil 24,8 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza extrema, de acordo com o critério adotado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Tal critério estabelece que pessoas com renda familiar de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo *per capita*

vivem na "pobreza extrema" e famílias com renda de até meio salário *per capita* vivem em "pobreza absoluta". O volume de pessoas vivendo em pobreza extrema acima mencionado representa aumento de 6% em relação ao ano de 2014. Como comparação ilustrativa, no caso desses dados serem objeto de classificação com base nos parâmetros utilizados pelo Banco Mundial, que considera como linha da extrema pobreza o valor de US\$5,5/dia para consumo individual, resultariam 52,2 milhões de brasileiros vivendo em pobreza extrema.

Antes de prosseguir com a descrição da configuração da pobreza medida pelos órgãos oficiais no estado do Espírito Santo e na sua capital, Vitória, *lócus* de execução dessa pesquisa, é importante uma breve consideração do contexto de produção desse aumento da pobreza na conjuntura nacional nas últimas décadas.

Não é possível analisar de forma plausível e realista o fenômeno da pobreza num país latino americano de industrialização tardia como o Brasil, sem articulação com as influências e consequências da condição de produção e organização societária vigente, no caso, o capitalismo. Um breve recorte dos seus desdobramentos mais recentes e suas consequências na realidade brasileira pode ser feito a partir de 1970, momento em que o modelo desenvolvimentista do Estado começa a dar sinais de crise, após um período de desenvolvimento acelerado do país (Yamamoto & Oliveira, 2014)

A resposta a essa crise se deu a partir dos princípios neoliberais de supremacia do mercado e as mudanças na esfera do trabalho decorrentes desse quadro (altos níveis de desemprego, precarização do vínculo trabalhista, entre outros) tiveram um forte impacto no aumento da pobreza que já está colocada

como condição inerente do modelo capitalista, mas neste íterim foi acrescida daqueles que antes possuíam o vínculo formal com o mercado (Dantas, 2007).

Parte da população que em virtude de sua inserção no mercado formal de trabalho não era afetada pela condição de pobreza, e que agora se vê atingida por essa condição, foi retratada como uma ‘nova pobreza’ (Castel, 1998). No caso brasileiro, em que o Estado nem chegou a se constituir como estado de bem-estar social, excluídos estruturais de longa data ganharam a companhia de novos pobres, que se viram assim depois dos sempre renovados ajustes que o capitalismo precisa promover para manter o nível dos ganhos de capital.

Atualmente o Brasil vive uma longa crise econômica iniciada em 2014, com aumento acelerado do número de pessoas vivendo em situação de pobreza no país. O perfil desses ‘novos pobres’ segundo análise do Banco Mundial é de quase 40% possuem qualificação, concluíram pelo menos o ensino médio e tinham trabalho dois anos atrás, principalmente no setor de serviços, mas que nos anos recentes passaram a compor as estatísticas dos desempregados (ONUBR, 2017).

Coaduna-se nesta tese a compreensão da pobreza como uma das manifestações da “questão social” o que implica em não desconsiderar as determinações estruturais da pobreza, estando muito além da falta de renda e consumo, entre outras dimensões. Como também, implica em limites às ações de combate a pobreza, incluídas aqui a prática profissional dos psicólogos nas políticas públicas de proteção social, uma vez que somente uma “nova ordem social” levaria a uma modificação radical da questão social (Dantas & Oliveira, 2015).

1.1.8 A pobreza no estado do Espírito Santo e na sua capital

A população aproximada em 2017 no Espírito Santo é superior a quatro milhões de habitantes, mais de três milhões dos quais vivem na área urbana do estado, sendo quase cinquenta por cento na Região Metropolitana (IBGE, 2017). O IDH do estado é de 0,740, ficando em sétimo lugar em relação aos outros estados do país. O rendimento médio mensal *per capita* foi de R\$628 em 2014 e o coeficiente do índice de GINI, que calcula a disparidade de renda, foi de 0,50.

De acordo com o IBGE (2017) quase 5% da população capixaba vive em situação de extrema pobreza e a maior parte desse grupo, mais de sessenta por cento, está no meio urbano. Segundo avaliação de Rodrigues e Conterato (2017), “no estado do Espírito Santo, os indicadores sobre a pobreza, apesar de relativamente melhores que em outros estados da federação, causam grande impacto social e político” (p.76).

Um importante instrumento de caracterização e identificação das famílias pobres, denominadas nos documentos oficiais do Ministério do Desenvolvimento Social como famílias de baixa renda, é o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico). Em publicação recente do PNUD (2016) o CadÚnico foi citado como um programa de referência por ser uma base de dados de caráter nacional destacando a importância do mesmo.

Com base no documento “Perfil da pobreza no Espírito Santo: famílias inscritas no CadÚnico 2016” (Instituto Jones dos Santos Neves, 2017) serão descritas informações consideradas como mais relevantes para fins dessa pesquisa. O Espírito Santo possui 365.504 mil famílias cadastradas. Em 87,8% destas famílias os responsáveis são do sexo feminino. Essa proporção mostra

que é justificada a indicação do Programa Bolsa Família para que o benefício seja repassado às mulheres. Mais a frente esse Programa será abordado. Seguindo a análise do mencionado documento (Instituto Jones dos Santos Neves, 2017) a taxa de pobreza no estado foi de 66,7% e a de extrema pobreza foi de 41,6%, entre as famílias inscritas no CadÚnico.

Outro dado importante é que a maior parte da população de 25 anos ou mais inscritas no CadÚnico possui apenas o ensino fundamental incompleto (59,5%) e somente 21,8% dessa população tem o ensino médio completo, uma escolaridade que permite aos indivíduos acessarem melhores ocupações no mercado de trabalho.

No estado, 26,0% das pessoas com cadastro atualizado no CadÚnico e que possuíam 14 anos ou mais de idade (população em idade ativa - PIA), estavam ocupadas e a condição da ocupação revelou altos percentuais de informalidade, chegando a 67,8% da PIA ocupada.

A capital do estado, Vitória, em 2017 tinha população estimada superior a trezentos e sessenta mil habitantes. O município ocupa a primeira posição no ranking do país em relação ao esgotamento sanitário adequado. O IDH de Vitória é de 0,845 e o índice de GINI de 0,47. Em 2010, viviam no município 14.018 pessoas em condição de pobreza (IBGE, 2010). Informações mais atualizadas (IJSN, 2017), revelam que estavam cadastradas no CadÚnico 65.408 pessoas, o que representa 18% da população municipal.

Uma das características marcantes da pobreza nas regiões urbanas é a da segregação espacial da população pobre. Na sua forma mais extrema essa segregação territorial acaba por criar “guetos” de famílias pobres, em

configuração na qual também existem áreas onde se concentram parcelas da população com altíssimos níveis de riqueza (IPEA, 2015). Seguindo esse modelo, na cidade de Vitória a população pobre se concentra em bairros periféricos específicos, espalhados por toda a extensão da capital.

Outro aspecto que caracteriza a pobreza urbana em relação ao contexto rural é que ela é marcada por uma “maior complexidade nas redes de exclusão, de violência e de invisibilidade e impessoalidade dos problemas sociais” (Ximenes, Silva, Cidade, Camurça, & Alencar, 2015, p. 163).

1.1.9 Sistema de Proteção Social no Brasil

Neste ponto é necessário um esclarecimento. O entendimento que norteia a produção sobre proteção social e com a qual o presente trabalho concorda é a de que a política social deve buscar responder à desigualdade social gerada pela organização capitalista. Não se trata, portanto, de promover ações acessórias ou transitórias, ações essas que no caso brasileiro têm acontecido de forma setorizada, através de políticas sociais específicas (Yamamoto & Oliveira, 2014).

A constituição de 1998 é um divisor de águas quando se trata das políticas sociais no Brasil, pois adotou um novo paradigma baseado nos direitos sociais. Anteriormente a essa normativa a assistência era efetivada pela caridade e pela filantropia. Com a inclusão da assistência social através da nova Constituição no tripé da seguridade social, juntamente com a saúde e a previdência social, foi-lhe conferido o caráter de obrigação do Estado e de direito do cidadão (Alberto, Freire, Leite, & Gouveia, 2014).

A Política Nacional de Assistência Social – PNAS, aprovada em 2004 e o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, de 2005, reordenaram a política

pública socioassistencial em todo território nacional, processo esse iniciado com a Lei Orgânica da Assistência- LOAS, de 1993.

O SUAS é um sistema público não contributivo, descentralizado e participativo que tem por função a gestão do conteúdo específico da Assistência Social no campo da Proteção Social, sendo requisito essencial para efetivação da Assistência Social como política pública. Trata-se de um sistema articulado e integrado de ações com direção para a Proteção Social, divididos em dois níveis de complexidade, a Proteção Social Básica e Proteção Social Especial, respeitando-se o porte dos municípios (Brasil, 2005). A Proteção Social Básica, nível em que ocorreu a presente pesquisa, caracteriza-se como um “conjunto de ações, cuidados, atenções, benefícios e auxílios ofertados pelo SUAS para redução e prevenção do impacto de vicissitudes sociais e naturais ao ciclo de vida” (Brasil, 2005).

Considerado importante ‘porta de entrada’ nesse sistema o CRAS- Centro de Referência da Assistência Social, conforme especificado nas Orientações Técnicas – CRAS (BRASIL, 2009) é definido como “uma unidade de proteção social básica do SUAS, que tem por objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais” (p.9).

O sistema de proteção social no Brasil desde a sua mudança a partir de 1988 tem implementado programas sociais inovadores e aumentado sua cobertura para a população mais vulnerável. Isso se deu em associação com a redução da inflação, alcançada em meados da década de 1990, e com o crescimento econômico que se estendeu de meados da primeira década do Século XXI aos primeiros anos da década seguinte, o que teve impacto positivo

nas desigualdades sociais, alcançando a redução da pobreza após quase três décadas sem ocorrência de tal fato (Fahel et al., 2016). A abordagem da pobreza na perspectiva multidimensional foi oficialmente adotada no Brasil em 2011, através do programa Brasil Sem Miséria, acarretando maior aplicação e disseminação do Índice de Pobreza Multidimensional (IPM), em detrimento do cálculo das Linhas de Pobreza.

Dentre os programas sociais adotados se destaca o Programa Bolsa Família, lançado em 2003, a partir da unificação de outros programas setoriais de transferência de renda existentes. Tal Programa foi fortemente apoiado por diversos setores sociais, mas também recebeu inúmeras críticas diante da opção por transferências monetárias às famílias, sem controle da destinação (Campello & Neri, 2013).

O Programa Bolsa Família atende às famílias que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza, o que segundo os critérios adotados para o programa, inclui todas as famílias com renda por pessoa de até R\$ 85,00 mensais e famílias com renda por pessoa entre R\$ 85,01 e R\$ 170,00 mensais, desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos (Brasil, 2015)

Para o ingresso no programa a família precisa ter a inscrição no CadÚnico o que por si só não garante a entrada. A seleção das famílias é feita por um sistema informatizado, a partir dos dados por elas referidos no Cadastro Único e das regras do programa. A concessão do benefício depende de quantas famílias já foram atendidas no município, em relação à estimativa de famílias pobres feita para essa localidade e, além disso, é respeitado o limite orçamentário do

programa. O programa possui condicionalidades nas áreas de educação e de saúde que se não forem cumpridas podem levar ao cancelamento do benefício.

O SUAS ao definir e organizar a execução da política de assistência social estabeleceu entre os eixos estruturantes deste sistema a matricialidade sociofamiliar, que se refere à centralidade da família como núcleo social fundamental para efetividade de todas as ações e serviços no âmbito das ações da política de assistência social.

Nas Orientações Técnicas do Centro de Referência de Assistência Social-CRAS (BRASIL, 2009), ao tratar da matricialidade sociofamiliar, afirma-se que essa centralidade deve-se ao reconhecimento, pela política de assistência social, da responsabilidade do estado de proteção social às famílias. Destaca ainda que o atendimento à família deve ser planejado, entre outros, a partir do conhecimento das necessidades e expectativas diferenciadas dos seus membros, em especial, de acordo com a forma como esse grupo se organiza.

1.1.10 A família no contexto da pobreza e das políticas sociais

A definição de família vem sofrendo mudanças ao longo da história sendo diretamente influenciada por fatores sociais, culturais e econômicos, entre outros. Conforme apontam Carvalho e Almeida (2003) “constituída com base nas relações de parentesco cultural e historicamente determinadas, a família inclui-se entre as instituições sociais básicas” (p.109). Esses autores também destacam que é possível encontrar ampla bibliografia nacional e internacional desenvolvida na área das Ciências Humanas e Sociais analisando suas mais diversas configurações nas sociedades contemporâneas.

É importante ressaltar que os marcos regulatórios da política de assistência social do país (Política Nacional de Assistência Social- PNAS, 2004; SUAS, 2005; Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária – PNCFC, 2006) reconhecem em suas normativas “as novas feições da família”, como é o caso dos vínculos que se acrescentam à consanguinidade, relacionando-as com as transformações societárias contemporâneas. Por exemplo, segundo o PNAS 2004 (Brasil, 2005) a família é o conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos, afetivos e ou de solidariedade, cuja sobrevivência e reprodução social pressupõem obrigações recíprocas e o compartilhamento de renda e ou dependência econômica.

Carvalho e Almeida (2003) em seu estudo, onde se propuseram a discutir o papel da família como mecanismo de proteção social no Brasil, afirmam que famílias com filhos mais novos ou famílias chefiadas por mulheres, têm alta probabilidade de serem pobres ou muito pobres e que “em sociedades que não dispõem de um sistema de políticas sociais mais efetivo e abrangente, como o Brasil, as condições de subsistência das famílias são determinadas por seu nível de rendimentos” (p.115). Contribuindo para a discussão de família no contexto da pobreza, Sarti, (1996, p.33) afirma que a família além de ser “o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida”, se refere à sua identidade de ser social.

Assim, entende-se o lugar central que a família ocupa na sociedade, e que é possível identificar ampla diversidade em sua dinâmica e estrutura, sendo um dos fatores de mudanças o processo de globalização da economia capitalista.

“Assim, não se pode falar de família, mas de famílias, para que se possa tentar contemplar a diversidade de relações que convivem na sociedade” (Gomes & Pereira, 2005, p.358). Ao pesquisarem o significado de família, a partir das representações sociais de adolescentes albergados, Gomes e Pereira (2005), concluem chamando atenção para o fato de que a deterioração de vínculos familiares decorre, possivelmente, de condições de miséria às quais estão submetidas às famílias. Esses autores avaliam que as políticas sociais muito pouco têm contribuído para amenizar as condições de vulnerabilidade da família pobre e denunciam que “para a família pobre, marcada pela fome e pela miséria, a casa representa um espaço de privação, de instabilidade e de esgarçamento dos laços afetivos e de solidariedade” (p.359).

Com base em investigação sobre a vivência de família a partir da perspectiva de pessoas moradoras de comunidade popular de Belo Horizonte (MG), Cardoso, Féres-Carneiro e Giovanetti (2009) também oferecem subsídios à compreensão acerca da família no contexto de pobreza e apontam a presença de alguns fatores estressores, porém não exclusivos dessa classe social. São fatores que, muitas vezes, podem fazer parte do universo destas famílias de forma concomitante: “desemprego, dependência de álcool e drogas, envolvimento com o tráfico e com o crime organizado, fome, abuso sexual, violência domiciliar e comunitária, mortes precoces, precariedade de moradia, ausência de saneamento básico e a inexistência ou ineficiência do serviço público” (p.781).

Botarelli (2011) explicita que na atualidade está sendo retomado o debate sobre o papel da família e que ela está sendo solicitada a assumir novamente o cuidado de seus membros, dada à dificuldade do Estado em assumi-los, “sob a

ótica do envolvimento comunitário e familiar, como o caso do Sistema Único de Assistência Social em que o eixo estruturante é a territorialidade e a rede de sociabilidade ligada à família e à comunidade” (p.83). A crítica que está sendo feita a tal modelo decorre do risco de se responsabilizar juridicamente a família, por exemplo, os pais, sendo que nem sempre estes se encontram em condições materiais e psicológicas adequadas às atribuições que lhe são impostas. Em linha de raciocínio semelhante Serapioni (2005) pontua que houve reconhecimento de que a família contribui, de maneira fundamental, para o bem-estar de seus membros e recomenda que as políticas sociais públicas apoiem a família no desenvolvimento dessa tarefa. Para este autor, começa-se a recuperar aqueles sujeitos que com formas e níveis diferentes de envolvimento, desenvolvem funções assistenciais e de cuidado.

Ao retratar a trajetória histórica, com ênfase na contemporaneidade, do modo de abordar e trabalhar com famílias na assistência social, Teixeira (2010) observa que a centralidade na família e o trabalho social com famílias previsto no novo desenho da Política de Assistência Social podem significar avanço ou retrocesso. Para tal avaliação destaca dois desafios: o primeiro deles seria a ruptura com as concepções de família padrão / família irregular na metodologia do trabalho com famílias, sem cair em modelos psicossociais individualizantes ou seu oposto, os generalistas de transformação social, mas sem soluções práticas para o dia a dia. E o segundo desafio seria a não responsabilização da família pelos problemas e soluções destes ou a superestimação da capacidade de as famílias se (auto) proverem de cuidados. A pobreza configura-se como um campo

diverso e complexo, e a família neste contexto precisa ser vista em sua especificidade.

1.1.11 Processos intergeracionais na transmissão da pobreza

De forma resumida “Transmissão Intergeracional da Pobreza” pode ser definida da seguinte forma: “o processo pelo qual os pais pobres transmitem pobreza e desvantagens para seus filhos” (Castañeda & Aldaz-Carroll, 1999, p.2).

O ciclo da pobreza pode ser visto assim: devido às carências socioeconômicas da população pobre as crianças são estimuladas ao trabalho precoce para contribuírem com a renda familiar, ao entrarem no mercado de trabalho mais cedo diminuem sua escolaridade o que reduz as chances de melhores colocações de trabalho quando adultas e com isso as possibilidades de romper com a pobreza (Pires, 2013).

Seguindo este raciocínio, o Programa Bolsa Família, por exemplo, foi estruturado a partir da premissa que a exigência de frequência escolar seria um fator determinante para romper o chamado ciclo intergeracional da pobreza. Contudo, essa premissa é colocada em dúvida “Primeiro, porque a frequência escolar não garante, por si só, maior escolaridade. Segundo, porque a elevação do nível de escolaridade não será mais garantia para obtenção de emprego nas sociedades atuais” (Pires, 2013, p.521).

O estudo intergeracional possibilita contrastar um mesmo objeto, a partir da ótica dos representantes de duas diferentes gerações, e a partir daí evidenciar a influência, tanto dos valores e atitudes das gerações anteriores como também das transformações socioculturais na compreensão de tal objeto (Coutinho & Menandro, 2009).

Alguns estudos brasileiros têm enfatizado as representações sociais e a dimensão intergeracional. Pecora e Sá (2008) analisaram as memórias e as representações sociais construídas por três gerações acerca da cidade de Cuiabá, concluindo que as representações da cidade permaneceram inalteradas no período investigado. Outro estudo, realizado por Dias e Lopes (2003) investigou a representação da maternidade de mães jovens e de suas mães. Os autores observaram que as jovens mães indicaram a necessidade de incentivar a autonomia dos filhos, enquanto suas mães valorizaram mais a disciplina/educação dos mesmos.

Buscando identificar a rede de representações sociais estabelecidas em torno do ser mulher na família, Coutinho e Menandro (2009) buscaram verificar se a vivência conjugal e familiar sofreu modificações significativas num intervalo de aproximadamente três décadas. Seus resultados evidenciaram tanto continuidades quanto rupturas entre as gerações, e destacam-se algumas mudanças expressivas de uma geração à outra.

Articulando a temática da pobreza com o estudo intergeracional, Miguez-Naiff e Sá (2007) propuseram descrever e comparar as memórias autobiográficas pautadas na vivência de pobreza e exclusão relatadas por 15 díades de mães e filhas. Concluíram que as memórias autobiográficas de mães e filhas sempre remetiam à vida de seu grupo social que é marcada por vivência de pobreza e exclusão e que há transmissão intergeracional, de perpetuação das condições sociais vividas pelos sujeitos, verificada através das práticas.

Outro importante aspecto a ser analisado ao se estudar a transmissão geracional da pobreza é o conceito de 'feminização da pobreza' que remete ao

fato de que as mulheres vêm se tornando, ao longo do tempo, mais pobres do que os homens e que os domicílios por elas chefiados são frequentemente os mais pobres entre os pobres (Belchior, 2007; Novellino, 2004). Estudos como o de Belchior (2007) demonstraram que residir em lares chefiados por mulheres com crianças e adolescentes sem a presença de outro adulto residindo é tanto um indicador de pobreza, quanto um indicador de “Transmissão Intergeracional da Pobreza”.

1.2 Teoria das Representações Sociais- TRS

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi iniciada por Serge Moscovici, em 1961. Sua premissa crítica consiste em que as representações simbólica, cultural e socialmente construídas moldam a realidade em que vivemos e, simultaneamente, criam e alteram práticas sociais e de comportamento (Moscovici, 2003). “Nesta teoria o mundo exterior não é considerado separado do mundo do indivíduo, mas envolve uma atividade de reconstrução da realidade, de organização significativa, adquirindo um status de realidade natural para as pessoas” (Coutinho & Menandro, 2009, p.57).

Para Santos (2009) com a TRS rompe com a forma de conhecimento tradicional da Psicologia que frequentemente, concebia o sujeito separado do contexto social em que vive, e assume o debate considerando tanto as dimensões individuais e coletivas do conhecimento social, como a relação do sujeito e objeto na construção da realidade social.

Segundo essa mesma autora, Moscovici propõe que lancemos um olhar psicossocial sobre a realidade, o que implica, portanto, “compreender a realidade como produto e produtora de dinâmicas psíquicas e sociais. É pensar o sujeito

como um sujeito ativo, construtor da realidade social e nela construído” (Santos, 2009, p. 51). Temos, então, que “a noção de representação social é uma noção concebida para explicar o que une as pessoas a um grupo ou a uma sociedade, e as faz agir em conjunto” (Palmonari & Cerrato, 2011, p. 317)

Moscovici (2003) afirma que no esforço de transformar o “não-familiar” em familiar são postos em funcionamento dois mecanismos: a ancoragem e a objetivação, eles são processos fundamentais na formação de uma representação social. Ancoragem é o processo de classificar e dar nome a alguma coisa (Moscovici, 2003), permitindo ao indivíduo “integrar o objeto da representação em um sistema de valores que lhe é próprio, denominando e classificando-o em função dos laços que este objeto mantém em sua inserção social” (Trindade et al, 2014, p.147). Já o processo de objetivação é reproduzir um conceito em uma imagem, tornando concreto aquilo que é abstrato (Moscovici, 2003).

As representações vão funcionar como um sistema de interpretação da realidade governando as relações dos indivíduos com seu meio e determinando seus comportamentos e práticas, respondendo por quatro funções essenciais (Abric, 1998):

- Função de Saber: elas permitem compreender e explicar a realidade. Ou seja, permitem que as pessoas adquiram conhecimentos e os integrem em um quadro assimilável e compreensível para eles próprios e facilitam a comunicação social.

- Função Identitária: elas definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. “A representação de seu próprio grupo é sempre marcada por uma super avaliação de algumas de suas características ou de suas

produções cujo objetivo é garantir uma imagem positiva do grupo de inserção” (p.29).

- Função de Orientação: elas guiam os comportamentos e as práticas.

- Função Justificadora: elas permitem a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos, ou seja, permitem as pessoas explicar e justificar suas condutas nas relações entre grupos.

Moscovici (2003) propõem que com relação ao lugar que as representações ocupam em uma sociedade pensante, esse lugar seria determinado pela distinção entre duas esferas, os universos consensuais e reificados. No universo consensual o ser humano é medida de todas as coisas, já no universo reificado todas as coisas são a medida do ser humano.

Para Moscovici (2003) através das ciências nós compreendemos o universo reificado, tudo acontece de forma independente de nossos desejos e fora da nossa consciência, oculta valores e vantagens, encoraja precisão intelectual e evidência empírica, ao passo que as representações sociais tratam com o universo consensual, os objetos e acontecimentos são explicados de forma a se tornarem acessíveis a qualquer um e condizem com nossos interesses imediatos. As representações são produto e pertencem exclusivamente ao universo consensual.

Essa teoria tem sido muito fecunda ao longo dos quase 60 anos de seu desenvolvimento e, atualmente, configura-se como um grande aporte teórico de que dispõe a Psicologia Social. Ela se compõe a partir de três visões ou correntes conceituais e metodológicas que caracterizam modalidades alternativas de

investigação e interpretação das representações. Cada uma delas trouxe um aporte particular para o desenvolvimento da teoria (Almeida, 2005).

Uma corrente apoiada em proposições iniciais de Denise Jodelet valoriza elementos históricos e culturais para o entendimento do processo de desenvolvimento das representações a partir de sua contextualização outra corrente apoiada em proposições iniciais de Willem Doise valoriza a consideração de elementos sociológicos próprios de cada sociedade como estratégia de compreensão a respeito de como as representações estão em interação com a organização social e com as relações entre indivíduos e grupos daí decorrentes; a terceira corrente apoiada em proposições iniciais de Jean-Claude Abric valoriza a compreensão da estrutura de composição e, em decorrência, de consolidação ou maleabilidade das representações quando estão em jogo situações ou indivíduos específicos. Este foi o engajamento teórico escolhido para o presente estudo.

A abordagem estrutural das representações sociais, também conhecida como Teoria do Núcleo Central (Sá, 1996) privilegia a dimensão cognitiva das representações e defende que há uma organização interna das mesmas que comporta um núcleo central e um sistema periférico. O núcleo central da representação compreende os elementos consensuais que definem a representação e organizam os demais elementos. Já o sistema periférico se configura por permitir as variações individuais, ou seja, refere-se aos aspectos mais particularizados por meio dos quais os atores sociais adaptam as representações para situações específicas do seu cotidiano (Wachelke, 2009).

Conforme propôs Abric (1998) o Núcleo Central de uma representação assume duas funções fundamentais: uma função geradora é através dele que os

outros elementos ganham um sentido e um valor e, uma função organizadora, sendo o elemento que unifica e estabiliza a representação. O autor, também destaca uma propriedade do núcleo central, ele assegura que a representação permaneça ainda que haja mudança de contexto, ou seja, será o elemento mais resistente a mudança.

Em seguida Abric (1998) postula “toda modificação do núcleo central provoca uma transformação completa da representação” (p.31) e ainda afirma, “é a identificação do núcleo central que permite o estudo comparativo das representações” (p.31). Portanto, para se reconhecer uma representação além da identificação do seu conteúdo, é necessário conhecer a organização deste. Representações sociais com o mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes se sua centralidade for diferente.

Os elementos periféricos são os componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos e possuem três funções: de concretização, constituem a interface na qual a representação é colocada em funcionamento; de regulação, papel essencial na adaptação da representação as mudanças do contexto; e de defesa, é no sistema periférico que poderão aparecer e ser toleradas contradições (Abric, 1998).

Para a caracterização dessa estrutura, ou seja, desse duplo sistema anteriormente descrito, uma das técnicas mais difundidas é a análise prototípica, ela foi desenvolvida por (Vergès, 1992) a partir de evocações de palavras, seu pressuposto é que os elementos da representação social com centralidade são mais prototípicos, mais acessíveis à consciência (Wachelke & Wolter, 2011). Na perspectiva da abordagem estrutural, a representação social é “ao mesmo tempo,

estável e instável, rígida e flexível, é tanto consensual como marcada por fortes diferenças interindividuais” (Almeida, 2005, p.132).

Coutinho e Menandro (2009) assinalam que as representações não determinam as práticas dos indivíduos, mas funcionam como orientadores para a ação, sendo então representações e práticas intimamente relacionadas, influenciando-se mutuamente. Esses autores esclarecem também que as práticas sociais produzidas pelos indivíduos “não são estanques, mas se entrecruzam, ultrapassando atividades e contextos específicos da vida do sujeito” (p.58).

Em revisão de literatura foram encontrados estudos brasileiros que usam a teoria das representações sociais como referencial teórico para discussão sobre pobreza. Góis e Daniel (2008) investigaram a representação social da pobreza e das medidas de proteção social em dois grupos distintos – o grupo dos beneficiários das medidas e o grupo dos técnicos como sujeitos de intervenção social. Os autores apontam que “uma compreensão global do fenômeno da pobreza exige um compromisso entre investigação e intervenção, superando o mero conhecimento das características e dimensões do fenômeno” (p.65).

Silva e Souza (2010, p.29) ao mapearem a produção científica sobre a pobreza e compreenderem suas representações sociais na produção científica, verificaram que “as RS de pobreza se organizam em torno do elemento central Políticas Sociais, que a produção sobre pobreza é crescente e concentra-se no eixo Rio de Janeiro-São Paulo e que na área de Psicologia ainda se mostra incipiente”.

Souza (2009) pesquisou representações sociais de pobreza e riqueza de estudantes de ensino médio em escolas públicas, buscando verificar se existe

diferenciação psicossocial entre grupos étnicos em relação às mencionadas representações. Participaram 90 estudantes, 43 dos quais se autodeclararam brancos e 47 que se autodeclararam negros. Em geral, as perguntas sobre o que é ser pobre/rico geraram diferenciações intergrupais mais pronunciadas do que perguntas sobre causas de pobreza ou possibilidades de ação em relação ao tema. O autor argumenta com a possibilidade de que as perguntas sobre ser pobre ou rico suponham “respostas a respeito de conteúdos vividos e experimentados, ao passo que as relativas a explicar pobreza/riqueza e, mesmo, acabar com a pobreza, implicam uso de conhecimentos mais acadêmicos e/ou mais precisos e seguros” (p. 264). De fato, houve maior aproximação dos grupos em relação aos demais assuntos, ainda que seja perceptível entre os negros o que pode ser entendido como menor expectativa de mudanças ou de oportunidades a partir de ações na esfera pública.

Na esfera pública são encontradas muitas dificuldades. Uma delas, estudada por Acioli e Santos (2015) diz respeito à maquiagem da pobreza resultando em máscaras passíveis de serem rejeitadas publicamente evidenciando o papel que as representações possuem na construção de mecanismos normativos informais de exclusão e de controle social. Nesta lógica abordada por esses autores combina-se a pobreza e a prática da criminalização, através de mecanismos jurídicos e práticas cotidianas que encobertam a pobreza simbolicamente tornando-a passível de ser percebida como excluída, extirpada da sociedade. Toda essa dinâmica só favorece a manutenção da desigualdade através de uma rede de legitimações e traz irremediáveis consequências e maiores aviltamentos a essa parte da população já tão concretamente excluída.

E, mais recentemente Accorssi e Scarparo (2016) visaram conhecer os impactos psicossociais que a condição de pobreza imprime nas pessoas que vivem essa condição a partir da representação social da pobreza. Seu estudo delineou duas dimensões do processo representacional, um abordou a vivência na pobreza e outro descreveu as visões sobre a pobreza, a partir do relato de mulheres que socialmente são reconhecidas como pobres. As autoras identificaram a representação social da pobreza dessas participantes marcada por uma dualidade: a presença de sentimento que revelam dor e o cumprimento de expectativas sociais e morais vinculadas ao pensamento social das classes mais abastadas.

1.2.1 A dimensão afetiva e a metarrepresentação das representações sociais

Considerados como importantes aspectos dentro do processo de construção das representações sociais, a dimensão afetiva e a metarrepresentação das representações sociais serão sucintamente descritas neste tópico.

Arruda (2009) considera que o mesmo lugar para a produção de representações sociais é também lugar de uma intensa atividade afetiva, o cotidiano. Partindo dessa consideração a autora faz um resgate das proposições teóricas iniciais de (Moscovici, 1976) de referências à presença dos afetos, concluindo que os afetos estão na base da construção das representações sociais. A partir daí, reconhece a necessidade de mais estudos da relação dos afetos nas representações sociais que só aparecem como pano de fundo nas pesquisas da área e aponta a retomada dos principais processos de construção

das representações, tais como, a pressão a inferência, a categorização, os juízos avaliativos, entre outros, sob o ângulo dos afetos como um ponto de partida.

Pombo-de-barros e Arruda (2010) explicitam a importância da afetividade na discussão das representações sociais, ressaltando os processos cuja constituição é marcada pela afetividade, que são o de pertença social e a da potencialidade individual. Para as autoras, a processualidade das representações sociais é movida por afetos, identificações e diferenciações, sendo uma forma de conhecimento que ao permitir a manutenção do vínculo social também permite apropriações individuais.

Entre os estudos que analisam o campo afetivo associado às representações sociais está o de (Bonomo, Faria, Souza, & Brasil, 2012) a partir da tomada de posição de indivíduos não ciganos frente ao objeto social 'ciganos'. Os autores identificaram núcleos de sentimentos caracteristicamente positivos, negativos e ambíguos. Sentimentos que variaram de curiosidade, encantamento e admiração à insegurança, medo e mal-estar.

Outro estudo que investigou a articulação entre campo afetivo e representações sociais foi o de Bonomo (2010). A autora analisou as representações sociais de rural e cidade a partir de integrantes de quatro gerações de moradores de uma comunidade rural. Como estratégia de captação do campo afetivo, foi utilizado neste estudo o relato de como o participante se sentia quando estava na cidade e no território rural. Os resultados deste estudo confirmaram a existência de um campo afetivo compartilhado, indicando a associação do território rural a afetos positivos e a cidade conferiu-se significação negativa e ameaçadora. Identificar a dimensão afetiva relacionada à elaboração

da representação social de pobreza dos sujeitos deste estudo possibilitará analisar de que forma este contexto de vida marca a trajetória destes sujeitos, contrastando ainda as semelhanças e as diferenças entre as gerações.

Ao estudar a dimensão psicossocial do processo inclusivo em famílias pobres, (Botarelli, 2011) notou que a condição social é fator de sofrimento, dor que se presentifica nos momentos em que sofrem/sentem preconceito e falta de dignidade. Salienta ainda que estes sentimentos estão ligados à relação familiar, por exemplo, envoltos na vergonha dos pais por não conseguirem evitar as humilhações sociais que os filhos sofrem.

O outro aspecto a ser considerado no processo de construção das representações sociais são as crenças a respeito das crenças do outro sobre si mesmo, ou do grupo ao qual pertence, a metarrepresentação, ou seja, o conhecimento acerca das representações (Batista & Bonomo, 2016; Teixeira, 2006). Entende-se que a metarrepresentação poderá fornecer elementos importantes para análise do lugar que os membros de um grupo de sujeitos acreditam ocupar no imaginário de outro grupo social (Bonomo & Souza, 2013). Com esta informação intenciona-se abarcar os estereótipos e imagens sociais ligados a representação social do objeto, ampliando a compreensão da mesma e de sua funcionalidade.

Assim, a partir da abordagem da TRS e do caráter social do seu processo de produção, não só por serem compartilhadas por indivíduos de um mesmo grupo, mas também por serem coletivamente constituídas e desempenharem funções sociais importantes como orientar as comunicações e os comportamentos (Vala, 2004). Pretende-se neste estudo investigar as

representações sociais de ‘pessoa pobre’ compartilhada por pessoas que vivem nesta condição social, bem como, suas experiências de vida em duas gerações. Com isso, acredita-se que será possível contribuir para obtenção e ampliação do conhecimento sobre a pessoa pobre e o seu contexto de vida, o que poderá auxiliar na produção de intervenções psicossociais mais acertadas com este público.

Destaca-se que essa pesquisa propõe-se a ouvir e considerar o conhecimento sobre sua condição objetiva de vida das próprias pessoas reconhecidas socialmente como pobres. Tal perspectiva é escassa na literatura (Accorssi & Scarparo, 2016; Silva & Souza, 2010) e importante na perspectiva do desenvolvimento humano (Sen, 2000).

1.4 Objetivos e Método

Objetivo Geral

O objetivo geral a presente tese foi investigar a vivência da pobreza tal como a percebem pessoas que vivem nesta condição social.

Objetivos específicos

- a) Identificar representação social dos objetos: “Pessoa Pobre”, “Pessoa Rica” e “Família” de membros de famílias pobres;
- b) Identificar representação social dos objetos: “Pessoa Pobre”, “Pessoa Rica” e “Família” de profissionais vinculados a programas de proteção social básica do SUAS.

- c) Conhecer o campo afetivo da vivência na condição social de pobreza junto a membros de famílias pobres.
- d) Conhecer a metarrepresentação de 'pessoa pobre' para membros de famílias pobres.
- e) Conhecer o contexto de produção das representações sociais de pobreza por meio da descrição das práticas cotidianas contidas em relatos experiências de vida em duas gerações distintas, mães e filhos de famílias pobres.

Método

Com a finalidade de se alcançar os objetivos da pesquisa será descrita em linhas gerais a abordagem metodológica escolhida e maiores detalhes acerca de cada um dos instrumentos e procedimentos de análise serão descritos nos capítulos subsequentes juntamente com a apresentação e discussão dos resultados de cada estratégia metodológica adotada, a saber: a associação livre de palavras, a análise de conteúdo do questionário e as entrevistas individuais.

1.4.1 Desenho básico da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida com enfoque qualitativo de caráter descritivo-analítico e com abordagem pluri-metodológica. A opção por diferentes técnicas e métodos para estudar o mesmo fenômeno, também denominada de triangulação de métodos, é apontada por diversos autores como imprescindível para conferir maior confiabilidade à pesquisa e proporcionar a obtenção de um conhecimento em profundidade (Bauer & Gaskell, 2002; Creswell, 2007; Flick,

2009). Dentre as possíveis formas de triangulação (Apostolidis, 2006) a presente pesquisa utilizou a de dados e a metodológica.

Participantes e procedimentos de coleta de dados

Na primeira estratégia metodológica empregada a “Associação livre de Palavras” participaram 73 (setenta e três) profissionais de nível superior que atuavam na proteção básica do SUAS e, 112 pessoas, membros de famílias que vivem na condição social de pobreza.

Especificamente entre os profissionais fizeram parte: 46 assistentes sociais, 22 psicólogos e 03 educadores físicos. Eles estavam lotados nos CRAS e na Gerência da Proteção Básica dentro da Secretaria de Assistência Social do município onde foi desenvolvida a pesquisa. O critério para inclusão nesse grupo era ter no mínimo seis meses de trabalho na proteção básica do SUAS e aceitar voluntariamente participar da pesquisa.

Considerando que a família pobre é o público alvo de intervenção desses profissionais, o que remete ao fato de interagirem amplamente com elas, dirigindo ações e práticas buscando alcançar objetivos compatíveis com o serviço em que estão inseridos; considerando também, que o conhecimento construído e compartilhado por eles sobre a rede de significados: “‘pessoa pobre’ - ‘pessoa rica’ - ‘família’” é um importante referencial para balizar o trabalho que eles desenvolvem, optou-se por incluir esse grupo de participantes na pesquisa.

E entre as famílias, os critérios para inclusão neste grupo de participantes era ser maior de 18 anos e possuir o CadÚnico. Como já explicitado na introdução desse estudo, o CadÚnico é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, para o Ministério de Desenvolvimento Social. Apenas

junto a esse grupo de participantes, os membros de famílias com CadÚnico, foi aplicado ainda um questionário com perguntas referentes a dimensão afetiva e a metarrepresentação, sendo esta a segunda estratégia metodológica empregada. Optou-se por este grupo de participantes, pessoas com inscrição no CadÚnico do MDS, com o intuito de atender a um critério objetivo na conceituação de pessoa pobre e conseqüentemente, vivência na condição de pobreza, foco e objetivo desse trabalho, uma vez que como já foi visto, a conceituação e a mensuração da pobreza são extremamente complexas. Esse critério se mostrou bastante acertado uma vez que a autodeclaração do participante sobre sua classe social se revelou desconexa, em muitos casos, com o critério econômico, ou seja, muitas pessoas não se reconheciam como pobres mesmo tendo uma renda baixa. Outra consideração importante na adoção desse grupo de participantes está no fato de que seu contato e participação, mesmo que breve, na política pública de Assistência Social, possibilita uma base em comum para futuros diálogos do conhecimento aqui produzido com este setor.

Seguindo as orientações do instrumento que regulamenta as pesquisas em Assistência Social no município de Vitória/ES, foi protocolada uma solicitação de análise do projeto da presente pesquisa. Após aprovação por uma comissão designada para este fim foi autorizada a ser executada dentro dos equipamentos do município. Para tanto, foi concedida uma “Carta de Apresentação” com encaminhamento do pesquisador solicitando que o mesmo fosse recebido e a pesquisa fosse viabilizada.

Com a autorização constante desse documento os dados foram coletados em todos os 12 (doze) CRAS distribuídos por todas as regiões do município.

Primeiramente era feito o contato com os coordenadores do equipamento informando sobre os objetivos da pesquisa e posteriormente era marcando o melhor momento para a aplicação dos instrumentos com os profissionais da equipe de atendimento psicossocial.

Na grande maioria dos casos a coleta ocorreu nas sextas-feiras, pela manhã, dia em que só há expediente interno e acontecem as reuniões das equipes para planejamento. Como os profissionais tem horários de trabalho diferenciados durante a semana, nas sextas-feiras era possível encontrá-los todos juntos. A coleta foi feita tanto coletivamente, durante essas reuniões, como individualmente, quando necessário, o que ocorreu em menor proporção. A adesão à pesquisa por parte dos profissionais foi muito satisfatória eles participaram de forma voluntária, anônima e individual.

Após a anuência dos coordenadores do serviço, deu-se a entrada no campo de pesquisa. Durante o período de coleta com os profissionais que se dispuseram a participar como informantes da pesquisa foi combinado o momento mais conveniente para a abordagem dos usuários alvos de nosso interesse.

Os instrumentos foram aplicados em usuários de 11, dos 12 CRAS do município. Somente em um CRAS não foi possível a coleta. Por motivo de mudança do local onde o serviço era oferecido havia somente atendimento emergencial aos munícipes durante todo o período em que a coleta de dados foi realizada.

Com o apoio dos técnicos dos equipamentos a coleta dos dados ocorreu principalmente de forma coletiva e com a colaboração de auxiliares de pesquisa (outros pesquisadores e/ou os próprios profissionais do serviço) em reuniões e/ou

oficinas que acontecem como parte das ações de acompanhamento das famílias.

O apoio na aplicação coletiva dos instrumentos foi necessário devido ao fato de vários participantes serem iletrados. Em tais casos era designado um auxiliar que ficava ao lado da pessoa para anotar as respostas que eram verbalizadas. As respostas foram compiladas integralmente da forma como foram verbalizadas. Nessas reuniões a pesquisadora se apresentava aos usuários e potenciais informantes, explicava os objetivos da pesquisa e perguntava sobre sua disposição para colaborar com a mesma. Em alguns dos CRAS onde a coleta foi realizada dessa forma, ou seja, após reuniões com as famílias, a pesquisadora se disponibilizou e em parceria com o profissional responsável pela condução da reunião, realizou palestras e dinâmicas, e ao final eram aplicados os instrumentos.

A coleta também aconteceu de forma individualizada. Para isto a pesquisadora frequentava os CRAS, principalmente em dias de “Acolhida”. Em dias e horários pré-estabelecidos e divulgados para a população, as pessoas comparecem ao CRAS para agendar atendimento ficando nas “salas de espera” aguardando a vez de serem chamadas. Nessas ocasiões a pesquisadora as abordava, se apresentava e perguntava sobre a possibilidade de colaboração na pesquisa. Em todos os CRAS onde essa estratégia se desenvolveu dessa forma, foi oferecido um local apropriado para pesquisadora levar o munícipe e aplicar os instrumentos de forma sigilosa. Não houve qualquer caso de recusa à participação na pesquisa por parte desse grupo de sujeitos. A participação foi voluntária, anônima e individual.

Com o objetivo de caracterizar as famílias participantes, incluindo a descrição de suas práticas cotidianas de manutenção/superação da pobreza e suas histórias de vida em duas gerações distintas, foram selecionadas entre estas 09 (nove) duplas, cada uma delas formada por mãe e filho (a), com o intuito de serem feitas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado que configura a terceira estratégia metodológica adotada.

Os critérios para inclusão nesta estratégia foram: Concordarem com a participação na pesquisa, tanto a mãe (ou pai) como também um (a) dos (as) seus (suas) filhos (as) maiores de 18 anos e que já tivessem constituído (sua própria) família, sendo condição adicional que os dois integrantes da díade vivam em situação de pobreza (possuam CadÚnico). Uma vez que já se tinha estabelecido contato com as famílias durante a etapa anterior, e com os profissionais, foi solicitada aos profissionais das equipes de acompanhamento das famílias a indicação de duplas com o perfil dentro dos critérios estabelecidos para participação. A partir da lista que os profissionais das equipes forneceram foi feito o contato (telefônico) indagando sobre a possibilidade de participação na pesquisa. Tal forma de contato gerou um número baixo de participações, indicando que o telefone não era a melhor forma de contatar essas famílias, uma vez que alguns mudam seus números com frequência; ou o número é de uma terceira pessoa (para deixar recado); ou o telefone está desligado (cortado). Ficou evidente que esse tipo de contato gerou desconfiança nas pessoas.

Adotamos então outras estratégias como, por exemplo, participar das oficinas oferecidas para as famílias acompanhadas, nas quais foi possível fazer o contato pessoalmente com pelo menos uma das pessoas da dupla. A

pesquisadora participava da oficina junto com as famílias e abordava em momento apropriado os possíveis participantes. Em outra forma, a partir de uma colaboração imprescindível dos profissionais, a pesquisadora era informada do dia e horário que uma pessoa com o perfil para participar dessa etapa da pesquisa havia marcado algum atendimento no CRAS, e na data agendada comparecia para fazer a abordagem pessoalmente.

As entrevistas foram realizadas com cada participante separadamente e em local que cada um deles considerasse mais conveniente entre duas opções possíveis: no CRAS ou em sua residência, desde que houvesse privacidade para responder a pesquisa. A maioria das entrevistas foi realizada dentro dos CRAS, principalmente porque no decorrer dessa etapa da coleta de dados os profissionais do CRAS alertaram para o fato de que o bairro onde algumas entrevistas foram agendadas estava “muito perigoso”, inclusive com ocorrência recente de tiroteios.

Houve apenas uma desistência nesta etapa da pesquisa: a de uma mãe que alegou não estar se sentindo bem no momento, o que ocorreu após já ter sido feita a entrevista com a pessoa da segunda geração (sua filha). A entrevista com a filha não foi considerada na análise dos dados.

A seguir, apresenta-se um quadro que resume os procedimentos metodológicos adotados na presente tese.

Quadro 01- Organização Geral da Tese

Tese	Objetivos	Participantes	Método de Coleta de dados	Análise dos dados	Descrição e análise dos resultados
Conjunto de dados 1	Identificar representação social de: “Pessoa Pobre”, “Pessoa Rica” e “Família”	Profissionais do SUAS Membros de famílias com CadÚnico SUAS	Questionário com demanda de evocações de palavras aos termos indutores	Ferramenta OpenEvoc	Cap. 2
Conjunto de dados 2	Conhecer o campo afetivo da vivência na condição social de pobreza; Conhecer a metarrepresentação de ‘pessoa pobre’	Membros de famílias com CadÚnico SUAS	Questionário com roteiro de questões abertas	Análise de Conteúdo	Cap. 3
Conjunto de dados 3	Conhecer o contexto de produção das representações sociais de pobreza por meio da descrição das práticas cotidianas contidas em relatos experiências de vida	Mães e filhos membros de famílias com CadÚnico SUAS	Entrevista com roteiro semiestruturado	Análise com base fenomenológica e construção de Estruturas Narrativas	Cap. 4

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados gerados a partir de cada estratégia metodológica adotada foram divididos em três conjuntos. Os instrumentos, resultados e discussões serão detalhadamente apresentados da forma que segue: o capítulo 2, orientado pela abordagem estrutural das RS, descreve a análise prototípica das representações sociais de pessoa pobre, de pessoa rica e de família para profissionais do SUAS e para membros de famílias com CadÚnico SUAS; no capítulo 3 são trabalhados os dados produzidos a partir da análise de conteúdo do questionário abrangendo o campo afetivo e a metarrepresentação da representação de ‘pessoa pobre’; e

no capítulo 4, aborda as estruturas narrativas das duplas, mães e filhos, buscando a contextualização da produção dessa representação e as práticas sociais geracionais. Por fim no capítulo 5, as considerações finais apresentam uma análise integrativa dos resultados das diferentes metodologias explicitadas nos capítulos anteriores.

1.5 ASPECTOS ÉTICOS

É importante ressaltar que essa pesquisa foi desenvolvida respeitando-se a resolução 196/96 versão 2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas exigências éticas, tais como participação voluntária, o esclarecimento dos objetivos de pesquisa e procedimentos aos participantes, o direito a interrupção de sua participação sem quaisquer prejuízos, a garantia de anonimato e o oferecimento de apoio psicológico e encaminhamento, se necessário.

As atividades de entrevista foram realizadas após a assinatura do ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’ (Apêndice A) de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde a respeito da realização de pesquisa envolvendo seres humanos. Portanto, reitera-se que o referido termo ofereceu subsídios sobre o objetivo da pesquisa, a forma de coleta e o armazenamento dos dados (entrevista, gravação de áudio), garantia do sigilo da identidade dos participantes na divulgação de resultados e a possibilidade de desistência da participação a qualquer momento, entre outras informações.

CAPITULO 2 - CAMPO REPRESENTACIONAL DOS OBJETOS “PESSOA POBRE”, “PESSOA RICA” E “FAMÍLIA” PARA PESSOAS POBRES E PARA PROFISSIONAIS DO SUAS: INDICAÇÃO DE ESTRUTURAÇÃO

“Não existe separação entre o universo externo e o universo interno do indivíduo (ou do grupo). Sujeito e objeto não são forçosamente distintos” (S. Moscovici).

2.1 Questionário para indução de Associação Livre de Palavras

Foi utilizada a técnica da Evocação Livre que, segundo (Sá, 1996) “consiste em se pedir aos sujeitos que, a partir de um termo indutor (normalmente o próprio rótulo verbal que designa o objeto da representação) apresentado pelo pesquisador, digam as palavras ou expressões que lhes tenham vindo imediatamente à lembrança” (p.115).

O procedimento incluiu a utilização de um questionário (Apêndices B e C) contendo itens de caracterização dos participantes, tais como: idade, cor, sexo, faixa de renda familiar, religião e nível de envolvimento religioso dos respondentes, no qual os participantes deveriam indicar a alternativa mais próxima de sua realidade, dentre as seguintes: muito envolvido, envolvido e pouco envolvido.

Este questionário continha também cinco espaços em branco para o preenchimento das respostas de evocação, uma vez que essa foi a quantidade pré-estabelecida de evocações solicitadas. Contudo, no instrumento não constava o termo indutor, que só veio a ser fornecido pela pesquisadora no momento da instrução no local de aplicação. Tal procedimento justifica-se pelo fato de

proporcionar melhor controle do tempo de evocação para os respondentes nos casos de aplicação coletiva. Ao término do tempo dado para o preenchimento dos dados de caracterização dos respondentes, foi dada a seguinte instrução: “escreva as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe vem à cabeça ao pensar em ‘pessoa pobre’”. A seguir, após os participantes terem respondido, a mesma instrução era reapresentada para o termo indutor ‘pessoa rica’. Em um terceiro momento reapresentava-se a instrução, agora para o termo indutor ‘família’.

A escolha dos termos indutores “pessoa pobre” e “pessoa rica” foi efetivada a partir da consideração de sua antinomia, daí que eles formam uma rede de significações complementares, sendo seus significados construídos socialmente por oposição, acredita-se, portanto que este reconhecimento se torna uma importante fonte de compreensão desses objetos sociais. E, para o termo indutor “família” foi levada em consideração à importância que esse objeto social recebe na vivência para os membros de famílias pobres conforme encontrado na literatura da área que já foi explicitada anteriormente, e também, a importância que assume para a política pública de Assistência Social, sendo foco de investimento e de atenção, outrossim, levou-se em consideração o fato que a compreensão de “família” forma uma rede de significações juntamente com o entendimento de “pessoa pobre” e “pessoa rica”.

2.2 Organização e Análise de dados provenientes da Associação Livre de Palavras

O conjunto de dados, proveniente da aplicação da técnica de Associação Livre foi processado com o auxílio do software openEvoc 0.83 desenvolvido por

Sant'Anna (2012) e organizado segundo critérios de agrupamento pela técnica de distribuição em quatro quadrantes, conforme apresentada por (Oliveira, Marques, Gomes, & Teixeira, 2005). Essa organização é feita a partir da interseção da frequência média (f) de evocação do inteiro conjunto de palavras evocadas com a média das suas respectivas ordens médias de evocação (OME). Através dessa distribuição, utilizando-se esses dois critérios, é possível discriminar o núcleo central, no primeiro quadrante superior esquerdo, e o sistema periférico, assim dividido: elementos intermediários localizados na primeira periferia, no segundo quadrante superior direito, e na zona de contraste, no terceiro quadrante inferior esquerdo e pelos elementos periféricos, também chamados de segunda periferia, no quarto quadrante inferior direito (Oliveira et al., 2005).

Contudo é importante ressaltar que na interpretação desse resultado, no quadrante do núcleo central há uma hipótese de centralidade, ou seja, não necessariamente todos os elementos pertencentes a esse quadrante são centrais, mas “os elementos do núcleo central das representações sociais têm uma boa probabilidade de estarem representados por algumas das palavras contidas nessa zona” (Wachelke & Wolter, 2011, p.522).

Existem cálculos para teste de centralidade, mas não foram realizados neste estudo. O mesmo ocorre com os elementos nos demais quadrantes, ou seja, eles provavelmente são periféricos. Ainda na interpretação dessa organização, a leitura dos demais quadrantes é a seguinte: na primeira periferia encontram-se os elementos com alta frequência e alta ordem de evocação, são elementos salientes mais secundários da representação.

A previsão de realização de procedimento para cálculo de centralidade foi colocada em segundo plano a partir do contato com o campo e identificação de condições nas quais a coleta de dados poderia ocorrer e que assim se concretizou. O contexto no qual se deu a aplicação dos questionários exigia bastante cuidado com o tempo utilizado para a realização de tal tarefa para evitar eventuais embaraços nas rotinas de seu funcionamento. No presente caso, os equipamentos públicos da assistência social (CRAS) nos quais os usuários participantes estavam em busca de atendimento e no caso dos profissionais, estavam em seu local de trabalho com alta demanda. Desta forma, optamos por não incluir no instrumento que coletou evocações sobre três objetos instrução para hierarquização das respostas.

Avaliamos que reorganizar as palavras evocadas em ordem de importância configuraria trabalho cognitivo que aumentaria a complexidade da tarefa tornando-a potencialmente mais difícil e demorada – isso considerada a dificuldade que participantes iletrados possivelmente encontrariam mesmo contando com o auxílio de pesquisadores para escrever. Quanto aos profissionais investigados, para padronizar o tipo de dado, seguimos o mesmo padrão coletando as evocações tal como expressas sem solicitar a hierarquização dos termos escritos em ordem de importância.

Ainda considerando outros tipos de testagem de centralidade, elas não exigiriam esse “tempo a mais” na execução, mas demandariam um retorno aos respondentes num momento posterior, e no caso do presente estudo também haveria um alto grau de dificuldade para realizar essa tarefa, porque os participantes desse estudo não são de fácil acesso, eles estão divididos em treze

locais diferentes que ficam espalhados por toda extensão da capital, vários em bairros de difícil acesso.

De outro modo, e considerando o que foi acima exposto, optou-se por trabalhar com o campo comum da representação com indicação de possível estruturação. Entretanto é necessário advertir que a estratégia metodológica adotada pela pesquisadora foi a combinação de procedimentos e instrumentos que em conjunto permitissem obter dados de forma a sustentar/apoiar tal indicação de estruturação. Ou seja, o recurso a aportes metodológicos combinados possibilitará ampliar a compreensão da estrutura representacional.

Na segunda periferia encontram-se os elementos menos frequentes na estrutura da representação do grupo e, na zona de contraste, encontram-se elementos com baixa frequência e baixa ordem de evocação, isto é, são importantes para poucos sujeitos, isso pode ser interpretado como a possibilidade de haver um subgrupo que valoriza elementos diferentes da maioria, o que pode resultar até numa representação diferente do grupo ou são elementos complementares da primeira periferia (Oliveira et al., 2005; Wachelke & Wolter, 2011).

A opção pelo programa openEvoc foi por considerá-lo adequado ao tratamento de dados decorrentes de associação livre de palavras e por ter sido desenvolvida de forma articulada com a teoria do núcleo central das RS. Em comparação com o programa tradicionalmente usado para esta mesma finalidade, o software EVOC (*Ensemble de programmes permeltant l'analyse des évocations*) (Vergès, 1992), o openEvoc possui as seguintes características que foram consideradas na sua escolha: é gratuito, com instruções claras, pode ser

executado a partir de qualquer navegador da Web e oferece rapidez de processamento. Segundo seu autor, o openEvoc “foi planejado para oferecer recursos de apoio à coleta, processamento, análise e visualização de dados a partir de funções básicas da estatística descritiva” (Sant’Anna, 2012, p.98) e com funcionalidades como: possibilidade de criação e edição de questionários online nos modos coleta e transcrição; geração de gráficos estatísticos simples acompanhados das respectivas tabelas de dados com as frequências absolutas e relativas; geração da tabela de contingências; entre outros, o recurso que nos interessou e foi utilizado nesse estudo foi a construção do quadro de frequências e da ordem de evocação a partir dos dados coletados. A versão utilizada nesta pesquisa foi encontrada em (<http://www.hugocristo.com.br/projetos/openevoc/>).

2.3 Caracterização dos Participantes

2.3.1 Profissionais da proteção básica do SUAS

Esse grupo foi composto por setenta e três profissionais de nível superior que trabalhavam, no momento da coleta, no nível básico de proteção do SUAS, principalmente nos CRAS. Houve perda de dois formulários por não conter a quantidade de evocações solicitadas. Compõem essa amostra 64,79% de assistentes sociais, 30,99% de psicólogos e 4,23% de educadores físicos.

As idades informadas pelos profissionais estão no intervalo entre 25 e 55 anos de idade, com média de 35,8 anos. Dos 71 participantes que o formulário foi analisado, 65 são do sexo feminino e 06 são do sexo masculino.

Quanto à religião dos participantes a amostra ficou distribuída da seguinte forma: 45,07% de católicos; 22,54 de protestantes/evangélicos; 8,45% de cristãos; 4,23% de espíritas, e 7,04% sem religião. Quanto ao envolvimento

religioso esse grupo divide-se em 50,7 % que se declararam atuantes e 25,35% pouco atuantes. Somando-se os que não têm religião, para quem esse item não cabe, e os que não responderam, somam-se 23,94% dos integrantes desse grupo de profissionais.

2.3.1 Membros de famílias pobres

Participaram desse grupo do estudo 112 pessoas, contudo 03 instrumentos não puderam ser incluídos na análise, os motivos foram: letra ilegível, e/ou não respondeu a quantidade de evocações solicitadas. Foram então analisados 109 formulários para coleta da Associação Livre de Palavras. Esse grupo possui idades compreendidas entre 19 e 83 anos, com média de 38,8 anos, das quais pouco mais de 90% eram mulheres membros de famílias que possuíam o CadÚnico. A distribuição deste grupo em relação à escolaridade ficou assim caracterizada: 54,21% com o ensino fundamental (1º ao 9º ano) incompleto; 21,5 % com o ensino fundamental completo; 11,21% com o ensino médio (1º ao 3º ano) incompleto; 11,21% com o ensino médio completo; 0,93% com o ensino superior incompleto e 0,93% com o ensino superior completo. Em tal grupo, portanto, 75,71% dos integrantes encerraram sua escolarização no nível do ensino fundamental.

Quanto à religião os participantes assim se declararam: 42,99% como protestantes/evangélicos; 32,71% como católicos; 13,08% como cristãos; 7,48% não responderam; e com distribuições idênticas (0,93%): espíritas, candomblecistas e testemunhas de Jeová. Foi também perguntado sobre nível de envolvimento religioso dos participantes, ficando a amostra dividida em 49,53%

muito envolvidos e 40,18% pouco envolvidos, tendo ocorrido ainda 8,41% de abstenções.

Com relação à situação empregatícia a distribuição dos participantes foi: 63,55% de pessoas desempregadas, 13,08% de pessoas empregadas e 1,86% de pessoas aposentadas, e 5,61% não responderam. Ficam em caracterização especial neste item 15,89% dos participantes que a ocupação “do lar”. Portanto, o percentual de participantes sem renda fixa mensal por estarem sem emprego ou por atuarem em atividades “do lar” sem remuneração, alcançou 79,44% do grupo no momento em que foi realizada a pesquisa.

As profissões/ocupações exercidas mais citadas, não considerando a já mencionada atividade “do lar”, que mesmo não sendo exclusiva compõe o conjunto de atividades de muitas participantes do estudo, foram: ASG-Auxiliar de Serviços Gerais, mencionada por 14,95% dos participantes, e atuar como autônomo ou fazer “bicos”, indicada por 9,34 dos integrantes do grupo. Destaca-se que 11,21% dos participantes não indicaram quaisquer ocupações. Quanto à distribuição da faixa de renda mensal familiar os participantes ficaram assim escalonados: 65,42% inferior a um salário mínimo, 29,91% entre um e dois salários mínimos e 1,87% entre três e quatro salários mínimos. Não há renda superior a essa faixa, o que está de acordo com os critérios para seleção da amostra. Houve 2,8% de abstenções a essa pergunta.

Completando as informações solicitadas, declararam participar do Programa de Transferência de Renda “Bolsa Família” 70% dos participantes. Construindo um perfil dos participantes desse grupo a partir das características que abrangem a maior porcentagem da composição da amostra (acima de 65%)

obtém-se o seguinte resultado: Esse grupo é composto majoritariamente por mulheres, cristãs, com escolaridade até o ensino fundamental, sem remuneração fixa, com a renda mensal familiar inferior a um salário mínimo e que recebem recursos do programa “Bolsa Família”.

Tabela 1 - Caracterização e comparação dos grupos de participantes

Características	MEMBROS DE FAMÍLIAS POBRES (N=109)	PROFISSIONAIS DO SUAS (N=71)
Sexo	93% F 7% M	91% F 8% M
Idade	19 mínima 83 máxima	25 mínima 55 máxima
Religião	42,99% Prot./Evangélicos 32,71% Católicos 13,08% Cristã 3,72% Demais religiões	45,07% Católicos 22,54% Prot./Evangélicos 8,45% Cristã 4,23% Demais religiões
Escolaridade	7,48% Não resp.+ não tem 75,71% Nível fundamental (incomp.+completo) 22,42% Nível Médio (incomp.+completo) 1,86% Nível superior (incomp.+completo)	19,71% Não resp.+ não tem 100% Nível superior

2.4 Análise Prototípica

Com o auxílio do programa openEvoc 0.83 foram analisadas primeiramente as respostas dos dois grupos de participantes sobre os objetos: “pessoa pobre” e pessoa rica” e depois sobre o objeto “família”. Os procedimentos e critérios adotados nesta análise que foram iguais para os três termos e os dois grupos de participantes foram:

- Todas as evocações para cada termo foram agrupadas conforme procedimento de lematização antes do processamento dos dados. Por lematização entenda-se que agrupamos somente as palavras que compartilhavam do mesmo radical e da mesma classe, sendo rotuladas pela resposta que era mais frequente.

- O critério adotado por convenção para corte das frequências foi a metade da frequência da forma com maior ocorrência em todo o *corpus*.

- Foi empregado o critério da mediana para o ponto de corte da ordem de evocação. Então, para o grupo dos membros das famílias pobres, como foram 3 respostas analisadas por participantes o valor do ponto de corte foi 2 e para o grupo dos profissionais do SUAS como foram 5 respostas analisadas por participantes o mesmo foi 3.

A Tabela 2 apresenta os resultados da análise prototípica para os termos “pessoa pobre”, “pessoa rica”, para os membros de famílias pobres e para os profissionais do SUAS. A linha condutora da descrição da análise dos resultados obtidos se dará primeiramente no eixo horizontal da tabela identificando e comparando-se a estrutura representacional dos dois objetos e seu campo representacional para cada grupo de participantes e depois no eixo vertical, através da análise comparativa das representações de cada um dos dois objetos entre os grupos diferentes. Por fim, se descreve a estrutura representacional do objeto “família” (Tabela 3) para cada um dos grupos e a análise comparativa desse objeto entre os dois grupos.

Tabela 2 - Análise prototípica dos objetos: ‘pessoa pobre’ e ‘pessoa rica’ para membros de famílias pobres e para profissionais do SUAS.

Grupo Membros de Famílias Pobres											
RS de Pessoa Pobre						RS de Pessoa Rica					
Núcleo Central			1ª Periferia			Núcleo Central			1ª Periferia		
f %	f >= 3 / OME <2	OME	f %	f >= 3 / OME >2	OME	f %	f >= 3 / OME <2	OME	f %	f >= 3 / OME >2	OME
7,48%	Tristeza	1,38	4,36%	Necessidade	2,07	6,29%	Dinheiro	1,65	5,03%	Tem tudo	2,06
6,85%	Dificuldade	1,68	3,12%	Fome	2,1	3,46%	Metido	1,82			
3,74%	Sufrimento	1,83									
Zona de contraste			2ª Periferia			Zona de contraste			2ª Periferia		
f %	F < 3 / OME <2	OME	f %	F < 3 / OME >=2	OME	f %	F < 3 / OME <2	OME	f %	F < 3 / OME >=2	OME
2,8%	Humilde	1,44	2,49%	Desempregado	2,88	2,52%	Poder	1,63	2,83%	Carro	2,44
1,84%	Humilhação	1,83	2,18%	Precisa de ajuda	2,57	1,57%	Felicidade	1,6	2,2%	Fartura	2,14
1,87%	Sem dinheiro	1,83	1,56%	Preconceito	2,2	1,57%	Facilidades	1,6	1,89%	Desprezo	2
1,56%	É o diabo	1,6	1,25%	Sem condições	2,25	1,57%	Tranquilidade	1,6	1,57%	Luxo	2
1,56%	Lutar	1,8	1,25%	Inferior	2,5	1,26%	Lutou	1,75	1,57%	Oportunidade	2
1,56%	Não tem nada	1,8	1,25%	Sem moradia	2,5	1,26%	Saúde	1,75	1,26%	Orgulho	2
1,25%	Mendigo	1,25							1,26%	Mansão	2
1,25%	Falta de Oportunidade	1,75									
Grupo Profissionais do SUAS											
RS de Pessoa Pobre						RS de Pessoa Rica					
Núcleo Central			1ª Periferia			Núcleo Central			1ª Periferia		
f %	f >= 2 / OME <3	OME	f %	f >= 2 / OME >=3	OME	f %	f >= 3 / OME <3	OME	f %	f >= 3 / OME >=3	OME
3,69%	Desigualdade	2,08	4,26%	Desemprego	3,27	6,8%	Oportunidades	2,54	3,4%	Poder	3,25
3,41%	Vulnerabilidade	2,5	2,84%	Dificuldade	3,0	5,67%	Dinheiro	2,65			
3,41%	Falta de Oportunidade	2,67	2,56%	Triste	3,11	3,12%	Acesso	2,36			
3,41%	Fome	2,75									
2,84%	Falta	2,2									
2,27%	Carência	2,25									
Zona de contraste			2ª Periferia			Zona de contraste			2ª Periferia		
f %	F < 2 / OME <3	OME	f %	F < 2 / OME >=3	OME	f %	F < 3 / OME <3	OME	f %	F < 3 / OME >=3	OME
1,99%	Sujeira	2,29	1,99%	Família	3,29	2,55%	Fartura	2,56	2,55%	Viagens	3,11
1,7%	Miséria	2,33	1,7%	Luta	3,67	1,7%	Conforto	2,83	1,7%	Ostentação	3,0
1,42%	Necessidade	1,6	1,7%	Exclusão	3,83	1,42%	Carro	1,2	1,7%	Compras	3,67
1,42%	Falta de dinheiro	2,8	1,42%	Moradia	3,6	1,13%	Renda	2,6	1,42%	Família	3,0
1,14%	Fragilidade	1,75	1,14%	Preconceito	3,0	1,13%	Sorte	2,0	1,13%	Facilidades	3,25
1,14%	Ausência	1,75	1,14%	Sufrimento	3,5	1,13%	Estudo	2,25	1,13%	Desigualdade	3,75
1,14%	Oportunidade	2,5	1,14%	Sem acesso	3,5				1,13%	Trabalho	3,75

2.4.1 Estrutura Representacional de “pessoa pobre” para membros de famílias pobres

Observa-se nessa organização que as três palavras que provavelmente compõem o núcleo central da representação social de “pessoa pobre” entre os membros de famílias pobres são “tristeza”, “dificuldade” e “sofrimento”, todos com conotação negativa. Esses elementos parecem indicar que o significado de ‘pessoa pobre’ compartilhado por este grupo está fortemente relacionado com a experiência de sentir tristeza e sofrimento associado com passar por dificuldades,

o que demonstra uma forte identificação com o objeto com o qual se estabelece um vínculo ao nível da experiência.

Os sentimentos de tristeza e sofrimento expressos como elementos centrais evidenciam uma dimensão afetiva importante nessa representação e um posicionamento dos membros do grupo frente ao objeto, através da experiência emocional, isso pode corroborar para uma visão da natureza afetiva desse objeto para essas pessoas mais particularmente, por se tratar de uma vivência muito próxima que é o tipo de relação que o grupo mantém com esse objeto, demonstrando uma assimilação identitária com ele. Sentir essas emoções pode estar associado ao terceiro elemento que compõe esse sistema central, o elemento “dificuldade”.

A palavra “dificuldade” pode indicar que o significado de “pessoa pobre” para esse grupo está associado com o passar por dificuldades na vida, ter uma vida difícil, árdua, complicada. Aponta ser essa característica mais marcante no contexto de vida da pessoa pobre, provavelmente ligada a todas as suas iniciativas de inserção social. O significado de ‘pessoa pobre’ então está fortemente relacionado com o passar por dificuldades, das mais diversas ordens a começar pela financeira, de saúde, de relacionamentos, de moradia, de trabalho, de conseguir provimento para si e/ou sua família. Essa ideia demonstra ser bem consensual, uma característica dos elementos do núcleo central de uma representação, pois podemos dizer que não é possível existir uma ‘pessoa pobre’ que não vai passar por alguma dificuldade decorrente da sua situação econômica, ou que não tenha mais dificuldades comparativamente a outras pessoas com situação econômica melhor.

É possível perceber a função de concretização do sistema periférico nessa representação através dos elementos que traduzem como se ancora e se contextualiza a representação desse objeto no cotidiano desse grupo: “necessidade” e “fome” na primeira periferia, “humilde”, “humilhação”, “sem dinheiro”, “é o diabo”, “lutar”, “não tem nada”, “mendigo” e “falta de oportunidade” na zona de contraste, e na segunda periferia, “desempregado”, “precisa de ajuda” “preconceito”, “sem condições”, “inferior” e “sem moradia”.

A adaptação à realidade demonstrada pelo sistema periférico evidencia uma vivência destacada por elementos com conotação negativa em sua grande maioria, essa uniformidade valorativa do sistema periférico pode estar relacionada com a pouca diferenciação em função das experiências cotidianas nas quais os indivíduos estão inseridos. O único elemento com a possibilidade de ter uma conotação positiva foi “humilde”, encontrado exatamente na zona de contraste a qual comporta os elementos que caracterizam variações da representação em função da possível existência de subgrupos que valorizam elementos distintos da maioria.

Os elementos do sistema periférico dessa representação como complemento indispensável do central traduzem outros afetos, “humilhação”, “inferior”, “preconceito”, e condições de vida “necessidade”, “fome”, “sem dinheiro”, “lutar”, “não tem nada”, “falta de oportunidade”, “sem condições”, “sem moradia” os quais atualizam e contextualizam o sistema central estando relacionados com a realidade concreta da “pessoa pobre”, estabelecendo assim uma conexão entre o núcleo central e o contexto onde são elaboradas e postas em funcionamento essas representações. Observa-se que os elementos ativados

afetivamente do núcleo central, “tristeza” e “sofrimento” e seu complemento “dificuldade” sintetizam o significado e unem os demais elementos da representação, confirmando as funções geradora e organizadora do núcleo.

2.4.2 Estrutura Representacional de “pessoa rica” para membros de famílias pobres

Para o termo indutor “pessoa rica” as duas palavras que provavelmente compõe o núcleo central da representação para este grupo são: “dinheiro” e “metido”. O conhecimento compartilhado por este grupo para “pessoa rica” é marcado por um elemento que se destacou muito, dinheiro, em relação ao segundo mais significativo, metido, indicando o aspecto unidimensional do “ter” como norteador do sentido dessa representação. A dimensão identitária da representação é expressa no elemento “metido”, atribuído ao objeto.

Como prováveis elementos periféricos, o elemento “tem tudo” compõe sozinho, a primeira periferia e chama atenção por indicar estudo de verificação de sua possível centralidade por meio de outras técnicas uma vez que possui uma frequência muito alta e uma ordem de evocação bem próxima do ponto de corte. A zona de contraste da representação foi composta pelos elementos: “poder”, “felicidade”, “facilidades”, “tranquilidade”, “lutou” e “saúde”. E a segunda periferia tem os elementos “carro”, “fartura”, “desprezo”, “luxo”, “oportunidade”, “orgulho” e “mansão”. Para este objeto é possível também verificar a função de concretização do sistema periférico, com elementos que resultam da ancoragem dessa representação na realidade e permitem sua elaboração em termos concretos e compreensíveis para o grupo.

Verifica-se que os elementos carregados afetivamente nessa representação estão presentes, mas em segundo plano, uma vez que estão

localizados no sistema periférico, eles estão dispostos da seguinte forma, os elementos intermediários “felicidade” e “tranquilidade”, na zona de contraste e com conotação positiva, podem indicar elementos salientes mais secundários, complementares da primeira periferia ou uma variação dentro dessa representação podendo indicar a existência de um subgrupo com elementos centrais carregados afetivamente. Já os elementos “desprezo” e “orgulho” na segunda periferia, também ativados afetivamente e com conotação negativa são elementos mais particularizados na estrutura da representação para este grupo.

O elemento “saúde” na zona de contraste pode indicar um subgrupo que possua uma representação com elementos centrais diferentes, com uma visão multidimensional da riqueza não vinculada somente a aspectos materiais, mas também com a noção de bem-estar. A grande maioria dos elementos que compõem a estrutura da representação do objeto “pessoa rica” para membros de famílias pobres tem conotação positiva o que pode revelar uma compreensão global de valorização desse objeto por parte desse grupo.

2.4.3 O campo representacional “pessoa pobre” e “pessoa rica” para membros de famílias pobres

Partindo-se da prerrogativa que os objetos representacionais são captados em determinados contextos e relações e que seu sentido então advém da relação com outras representações de outros objetos formando um campo de representação (Andrade, 1998). Ao analisarmos comparativamente as estruturas dos objetos “pessoa pobre” e “pessoa rica” que são pertencentes a categorias sociais opostas, logo estabelecidos de forma antagônica socialmente, foi possível verificar o estabelecimento de relação de antinomia entre os elementos presentes nas estruturas dos dois objetos, contudo, a organização interna desses pares de

elementos “antônimos”, não é similar. Foram encontrados os seguintes pares de elementos em oposição neste campo representacional: humilde-metido; tristeza-felicidade; tem tudo-necessidade (única díade encontrada na mesma zona nas duas estruturas); dificuldade-facilidade; dinheiro-sem dinheiro; falta de oportunidade-oportunidade; lutar-lutou; sem moradia-mansão; precisa de ajuda-poder.

Para exemplificar: enquanto os elementos com carga afetiva *tristeza* e *sofrimento* estão localizados de forma mais central quando se focaliza o objeto ‘pessoa pobre’, o termo que se refere ao seu antônimo, *felicidade*, encontra-se no sistema periférico da representação de ‘pessoa rica’; se por um lado os elementos *dinheiro* e *metido*, que remetem à dimensão do “ter” e do estereótipo, são significados de forma central para o objeto ‘pessoa rica’ que caracteriza o grupo ao qual não se pertence, seus antônimos, *sem dinheiro* e *humilde*, situam-se na estrutura periférica de ‘pessoa pobre’, grupo ao qual muito possivelmente esteja identificado. Ou seja, são valorados como secundários na compreensão da “autoimagem” captada pelo objeto ‘pessoa pobre’. Isto nos leva a inferir que os elementos que são relevantes para a concepção de um objeto, na organização do objeto que é seu oposto são considerados secundários e vice versa, isto é, a valoração dada aos elementos é diferenciada na estrutura de cada objeto.

Percebe-se através desse processo a função identitária da representação, funcionando como uma autodefesa para este grupo. O elemento que remete a um estereótipo negativo, *metido*, é valorado de tal forma que passa a ser central na

significação de ‘pessoa rica’, isto é, na forma como o grupo compreende “os outros” ou os que não são do mesmo grupo, “os ricos são metidos, esnobes”. Essa é uma característica da função identitária da representação social conforme propõe Abric (1998). É possível perceber uma representação a respeito daqueles “de fora do meu grupo” em que há ênfase na atribuição de características negativas a eles como forma de garantir uma imagem positiva do grupo de inserção.

Ocorre também, uma valoração maior do elemento *dinheiro* na compreensão do significado de pessoa rica, podendo ser percebido como o que a pessoa rica tem de mais singular em detrimento de outras dimensões que poderiam ter sido incluídas.

Em síntese, da análise comparativa representacional desses dois objetos para esse grupo compreendendo que as simbolizações desses objetos estão diretamente relacionadas, pode-se ter a seguinte compreensão: Para os membros de famílias pobres a pessoa pobre é triste e sofre porque passa por dificuldades, mas seu “oposto” a pessoa rica não necessariamente é “feliz” e tem uma vida tranquila, o que pesa nesse sistema de oposição é o dinheiro que nesse caso não traz felicidade.

O dinheiro, representando a posse, a propriedade, um fundamento histórico dessa diferença, ocupa a centralidade desse significado da pessoa rica, o pobre é triste, mas o rico não necessariamente é feliz. Nessa representação o dinheiro ‘vem junto’ com o orgulho, a soberba, tornando os uma pessoa metida, esnobe e o faz ser uma pessoa identitariamente diferente do outro grupo que se vê por oposição como humilde e passando por humilhação.

2.4.4 Estrutura Representacional de “pessoa pobre” para profissionais

Os elementos provavelmente centrais da representação de “pessoa pobre” entre os profissionais do SUAS são: “desigualdade”, “vulnerabilidade”, “ falta de oportunidade”, “fome”, “falta”, “carência”. Observa-se que conforme afirma Abric (1998) os elementos do núcleo central estão relacionados às condições históricas e sociais onde se destacam nessa perspectiva os elementos “fome”, “falta”, “carência” como representantes simbólicos da pobreza historicamente e de sua naturalização. Já os elementos “desigualdade” e “vulnerabilidade” evidenciam a dimensão do universo reificado presente na representação desse grupo. São conceitos teórico-científicos historicamente recentes que presentificam a dimensão da pobreza enquanto produção social. Então é possível perceber uma compreensão ambígua desse objeto por parte desses sujeitos, pensado como objeto natural e construção social ao mesmo tempo.

Os elementos intermediários presentes na primeira periferia e na zona de contraste são: “desemprego”, “dificuldade” e “triste”, “sujeira”, “miséria”, “necessidade”, “falta de dinheiro”, “fragilidade”, “ausência” “oportunidade”. E os elementos periféricos são: “família”, “luta”, “exclusão”, “moradia”, “preconceito”, “sofrimento” e “sem acesso”. É possível perceber no sistema periférico dessa representação elementos que evidenciam de forma expressiva características pessoais e situacionais do cotidiano como, por exemplo, “desempregado”, “triste”, “sujeira”, “fragilidade”, “necessidade”, “falta de dinheiro” todos diretamente relacionados com os elementos destacados no núcleo central, corroborando com a função organizadora deste (Abric, 1988).

E mais especificamente, nessa representação, percebe-se que os elementos da zona de contraste, onde se situam termos pouco frequentes, mas considerados importantes pelos sujeitos que os evocaram, não são contrastantes aos do núcleo evidenciando a possibilidade de serem elementos complementares da primeira periferia e não a indicação de um subgrupo com um núcleo central diferente.

Destaca-se como indicação para futuros estudos sobre a hipótese de centralidade a palavra “desemprego”, pois apesar de não estar na zona do núcleo central, teve uma ordem média de evocação muito próxima do ponto de corte e uma frequência muito alta, superior a do elemento com maior centralidade “desigualdade”.

Os elementos da segunda periferia embora menos frequentes indicam como as representações são concretizadas no cotidiano sendo também possível perceber sua valoração e significação relacionados aos elementos do núcleo central. A dimensão afetiva está presente no sistema periférico dessa representação através dos elementos “triste” na primeira periferia e “sofrimento” na segunda. E mais um conceito do universo reificado comparece na periferia dessa representação, o elemento “exclusão”, evidenciando a força dos conceitos produzidos academicamente para explicação desse fenômeno na compreensão do seu significado para este grupo o que pode guardar uma relação com a formação e com a prática profissional desses sujeitos como também da proximidade deles com o objeto.

2.4.5 Estrutura Representacional de “pessoa rica” para profissionais

Como prováveis elementos pertencentes ao núcleo central dessa representação estão as palavras “oportunidades”, “dinheiro” e “acesso”. O elemento “dinheiro” marca a dimensão socioeconômica como central nessa representação. Não sendo possível para estes sujeitos pensar uma pessoa rica que não tenha dinheiro. A palavra “acesso” se liga e completa as duas anteriores, pois pode ser entendida como possibilidade de comprar, obter, possuir o que pode ser feito tendo oportunidade e dinheiro. Um trio de elementos representacionais que revela uma maior compreensão unidimensional da riqueza. Ou seja, o conhecimento compartilhado pelo grupo de profissionais caracteriza-se por conceber a “pessoa rica” privilegiando aspectos ligados ao “ter” do que o “ser”.

O sistema periférico da representação foi formado pelos elementos “poder” na primeira periferia, e, “fatura”, “conforto”, “carro”, “renda”, “sorte” e “estudo” na zona de contraste. Os elementos da segunda periferia são “viagens”, “ostentação”, “compras”, “família”, “facilidades”, “desigualdades” e “trabalho”. É possível também nessa representação perceber a função de concretização do sistema periférico, trazendo elementos que caracterizam como são as condições de vida das pessoas ricas concebidas por este grupo. Nesta estrutura a zona de contraste também exhibe uma configuração que indica uma relação maior de complementariedade da primeira periferia, ou seja, elementos salientes, mas secundários na representação do que a possibilidade de serem nucleares para outro subgrupo.

Chama-se a atenção para os elementos “estudo” e “trabalho” estarem presentes na periferia da estrutura representacional para estes sujeitos o que aponta a compreensão desse objeto “pessoa rica” por parte desses sujeitos marcada pelo conhecimento do senso comum do que pelo conhecimento reificado o que pode apontar entre outras coisas, para a força do senso comum ligado ao significado desse objeto. Infere-se também que estudar e trabalhar como elementos periféricos dessa estrutura pode indicar uma possível desvinculação dessas práticas ligadas às pessoas dessa categoria social, ou seja, “rico não precisa trabalhar nem estudar”.

2.4.6 O campo representacional “pessoa pobre” e “pessoa rica” para profissionais

As palavras evocadas pelos profissionais caracterizam-se por conceber o objeto social “pessoa rica” sem utilizar conceitos do universo reificado, revelando ser uma representação mais fortemente ligada ao universo consensual ou “ingênuo” para este grupo. Diferentemente do objeto “pessoa pobre” fortemente marcado por conteúdos que dizem respeito ao universo reificado. Evidencia-se que para este grupo a “pessoa pobre” tem seu significado marcado por processos construídos socialmente como a desigualdade e a vulnerabilidade em contrapartida a “pessoa rica” tem seu significado relacionado às oportunidades.

Pode se inferir que simbolicamente ambos os objetos não se relacionam em sua gênese social, sendo resultados de processos societários diferentes. Um objeto é fruto da desigualdade caracterizada como questão social advinda do processo de produção capitalista e o outro objeto marcado como fruto de oportunidades, pode revelar a presença do discurso ideológico neoliberal: “todos tem as mesmas oportunidades, e a pessoa rica soube aproveitá-las”.

De forma similar ao campo representacional desses objetos para o grupo anterior, ao analisarmos comparativamente suas estruturas representacionais para o grupo de profissionais verificou-se o estabelecimento de relação de antinomia entre os elementos evocados, e a sua dissimilitude organizacional. Os pares encontrados de elementos antônimos neste campo representacional foram: falta de oportunidade-oportunidade; falta-fartura; falta de dinheiro-dinheiro; fragilidade-poder; miséria-ostentação; desemprego-trabalho; dificuldades-facilidades; sem acesso – acesso. Destaca-se que o par “falta de oportunidade-oportunidade” foram os únicos neste campo encontrados na zona do núcleo central nas duas estruturas.

Na comparação dessas estruturas é possível perceber uma discrepância entre os elementos “desempregado” e “trabalho” na composição dos dois objetos. No quadro do objeto “pessoa pobre” a palavra “desempregado” está entre os elementos intermediários e exibe uma alta frequência, contudo, o que pode ser entendido como seu elemento correspondente, a palavra “trabalho”, comparece como último elemento na periferia distante do quadro do objeto “pessoa rica”. É pertinente apontar o contraste do peso do desemprego para a compreensão das pessoas pobres, contudo o trabalho não é marcante na significação de pessoa rica. O que corrobora para uma maior naturalização da sócio gênese dessa categoria social.

2.4.7 Análise comparativa da representação do objeto “pessoa pobre” entre os dois grupos

Analisando-se a estrutura e a organização da representação sobre “pessoa pobre” no grupo membros de famílias pobres e no grupo de profissionais observa-se uma total dissemelhança da zona do núcleo central. Verifica-se que as

palavras carregadas afetivamente e centrais na organização da representação do primeiro grupo aparecem no sistema periférico da representação do outro grupo. Ou seja, os elementos com carga afetiva que marca o significado para o grupo de membros de famílias pobres, trazendo forte relação identitária com o objeto, no grupo de profissionais é uma dimensão secundária, mas percebida para o objeto. Nota-se que os elementos do universo reificado tão marcadamente presentes na estrutura representacional dos profissionais ainda não foram assimilados para o grupo dos membros de famílias pobres, evidenciando uma forte naturalização no significado desse objeto para este grupo.

Com relação ao sistema periférico é possível verificar uma grande semelhança dos elementos evocados. As palavras semelhantes nas duas representações foram: dificuldade; sofrimento; necessidade; fome; falta de oportunidade; sem/falta de dinheiro; não tem nada/falta/carência; desemprego/desempregado; lutar/luta. O que pode revelar que uma afinidade na forma como o objeto é compreendido na vida cotidiana para os dois grupos. Necessário destacar que embora sendo as mesmas palavras a localização delas dentro do sistema periférico foi diferente em sua grande maioria.

Ainda comparando as duas representações é possível perceber a objetivação do objeto “pessoa pobre” para os membros de famílias pobres no núcleo figurativo: diabo e mendigo, o que não aconteceu para o grupo de profissionais onde apareceram as palavras fome e sujeira que não estão presentes no quadro do outro grupo. Evidencia-se nestes elementos que eles formam um “retrato da pobreza” historicamente institucionalizado. A fome tão simbolicamente conectada a esse objeto, nesse resultado não demonstrou ser

central para os membros de famílias pobres, corroborando para uma análise da pobreza urbana onde o “passar fome” não configura a compreensão central para os membros de famílias pobres, mas que se mantém para o grupo dos profissionais.

A noção de “sujeitos em ação” proposta por Giraud-Herault (1998) citado por Campos e Rouquette (2003) e a distinção entre “cognições quentes” (cargas afetivas intensas) e “cognições frias” (cognições pouco impregnadas de cargas afetivas) também proposta por esse autor, são pressupostos analíticos interessantes à interpretação desses resultados acima descritos. Pode-se inferir conforme foi proposto por este autor que a vivência de um evento afetivamente carregado e traumatizante, no nosso caso, o contexto de pobreza material, provoca um deslocamento das cognições quentes dentro da estrutura da representação. Enquanto elas estão distribuídas de forma dispersa na periferia da representação do grupo que não vive diretamente neste contexto, os profissionais, elas se concentram no núcleo central da representação no grupo que experiência essa condição de vida.

A análise dos resultados da presente pesquisa também corrobora com a hipótese proposta por Campos e Rouquette (2003) de que a distribuição dos elementos intensamente impregnados de cargas afetivas, mantém uma relação não-aleatória com o núcleo central. Daí, “o núcleo central, sendo resultado de uma partilha histórica de valores e responsável pela gestão do significado do conjunto da representação, seria também o resultado da partilha histórica das emoções associadas aos valores e práticas desenvolvidas” (Campos & Rouquette, 2003, p.444).

2.4.8 Análise comparativa da representação do objeto “pessoa rica” entre os dois grupos

Com relação à estrutura e organização representacional do objeto “pessoa rica” para os dois grupos observa-se uma semelhança na zona do núcleo central, através do elemento “dinheiro” comum às duas estruturas. Verifica-se como diferença no núcleo central para membros de famílias pobres o elemento “metido”, que não foi evocado na estrutura representacional do outro grupo, mesmo considerando os sinônimos e antimônios, ou seja, esse estereótipo negativo não está presente no núcleo figurativo desse grupo. Já as palavras diferentes do núcleo central da estrutura representacional do grupo de profissionais, “oportunidades” e “acesso” podem ser aferidas no sistema periférico da representação para o grupo de membros de famílias pobres, ou seja, fazem parte de sua compreensão, mas não de forma prioritária.

Destaca-se como diferença as palavras “sorte” e “estudo” no quadro do grupo de profissionais, reforçando aspectos não relevantes para a representação do outro grupo. E a palavra “lutou” no quadro do grupo de membros de famílias pobres que não consta em nenhum quadrante do quadro do grupo de profissionais, o que pode estar indicando que a dimensão ideológica da meritocracia, “o rico tem porque lutou”, está mais fortemente marcada e assimilada na significação desse objeto para o grupo de membros de famílias pobres.

Similarmente ao resultado do objeto “pessoa pobre” os elementos periféricos do objeto “pessoa rica” também traduzem no resultado dos dois grupos a função de concretização desse sistema, exibindo elementos onde se ancoram essa representação tais como: “carro”, “mansão”, “compras”, “viagens”, “luxo” e

“ostentação”, que são elementos semelhantes para os dois grupos evidenciando uma imagem social comum compartilhada pelos dois grupos em relação a este objeto.

2.4.9 Objeto ‘família’ para membros de famílias pobres e para profissionais do SUAS

Tabela 3- Análise prototípica do objeto ‘família’ para membros de famílias pobres (N=109) e para profissionais (N=70)

Família – Membros de Famílias Pobres						Família – Profissionais do SUAS					
Núcleo Central			1ª Periferia			Núcleo Central			1ª Periferia		
f %	f >= 7 / OME<2	OME	f %	f >= 7 / OME<=2	OME	f %	f >= 5 / OME<3	OME	f %	f >= 5 / OME<=3	OME
14,07%	Amor	1,63				10,57%	Amor	2,59			
13,76%	União	1,8				8,29%	União	1,97			
9,17%	Tudo	1,33									
Zona de contraste			2ª Periferia			Zona de contraste			2ª Periferia		
f %	f < 7 / OME<2	OME	f %	f < 7 / OME<=2	OME	f %	f < 5 / OME<3	OME	f %	f < 5 / OME<=3	OME
2,75%	Alegria	1,89	3,98%	Carinho	2,23	3,71%	Base		2,86%	Segurança	3,4
			2,45%	Filhos	2,0	2,29%	Aconchego		2,57%	Carinho	3,22
			1,83%	Paz	2,38	2,0%	Afeto		2,0%	Conflitos	4,0
			1,53%	Felicidade	2,5	2,0%	Estrutura		1,71%	Amizade	3,17
			1,53%	Respeito	2,4	2,0%	Companheirismo		1,71%	Proteção	3,5
			1,53%	Compreensão	2,8						
			1,53%	Amizade	3,0						

Fonte: Elaborado pela autora.

2.4.10 Família para membros de famílias pobres

As três palavras que provavelmente compõem o núcleo central da representação social de família para o grupo membros de famílias pobres são: “amor”, “união” e “tudo”. Não há elementos na primeira periferia. A zona de contraste é composta pelo único elemento “alegria” e na periferia distante estão os elementos: “carinho”, “filhos”, “paz”, “felicidade”, “respeito”, “compreensão” e “amizade”.

O conhecimento compartilhado por este grupo caracteriza-se por conceber a família como um *lócus* de amor e de união, e vincula-se ao elemento “tudo” que denota uma dimensão valorativa do objeto, uma vez que diante do quadro de muitas faltas materiais que caracteriza esse grupo de sujeitos, poder “ter” a família, mesmo sendo um objeto imaterial, lhe é conferida grande importância na significação desse grupo. Só há um elemento intermediário “alegria” que amplia a

dimensão afetiva já fortemente marcada pelo núcleo central neste resultado. Os elementos periféricos traduzem aspectos relacionados a outros sentimentos e elementos de ancoragem dessa representação como filhos e amizade.

2.4.11 Família para profissionais

Os prováveis elementos centrais dessa representação são “amor” e “união”. Sem elementos na primeira periferia. A zona de contraste é composta por “base”, “aconchego”, “afeto”, “estrutura” e “companheirismo”. Esses elementos guardam relação nesse resultado com possíveis sentimentos e percepções vivenciados no cotidiano desses sujeitos e que são gerados e organizados pelo núcleo central. Na periferia distante aparecem “segurança”, “carinho”, “conflitos”, “amizade” e “proteção” refletindo sentimentos e atitudes que traduzem como a forma como a família é vivenciada por estes sujeitos.

2.4.12 Análise comparativa da representação do objeto “família” para os dois grupos

Foi possível perceber na estrutura e na organização da representação social de família para estes dois grupos um alto grau de superposição entre elas. Seus núcleos centrais são simbolicamente próximos, sendo que o elemento “tudo” na representação social para os membros de famílias pobres apenas amplia sua compreensão, então seguindo o critério estabelecido por Abric (1998) pode-se afirmar que se configura uma mesma representação para os dois grupos. Outra análise que decorre dessa configuração é que a representação de família pode ser considerada uma representação hegemônica socialmente.

A partir da estrutura e da organização representacional do objeto “família” identificadas pra estes grupos é possível confirmar que família é um objeto social de natureza eminentemente afetiva, por ser notável a presença de elementos com

forte carga afetiva em todo o sistema representacional. Considerando que os dois grupos são muito diferentes com relação ao perfil socioeconômico, suas semelhanças constatadas fundamentam-se a partir do que Moscovici (2003) identificou como crenças-nucleares, esta estrutura particular “explica como os sujeitos podem armazenar e partilhar crenças básicas (estruturantes), e, ao mesmo tempo, integrar as experiências individuais, a riqueza das diversidades individuais” (Campos & Rouquette, 2003, pp. 443-444).

CAPITULO 3 - DIMENSÕES QUE MOBILIZAM O CAMPO REPRESENTACIONAL: AFETIVIDADE E METARREPRESENTAÇÃO

“Perguntar por sofrimento e por felicidade no estudo da exclusão é superar a concepção de que a preocupação do pobre é unicamente a sobrevivência e que não tem justificativa trabalhar a emoção quando se passa fome” (Sawaia, 1999).

3.1 Instrumento

Com o objetivo de: a) identificar o campo afetivo associado a viver nesta condição social e, b) conhecer a metarrepresentação na análise da representação social de ‘pessoa pobre’ junto a membros de famílias pobres, recorreremos a questionário (Apêndice C) que se tratava de sequência do instrumento para “Associação livre de palavras” e somente aplicado aos membros de famílias pobres.

O questionário foi composto das seguintes perguntas com respostas abertas: 1) Qual(quais) sentimento(s) a pobreza te traz? E porque você acha que se sente assim? E, 2) O que você acha que as pessoas que não são pobres pensam dos pobres? As repostas eram anotadas pelos próprios participantes nos procedimentos de coletas coletivos, pela pesquisadora e pelos auxiliares de pesquisa nas coletas individuais ou no caso de haver participantes iletrados. Na exposição que se segue, serão alvo de explanação primeiramente os dados referentes ao campo afetivo desde as características da análise, a apresentação dos resultados até a discussão dos mesmos. Posteriormente os mesmos passos são realizados para a questão que trata de como os participantes consideram ser

percebidos por pessoas que não estão na mesma condição de pobreza que eles. Essa separação não indica a adesão à ideia de que esses temas carecem de ligação. A divisão atendeu ao objetivo de possibilitar mais clareza e detalhamento na exploração de cada um dos temas em questão.

3.2 Organização e Análise de dados provenientes do Questionário

As respostas do questionário foram transcritas e submetidas à utilização das técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 1977) que foi considerada a proposta de análise mais adequada a este tipo de dado e aos nossos objetivos com eles. Esses dados então foram submetidos às três fases próprias da utilização deste método, são elas: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos dados (Bardin, 1977).

Com relação às respostas da primeira pergunta, a unidade de registro utilizada foi o texto que exprimisse o sentimento, variando de palavra a frase ou conjunto delas. A categorização, ou seja, identificação e agrupamento por similaridade temática foi realizada mediante os seguintes critérios: 1) a primeira classificação foi entre sentimentos valorados socialmente como positivos ou negativos, 2) em seguida, considerando as definições, significados e sinônimos listados no Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, no formato digital, (Ferreira, [s.d.]) os sentimentos descritos por palavras que eram sinônimas, parecidas, cognatas ou relacionadas foram agrupadas e, 3) Por fim, foi considerado o contexto da resposta para o sentimento enunciado, e a consulta ao conteúdo expressado na resposta à pergunta “Porque você se sente assim?” foi recurso que complementou e possibilitou base interpretativa para agrupar os sentimentos que estavam relacionados. Em seguida realizamos uma contagem da frequência

simples de respostas que fizeram referência ao mesmo tema. Para a nomeação de cada categoria elegeu-se o sentimento evocado com maior frequência em cada grupamento constituído. A contagem de frequência cumpriu também o objetivo de observar possíveis padrões nas respostas distinguindo maior compartilhamento ou maior singularização das mesmas.

O tratamento das respostas da questão “E, porque você acha que se sente assim?” foi feito através de contagem simples da frequência das respostas com o mesmo objetivo descrito no parágrafo anterior. Primeiramente se fez uma redução do conteúdo, criando uma estrutura menor, mas tomando o cuidado de não se perder ou modificar o sentido inicial. Logo em seguida, somente as respostas que tinham estruturas com o mesmo valor semântico, foram somadas, resultando na frequência daquela estrutura. Posteriormente, foi feita uma contagem da frequência das estruturas de respostas para cada categoria de sentimento. A escolha desse tratamento teve por intento realizar uma análise exaustiva do material com conteúdos tão dispersos como se mostrou o conjunto de respostas ao questionamento realizado diminuindo o risco de perder a diversidade de sentidos expressos pelos participantes dessa pesquisa.

Finalmente, foi feita a interpretação dos dados por meio da identificação de relações entre as categorias propostas para os sentimentos, e a frequência das estruturas das justificativas e os objetivos das perguntas, finalizando o processo de análise.

A organização e análise das respostas à pergunta ‘O que você acha que as pessoas que não são pobres pensam dos pobres?’ também foi desenvolvida através da identificação e agrupamento dos temas e sentidos presentes nas

respostas. Esse processo se deu da seguinte forma: 1) leitura minuciosa de cada resposta transcrita, 2) procura das unidades de sentido (o menor recorte de ordem semântica), 3) criação das propostas de temas e categorias, 4) as unidades de sentido foram agrupadas considerando-se as categorias propostas, ou seja, as categorias reuniram um conjunto de temas, e, 5) reorganização e elaboração de novas categorias.

Conforme proposto por Vala (1986) no processo de categorização buscou-se por termos-chave que indicassem o sentido central dos campos semânticos das respostas fornecidas e a nomeação da categoria ficou sob um título que os englobasse de forma genérica. Como também, visando diminuir a subjetividade desse processo procurou-se seguir os princípios propostos para este tipo de análise: a exaustividade; a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência; a produtividade e a objetividade (Bardin, 1977; Vala, 1986). Esse processo de categorização permitiu interpretar e inferir de forma mais detalhada e aprofundada as metarrepresentações dos participantes sobre o objeto ‘pessoa pobre’ para não pobres.

3.3 Caracterização dos Participantes

Os dados foram obtidos a partir dos ‘membros de famílias pobres’, que participaram da etapa referente à identificação do campo comum e indicação de estruturação das representações sociais dos objetos “pessoa pobre”, “pessoa rica” e “família” abordada no capítulo anterior. Logo a caracterização desses participantes é a mesma já descrita anteriormente, destacando-se que para esse conjunto de dados houve informantes que deixaram questões sem resposta. Essas abstenções se deveram em sua grande maioria devido o fator “tempo”, ou

seja, alguns participantes por motivos pessoais não dispunham do tempo necessário para aplicação dessa parte da pesquisa, em parte ou na totalidade.

De forma geral, pode-se destacar o seguinte perfil dos participantes desse grupo a partir das características que abrangem a maior porcentagem da composição da amostra: o grupo é composto majoritariamente por mulheres (93%), com escolaridade até o ensino fundamental (75%), renda mensal abaixo de um salário mínimo (65%), e que recebem o benefício do programa “Bolsa Família” (70%).

Para fins de descrição, os participantes foram identificados pela letra P seguida do número referente à sua posição na organização dos dados.

3.4 Campo afetivo vinculado à pobreza

“Qual (quais) sentimento(s) a pobreza te traz? Porque se sente assim?” Essas foram as questões a partir das quais nos propusemos abordar o campo afetivo vinculado as vivências na condição social de pobreza, cujos resultados são apresentados na tabelas 4 e na tabela 5 seguidas de detalhes textualmente expostos. Como os dados dizem respeito a duas questões relacionadas entre si, fizemos a opção de apresentar primeiramente as tabelas e na sequencia descrevê-los de maneira conjunta com a perspectiva de oferecer um quadro mais integrado dos mesmos. No caso da apresentação das justificativas oferecidas para os sentimentos aos quais fizeram referência foram selecionadas frases dos participantes para exemplificar cada estrutura.

O número total de participantes que responderam a estes questionamentos foi de 97 e foram consideradas e contabilizadas respostas múltiplas.

Tabela 4- Afetos positivos e afetos negativos relacionados a ser pobre

Afetos negativos Total Respostas 93		Afetos positivos Total Respostas 21	
Categoria	Subcategorias	Categoria	Subcategorias
Tristeza (48)	Tristeza (39)	Felicidade (06)	Feliz (03)
	Angústia (02)		Alegria (03)
	Arrependimento (02)		
	Depressão (02)		
	Chateada (01)		
	Desgosto (01)		
	Mágoa (01)		
Revolta (19)	Revolta (07)	Amor (05)	
	Desespero (02)		
	Discriminação (02)		
	Humilhação (02)		
	Desigualdade (01)		
	Desprezado (01)		
	Excluído (01)		
	Injustiça (01)		
	Jogado (01)		
Ódio (01)			
Incapacidade (14)	Incapacidade (03)	Solidariedade (04)	
	Perda (03)		
	Frustração (02)		
	Insegurança (02)		
	Desilusão (01)		
	Fracasso (01)		
	Impotência (01)		
Inferioridade (01)			
Ruim (09)	Ruim (04)	Outros positivos (06)	Esperança (01)
	Sofrimento (03)		Humildade (01)
	Dor (02)		Liberdade (01)
Outros negativos (03)	Falta (01)		Sentimento de vida (01)
	Fome (01)		Vontade de estudar (01)
	Solidão (01)		Vontade de lutar (01)
Afetos nem positivos, nem negativos (03)			
	Não identificado (02)		
	Já me acostumei (01)		

Nota: Número de respondentes= (97); Número de Respostas = 117

Tabela 5- Frequência das estruturas das justificativas: 'Porque me sinto assim?'

Sentimentos Negativos			Sentimentos Positivos		
Est.	Porque me sinto triste?	f	Est.	Porque me sinto feliz?	f
1	Não ter pra dar ao filho	10	1	Sempre ter pessoas que ajudam	01
2	Sentimento sem causa identificada	10	2	A família sempre reunida	01
3	Querer ter e não poder	06	3	Ter coisas que ricos não tem	01
4	Não ter dinheiro	04	4	Por valorizar o que conquistei.	01
5	Ser humilhado	04	5	Tem que ser feliz	01
6	Não ter estudo, não ter trabalho	04	6	Apesar de tudo, eu sou	01
7	Querer ajudar e não poder	03	7	Sentimento sem causa identificada	01
8	Não receber ajuda	03		Total	07
9	Passar por dificuldades	03			
10	Uns com muito outros sem nada	02			
11	Tentar e não conseguir	02			
12	Ser trapaceado	01			
13	Não ver saída	01			
14	Ter que trabalhar criança	01			
	Total	54			
Est.	Porque me sinto revoltado?	f	Est.	Porque sinto amor?	f
1	Ser discriminado	03	1	Sentimento sem causa identificada	04
2	Uns com muito outros com nada	03	2	Sem amor já teria morrido	01
3	Ser maltratado, humilhado	03		Total	05
4	Tentar e não conseguir	02			
5	Por fazer loucura	01			
6	Ser excluído	01			
7	Ter que trabalhar criança	01			
8	Sentimento sem causa identificada	01			
9	Ter necessidade de tudo	01			
10	Sem saída	01			
11	Ter que pedir	01			
12	Não receber ajuda	01			
13	Por causa da classe política	01			
14	Sinto raiva de mim mesmo.	01			
	Total	21			
Est.	Porque me sinto incapaz?	f	Est.	Porque sinto solidariedade?	f
1	Tentar e não conseguir	03	1	Já precisei muito	01
2	Morte prematura de familiares	03	2	Contamos somente uns com outros	01
3	Ser discriminado	02	3	Ajudar as pessoas que necessitam	01
4	Sentimento sem causa identificada	02	4	Para fazer uma corrente, para um ajudar o outro.	01
5	Sem acesso a serviço público de saúde adequado	01		Total	04
6	Querer ter e não poder	01			
7	Ter que pedir	01			
8	Passar por dificuldades e não poder fazer nada	01			
	Total	14			
Est.	Porque sinto um sentimento ruim?	f			
1	Sentimento sem causa identificada	03			
2	Não ter trabalho, não ter casa	02			

3	Não poder ajudar	01
4	Trabalhar muito	01
5	Querer ter e não poder	01
6	Por causa da classe política	01
	Total	09

Nota: Número de Respondentes = 97 ; Números de Respostas = 114

O campo afetivo associado a viver no contexto na pobreza foi constituído por um total de 117 menções caracterizando 41 sentimentos/afetos diferentes os quais os participantes evocaram para representar como se sentiam mediante a experiência de viver nessa condição. Destes, 78,04% dos afetos foram negativos, sendo o sentimento de tristeza o que foi majoritariamente mencionado. Do total de sentimentos evocados foram mencionados 21,96% de afetos positivos, sendo “feliz” o mais citado destes.

A análise de conteúdo permitiu a construção de cinco categorias para os sentimentos negativos: 1) Tristeza, 2) Revolta, 3) Incapacidade, 4) Ruim e 5) Outros. Para os sentimentos positivos são propostas quatro categorias: 1) Felicidade, 2) Amor, 3) Solidariedade e 4) Outros. Ocorreram ainda duas respostas afirmando não saber nomear os sentimentos experimentados, e uma expressando que ‘já se acostumou, acha normal’, estes não foram contabilizados nem como positivos nem como negativos.

Primeiramente serão descritas as categorias de sentimentos negativos e suas justificativas logo após, o mesmo será feito com as categorias dos sentimentos positivos e suas justificativas.

1) ‘Tristeza’

Nessa categoria foram agrupados os sentimentos de: Tristeza, Angústia, Arrependimento, Depressão, Chateada, Desgosto e Mágoa. Essa categoria

representa o conjunto de afetos evocados pela vivência no contexto de pobreza com maior ênfase para este grupo de participantes.

Foram identificadas 54 justificativas para essa categoria de sentimentos, organizadas em 14 estruturas de respostas, são elas:

1) Não ter pra dar ao filho

“Porque se você não tem alimento para o seu filho, você chora também. Seu filho quer algo diferente que você não pode dar... você fica triste”. P53

2) Sentimento sem causa identificada;

“Tristeza, só tristeza mesmo”. P54

3) Querer ter e não poder

“...quer ter uma roupa boa, um calçado bom, perdi minhas coisas todas, chorei muito, sem condições de comprar tudo de novo”. P97

4) Não ter dinheiro

“Pensa que tem que pagar e não tem dinheiro”. P42

5) Ser humilhado

“...ser humilhado pela sociedade, consegue menos na vida, é debochado pelos que se acham melhores, não tem lei para quem é pobre, são discriminados pelos que se julgam ricos”.

6) Não ter estudo, não ter trabalho

“Impossibilidade diante da falta de trabalho e emprego”. P87

7) Querer ajudar e não poder

“Porque pensa em ajudar e não pode”. P31

8) Não receber ajuda

“Não tem mãe e pai para dar apoio”. P88

9) Passar por dificuldades

“Quando você passa por dificuldades, a incapacidade de fazer algo”. P23

10) Uns com muito outros sem nada

“Porque tem gente que tem tudo e outros não tem nada”. P48

11) Tentar e não conseguir

“Tenta, tenta mais não consegue, quando vai ver está no fundo do poço”.

P70

12) Ter que trabalhar criança

“Eu pequena tive que ajudar minha mãe. Vendia sacola, limão, temperos...”. P25

13) Ser trapaceado

“Porque passaram a perna em mim”. P36

14) Não ver saída

“... sem saber pra onde correr, o que fazer...”. P74

Sobre a categoria ‘Tristeza’ que representa o principal sentimento ligado a vivência na condição de pobreza, as três estruturas das justificativas com maiores frequências: “Não ter pra dar ao filho” (10); “Sentimento sem causa identificada” (10); e “Querer ter e não poder (6)” representam juntas mais da metade das justificativas para a categoria. Ou seja, não poder suprir suas necessidades e as da sua família pode ser identificada como principal fonte de Tristeza para este grupo, juntamente com o fato de não atribuir tal sentimento a qualquer causa específica.

2) ‘Revolta’

Na categoria ‘Revolta’ foram agrupados os sentimentos: Revolta, Desespero, Discriminação, Humilhação, Desigualdade, Desprezado, Excluído, Injustiça e Ódio.

Essa categoria recebeu um total de 19 justificativas que foram agrupadas em 14 estruturas abaixo descritas:

1) Ser discriminado

“...a sociedade te olha de um jeito diferente...” P85

2) Uns com muito outros sem nada

“Um tem muito e outros não tem nada. Tem algo errado. Muito desperdício, não pensam nos outros”. P34

3) Ser maltratado, humilhado

“Vejo as pessoas pobres serem maltratadas por sua condição financeira. Pessoas sendo humilhadas simplesmente por ter menos sendo que tudo poderia ser diferente”. P 68

4) Tentar e não conseguir

“Porque você tem objetivo e você mesmo trabalhando não consegue alcançar”. P71

5) Por fazer loucura

“Começa a fazer loucura” P35

6) Ser excluído

“São excluídos”. P55

7) Ter que trabalhar criança

“Eu pequena tive que ajudar minha mãe. Vendia sacola, limão, temperos”. P25

8) Sentimento sem causa identificada

9) Ter necessidade de tudo

“Necessidade de tudo”. P43

10) Não ver saída

“Desespero pros adultos, sem saber pra onde correr, o que fazer”. P74

11) Ter que pedir

“Você se sente incapaz, que precisa e tem que pedir a um e a outro”. P38

12) Não receber ajuda

“Me sinto assim porque não tem ajuda de ninguém”. P82

13) Por causa da classe política

“Perante os políticos, Relaxo dos políticos em relação a gente”. P20

14) Sinto raiva de mim mesmo

“Meu filho sofre por não ter leite, fralda. É muito, eu como mãe, eu sinto raiva de mim mesmo”. P44

Para a categoria “Revolta” as principais justificativas são: “Ser discriminado” (3), “Uns com muito outros sem nada” (3) e “Ser maltratado, humilhado” (3), ou seja, passar por experiência de discriminação, de humilhação e de sofrer maus-tratos bem como a percepção da extrema injustiça e desigualdade social correspondem a quase metade das respostas dessa categoria.

4) ‘Incapacidade’

Na categoria ‘Incapacidade’ foram agrupados os sentimentos: Incapacidade; Perda, Frustração, Insegurança, Desilusão, Fracasso, Impotência e Inferioridade. Nessa classe comparecem com a mesma frequência os sentimentos de Incapacidade e de Perda. Neste caso, “Incapacidade” foi eleito como rótulo do tema, devido a uma maior representatividade relacionada aos demais sentimentos citados, principalmente com relação aos contextos das justificativas fornecidas para senti-los.

Foram fornecidas 14 justificativas que foram agrupadas em 8 estruturas, são elas:

1) Tentar e não conseguir

“A maioria das pessoas que conheço tem a mesma vida, não conseguem subir na vida”. P66

2) Morte prematura de familiares

“Tem 3 anos que morreu meu filho matado no morro. Perdi também meu sobrinho e um primo. Perdeu um filho acabou”. P50

3) Ser discriminado

“Porque sofro preconceito... Ex. Entra em pobre e um rico numa loja, eles desconfiam do pobre”. P28

4) Sentimento sem causa identificada

5) Sem acesso a serviço público de saúde adequado

“Não tem atendimento adequado nos serviços públicos de saúde”. P08

6) Querer ter e não poder

“... você vai no [sic] supermercado pensa que vai trazer tudo e não dá pra trazer”. P57

7) Ter que pedir

“Você se sente incapaz, que precisa e tem que pedir a um e a outro...” P38

8) Passar por dificuldades e não poder fazer nada

“Quando você passa por dificuldades, e sente a incapacidade de fazer algo”. P23

As principais causas compreendidas para os sentimentos da categoria “Incapacidade” estão relacionadas a perceber que mesmo com seu esforço a pessoa não está conseguindo superar sua situação material e a perda por morte violenta de familiares, ou seja, as duas primeiras estruturas.

5) ‘Ruim’

Na categoria ‘Ruim’ foram agrupados os sentimentos: Ruim, Sofrimento e Dor. Foram fornecidas nove justificativas para essa categoria que foram organizadas em seis estruturas:

1) Sentimento sem causa identificada

2) Não ter trabalho, não ter casa

“Sem trabalho, sem condições de dar as coisas, fica com aquilo na cabeça...” P72

3) Não poder ajudar

“Não poder ajudar”.P16

4) Trabalhar muito

“Trabalho braçal de sol a sol”. P79

5) Querer ter e não poder

“Ver o objeto e não poder comprar”. P14

6) Por causa da classe política

“Políticos poderiam fazer melhorias, para amenizar”. P40

Em relação a sentir um sentimento ‘ruim’ por viver na condição de pobreza, não saber identificar a origem desse afeto e não ter casa e trabalho foram as principais justificativas.

6) ‘Outros Negativos’

E, finalizando essa descrição, na categoria ‘Outros’ dos sentimentos negativos foram agrupados os sentimentos que não se encaixaram nas categorias anteriores, são eles: Falta, Fome, e Solidão. Não foram formadas estruturas para essa categoria. Alguns exemplos das justificativas dos participantes:

Falta: *“Falta de conseguir as coisas sem muita burocracia” P81*

Solidão: *“Quando vejo as pessoas bem arrumadas, eu gostaria de ter uma vida assim, como elas. Coisa que meu grau de estudo não concebe”. P15*

A partir desse ponto, passaremos a descrição das categorias dos sentimentos positivos e das estruturas de respostas das justificativas para os mesmos.

1) 'Felicidade'

A categoria com maior frequência dos sentimentos positivos foi 'Felicidade', aqui foram reunidos os sentimentos: 'Feliz' e 'Alegria'. Aqui também ocorreu um empate na frequência desses sentimentos que podem ser considerados sinônimos pelo dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (Ferreira, [s.d.]). Foram dadas seis justificativas e formadas seis estruturas. Não foi identificada a possibilidade de agrupamento entre elas.

1) Dar valor ao que conquistou

"Alegria por dar valor ao que conquistou". P89

2) Receber ajuda

"Sou feliz do jeito que eu sou. Sempre encontro pessoas que me ajuda, me acolhe". P04

3) Sem causa identificada

4) Tem que ser feliz

"Porque apesar de tudo, eu sou...a gente tem que ser feliz". P73

5) Ter o que o rico não tem

"Porque tenho coisas que a gente rica não tem". P75

6) União da família

"A gente qualquer coisa se reúne. Igual...meu irmão chegou do mar e foi atrás do café lá em casa...". P51

Foi possível perceber através desse resultado que da mesma forma que "Não receber ajuda" é percebido para este grupo como o motivo de sentir

‘Tristeza’ e ‘Revolta’, “Receber ajuda” é avaliada como motivo para se sentir ‘Feliz’. Da mesma forma “Querer ter e não poder” é citado como fonte de diversos sentimentos negativos ao passo que “Ter o que o rico não tem” é percebido como motivação para se sentir ‘Alegria’.

2) ‘Amor’

Essa categoria é formada apenas por este sentimento. Foram dadas 3 justificativas e duas pessoas não justificaram porque citaram esse sentimento.

1) Sem causa identificada

2) Amor ao próximo

“Amor ao próximo. Sem pensar no que vai ter em troca. Sem esperar recompensa”. P02

3) Pela vida, à liberdade, a família

“Amor a vida, à liberdade, a família”. P49

4) Se não tivesse já teria morrido

“Porque se eu não tivesse amor no coração eu já estava morta. Amor pelo meu filho e pela minha família”. P52

3) ‘Solidariedade’

Essa categoria também só é formada por este sentimento. Das quatro justificativas foram formadas duas estruturas.

1) Contamos uns com os outros

“Ajudar o próximo porque eu já precisei muito”. P26

2) Querer ajudar quem precisa

“Eu queria ajudar as pessoas que necessitam”. P94

4) ‘Outros Positivos’

Essa categoria é formada por sentimentos que não se encaixaram nas categorias anteriores, são eles: Esperança, Liberdade, Sentimento de vida, Vontade de estudar e Vontade de lutar. Não foram formadas estruturas para essa categoria. Alguns exemplos das justificativas dos participantes:

“Nunca pode perder a esperança” P39

“Só através do estudo a gente consegue” P91

Outros (nem positivo nem negativo)

Nesta categoria foram reunidos conteúdos não identificados como positivos nem como negativos. Aqui foram agrupadas as respostas que não souberam nomear o sentimento percebido e a resposta ‘Já me acostumei’. Para essa resposta a justificativa foi: *“Acho normal Pobreza não é vergonha, não é humilhação”*. P13. Para os que não souberam nomear também não foi identificada uma causa.

Os resultados acima descritos permitem observar que para um mesmo sentimento foram relatadas justificativas muito diversas ou que justificativas iguais foram mencionadas para sentimentos diferentes de onde se depreende que todos estes sentimentos/afetos/emoções e as suas causas encontram-se inter-relacionados para este grupo.

Discussão

Uma representação social é uma estrutura que comporta diferentes dimensões (Abric, 1998), contudo Campos e Rouquette (2003) assinalam que a dificuldade para pensar as relações existentes entre elas está no fato de não existir uma teoria da afetividade que possa ser integrada satisfatoriamente ao

campo teórico dos processos sociocognitivos. Carreteiro (2003) aponta que o estudo da exclusão a partir da afetividade foi realizado por diversos autores dentro da Psicologia Social. Ela mesma ao analisar o sofrimento social vivenciado pelas pessoas pobres, parte da hipótese que esse sofrimento não tem visibilidade, “ele se inscreve no interior das subjetividades sem, no entanto, ser compartilhado coletivamente” (pag.58).

Para Sawaia (1999) o sofrimento social, denominado pela autora de “sofrimento ético-político”, serve como guia analítico da dialética exclusão/inclusão. Chama a atenção para o fato de que a afetividade é um conceito discriminado pelas ciências na análise das questões sociais, uma vez que quando não é desconsiderada é vista de forma negativa, depreciada. Entretanto, uma vez vista de forma positiva “a afetividade nega a neutralidade das reflexões científicas sobre desigualdade social, permitindo que (...) mantenha-se viva a capacidade de se indignar diante da pobreza” (p.98).

A dor e o sofrimento são elementos encontrados em outras pesquisas sobre a pobreza, como o estudo Arcossi e Scarparo (2016) sobre os impactos psicossociais que a condição de pobreza imprime nas pessoas que a vivenciam, a partir da representação social. Essas autoras identificaram dois campos na representação social da pobreza no grupo pesquisado por elas, um marcado pela presença de sentimentos que revelam a dor, o que corrobora como os resultados aqui descritos. E no outro campo, observa-se a incorporação das normas sociais vinculadas ao modo de pensar das classes mais abastadas e o cumprimento das exigências a elas vinculadas, o que também foi observado no presente estudo, contudo esse aspecto será mais explorado na análise da metarrepresentação.

Como salientam Arcossi e Scarparo (2016) a dor advém de “vidas sofridas, seja pela falta de dinheiro, de acesso a serviços básicos como educação e saúde ou reconhecimento social” (p.90) o que coaduna com os resultados da pergunta “porque se sente assim?” relacionados aos sentimentos negativos aqui expostos.

O estudo de Estanislau e Ximenes (2016) também encontrou sentimentos negativos relacionados à vivência cotidiana de humilhação, rejeição e desrespeito, o que pode levar a um sentimento global de fracasso e estresse crônico. Experiências como não conseguir trabalho, relatadas como justificativa para alguns dos sentimentos negativos aqui evocados, também foram destacadas por estes autores como motivação para os sentimentos de humilhação e de vergonha destacados no referido estudo.

Moscovici (1976) postula que os afetos estão na base da construção das representações sociais, como se pode observar nos resultados desse estudo a importância dos afetos relatados pelos participantes relacionados a sua condição de pobreza estão presentes na construção da representação de ‘pessoa pobre’ compartilhada por este grupo social. Como também, juízos avaliativos, ideologias, violações e preconceitos, entre outros, carregados afetivamente são explicitamente compartilhados por esse grupo e ficam evidenciados nos sentimentos que por sua vez participam diretamente da construção da representação social deles.

Sarti (2001) postula que na dor manifesta-se a relação entre indivíduo e sociedade e que o lugar social do sujeito tanto qualifica a sua dor como determina a reação do outro diante da sua dor, “nas distinções de classe social, o sofrimento e o sentimento da dor dos despossuídos aparecem como ‘naturais’” (p.10).

Destaca também que esse processo é internalizado pelos sujeitos desfavorecidos socialmente o que leva a uma autodesvalorização.

Na literatura da área, os afetos que são mais correlacionados a contextos de pobreza são humilhação e vergonha dos quais derivam outros (Gonçalves 1998; Narayan, 2000; Reyles, 2007; Sawaia, 2009). Estanislau e Ximenes (2016) em seu estudo para compreender as vivências de humilhação e o sentimento de vergonha de pessoas em condição de pobreza encontraram outros sentimentos significativos neste contexto, o grupo pesquisado por eles relatou se sentir menosprezado, ridicularizado, inferiorizado e excluído. Em consonância, esses sentimentos negativos também foram relatados pelos participantes do presente estudo (Tabela 5).

Os sentimentos e justificativas para senti-los, expressados pelos participantes dessa pesquisa em relação à experiência de viver no contexto de pobreza vão ao encontro do resultado encontrado pela análise estrutural prototípica, para o objeto 'pessoa pobre' para esse mesmo grupo. A análise da relação entre essas duas perspectivas confirma que o pensamento social, na sua modalidade de representações sociais, é mediado pela dimensão afetiva e não pode prescindir da mesma.

Percebe-se uma ênfase nos afetos negativos vinculados à condição de se viver na pobreza, sendo que o sentimento de tristeza marca notadamente a dimensão afetiva ligada a esse objeto, o que concorda com os achados descritos no capítulo 2 sobre o campo representacional de 'Pessoa Pobre'. Conforme já abordado, o sentimento tristeza também foi destacado pelo do conjunto de participantes membros de famílias pobres quando se referiam a 'pessoa pobre'

apoando a hipótese de centralidade desse elemento no significado atribuído à pobreza por esse grupo.

A vivência na situação de pobreza configura contexto de experiência em que os sujeitos constroem e compartilham significados para a mesma, que muitas vezes se confunde com sua própria existência, com forte apelo aos seus componentes emocionais. Isso reforça importância de prosseguir focalizando o aspecto afetivo presente em sua constituição visando ampliar a compreensão deste fenômeno.

3.5 Metarrepresentação Social de ‘pessoa pobre’ para membros de famílias pobres

Com o intuito de conhecer a imagem social que membros de famílias pobres possuem frente aos ‘não pobres’ foi perguntado “O que você acha que as pessoas que não são pobres pensam dos pobres?”. Um total de 82 participantes respondeu a esta pergunta e em suas respostas foi possível destacar 94 diferentes menções organizadas em 5 categorias que expressam ideias a respeito de como pensam que as pessoas pobres são percebidas. Fica evidente a carga negativa que tais asserções comportam. A sistematização dos dados (Tabela 6) através da análise de conteúdo categorial, explicitada anteriormente, permitiu a construção de quatro categorias: 1) O pobre não tem valor; 2) O pobre é ladrão; 3) O pobre merece ser pobre; 4) São insensíveis aos pobres; e, 5) Outros.

Tabela 6- Sistematização dos dados da Metarrepresentação

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	f
Pobre não tem valor (44)	Sentem nojo de pobre	7
	Humilha o pobre	5
	Pobre é mendigo	4
	Pobre é inferior, não é igual	4
	Pobre é lixo, deve ser descartado	4
	Despreza o pobre	3
	Pobre é nada, não tem nada	3
	Discrimina, tem preconceito	3
	Se acham superiores aos pobres	2
	Pobre é coitado	2
	Pobre é fracassado	1
	Pobre é sujo	1
	Pobres são miseráveis	1
	Trata igual cachorro	1
	Pobre precisa ser ajudado	1
	Pobre deve morrer	1
	Olham com olho torto	1
	Total	44
Pobre é ladrão (20)	Pobre vai roubar	4
	Pobre é bandido	3
	Pobre é ladrão	2
	Pensam, falam mal	1
	Pensam a pior coisa	1
	Pobre tem maldade na cabeça	1
	Tem um sentimento ruim	1
	Olham com maus olhos	1
	Os pobres são pessoas más	1
	Pensa uma coisa ruim	1
	Sentem medo	1
	O pobre vai atacar, perseguir	1
	Total	20
Pobre merece ser pobre (14)	Sempre vai ser pobre	3
	Pobre é incapaz	3
	Pobre é vagabundo	2
	Não corre atrás	1
	Pobre é ignorante	1
	Nunca vou ser pobre	1
	Os pobres são burros	1
	Não trabalha porque não quer	1
	É pobre porque quer	1
	Total	14
São insensíveis aos pobres (08)	Pensam nada, não se lembram	2
	Sentem indiferença	1
	Se vira prá lá	1
	Não olha muito, finge que não vê	1
	Ligam pouco para o pobre	1
	Não quer saber do pobre	1
	Não compreendem o pobre	1
	Total	08
Outros (8)	Não respondeu	4
	Tem dó, pena	2
	'Não gosto de pobre'	1
	Mal informado sobre o pobre	1
	Total	08

1) 'Pobre não tem valor'

Esta categoria reúne conteúdos relacionados à imagem social da pessoa pobre como sendo 'sem valor' para sociedade. Essa categoria possui maior proeminência na metarrepresentação de 'pessoa pobre' para estes participantes. Os conteúdos aqui reunidos com este sentido indicam as pessoas pobres como sendo: nojentos, inferiores, mendigos, sujos, lixo, coitados, miseráveis, fracassados, e ainda devem ser descartados, ou morrer. Indicam ainda que os não pobres humilham, discriminam e desprezam os pobres. Alguns exemplos de frases dos participantes que exemplificam esta categoria:

“Pensam que a gente é nada. Como se a gente fosse nada” P34

“Acha que a gente é lixo, que o dinheiro compra tudo” P65

“Algumas pessoas pensam que o pobre deveria ser descartado, não deveria estar no mundo”. P17

“Se vi chegar perto dá nojo neles. Não deixa você por a mão no bebê, porque tá muito suja”. P27

“Eles acham que são mais importantes que os pobres em todas as áreas”. P86

2) Pobre é ladrão

Esta categoria reúne conteúdos relacionados à imagem social da pessoa pobre com a criminalidade. Os conteúdos reunidos neste grupo com este sentido indicam que as pessoas pobres como ladrões, bandidos, pessoas más, pessoas que não prestam, ainda, que os não pobres pensam a pior coisa do pobre, pensa coisa ruim do pobre e que o pobre vai atacar, vai perseguir. Seguem algumas frases dos participantes que exemplificam esses conteúdos:

“Pensam que são bandidos, ladrões, não confiam nas pessoas pela sua pobreza”. P91

“Pensa que vai atacar, perseguir. Não quer ficar sozinho com o pobre. Incrimina”. P59

“Pensa que pobre é vagabundo, ladrão. Eu trabalho no meio de um monte...tudo pra eles é que os pobres vão roubar”. P43

3) O Pobre merece ser pobre

Esta categoria reúne conteúdos relacionados à imagem social da pessoa pobre percebida através da ideologia da meritocracia, logo, a pessoa é pobre porque não fez ‘por onde’, ou não soube aproveitar as oportunidades, portanto ela merece estar nessa condição. Os conteúdos reunidos neste grupo com este sentido indicam que as pessoas pobres são vagabundos, burros, incapazes, preguiçosos, fracos, ignorantes, não corre atrás, sem educação, e ainda que não trabalham porque não querem e sempre vão ser pobres. Alguns exemplos de frases dos participantes que exemplificam esta categoria:

“Acha que a gente não trabalha porque não quer”. P78

“Acham que o pobre principalmente aqueles que recebem assistência é vagabundo e preguiçoso”. P84

“Pensam que os pobres são burros e facilmente manipuláveis”. P72

4) São insensíveis aos pobres

Esta categoria reúne conteúdos que remetem a crença desse grupo no fato dos não pobres serem insensíveis às pessoas pobres, não pensarem nada a respeito deles, ou não se lembrarem, serem indiferentes, fingir que não os veem, não querer saber, nem compreender os pobres. E ainda, que os pobres ‘se virem pra lá’. Alguns exemplos:

“Ligam pouco. Pouco está se lixando” P62

“Se isenta de qualquer responsabilidade, não tenho culpa, indiferença, meu dinheiro primeiro se vira pra lá” P09

“Nada, eles pensam nada, porque quem não é pobre não sabe o que é ser pobre.” P90

“Eles tratam como se não fosse ser humano. Com muita indiferença”. P11

5) Outros

Essa categoria é formada por conteúdos que não se encaixaram nas categorias anteriores, são eles: ‘Não gosto de pobre’, ‘Tem dó, pena’, ‘É mal informado sobre o pobre’ e “Não respondeu”.

Esse resultado evidenciou que os elementos constituintes da metarrepresentação de ‘pessoa pobre’ desse grupo para pessoas não pobres possuem, todos, valoração negativa, não tendo sido mencionado qualquer elemento positivamente valorado. Traçando uma imagem social formada por naturalizações (Pobre é sem valor), por estereótipos negativos (Pobre é ladrão), por culpabilização (Pobre merece ser pobre) e desresponsabilização (São insensíveis com o pobre). Consequentemente é possível concluir que as relações sociais desse grupo com os ‘não pobres’, ou seja, a interação social seja mediada por esse imaginário repleto desses elementos. O que deve ser levado em consideração na sua especificidade no trabalho psicossocial realizado com membros de famílias pobres.

Discussão

Conforme analisam Bonomo e Souza (2013) esses conteúdos identificados na metarrepresentação de pessoa pobre para pessoas que vivem nesta condição social dão visibilidade a uma possível representação da qual o grupo procura se diferenciar e se defender. É perceptível também que há um reconhecimento por parte do grupo pesquisado da imagem social negativa hegemonicamente atribuída às pessoas pobres.

Os processos de diferenciação e defesa por parte do grupo de pessoas que vivem no contexto de pobreza ficam bem perceptíveis na estrutura do campo representacional dos objetos ‘pessoa pobre’ e ‘pessoa rica’ apresentada no capítulo anterior. Lá foi possível identificar o elemento ‘metido’ dando sentido ao significado de ‘pessoa rica’ e humilde e humilhação dando sentido à ‘pessoa pobre’, como também os elementos ‘tem tudo’ e ‘poder’ para ‘pessoa rica’ e os elementos ‘necessidade’ e ‘não tem nada’ para ‘pessoa pobre’.

Estereótipos, preconceitos e estigmas são conceitos chaves que darão suporte às análises aqui empreendidas. Segundo (Lima, 2013) importantes definições de preconceito foram construídas nos últimos 50 anos pela Psicologia Social, mas similarmente o preconceito pode ser considerado como “uma atitude desfavorável contra alguém só por pertencer a um grupo ou categoria social (...) possuem componentes cognitivos (as crenças e os estereótipos), afetivos (antipatias e aversões) e comportamentais (tendências para a discriminação)” (p. 639). Ainda segundo esse autor o que há de consensual na origem do preconceito é a presença basilar do conflito, seja ele real ou simbólico.

Para um aprofundamento da análise da metarrepresentação encontrada neste estudo é importante ressaltar a dinâmica das relações intergrupais, e compreender como os estereótipos são preditores das mesmas. De acordo com (Techio, 2011) os estereótipos podem ser entendidos como crenças compartilhadas socialmente sobre uma categoria social. Os estereótipos metarrepresentados encontrados no resultado acima descrito que avaliam as pessoas pobres como: “preguiçosos”, “vagabundos”, “burros”, “inferiores”, “incapazes” podem servir para explicar a ordem social. Uma atribuição

relacionada à função de justificação do sistema social (Tajfel, 1982), essa função parte da “necessidade de que o status quo seja percebido como legítimo, justo, natural, desejável e inevitável” (Techio, 2011, p.35).

De acordo com Goffman (1988) os gregos criaram o termo estigma que se referia a marcas físicas para identificar pessoas que deviam ser evitadas, atualmente estigma é usado de maneira semelhante ao sentido original, contudo faz referência a atributos profundamente depreciativos e não a sua evidência corporal necessariamente. Guareschi et al. (2003), Moura e Ximenes (2016) apontam a prática de estigmatizar as pessoas em situação de pobreza no Brasil. Criam-se estereótipos negativos relacionados às suas vestimentas, aparência, local de moradia, formas de socialização, entre outros, o que termina por impactar nos modos de vidas dessas pessoas sendo origem de sentimentos negativos, já descritos na sessão anterior. Essa metarrepresentação encontrada também corrobora com o entendimento de Moura e Sarriera (2016) que afirmam haver na sociedade brasileira uma série de representações negativas das pessoas em situação de pobreza.

Vázquez (2016) pondera que essa atribuição de estereótipos com características substancialmente negativas leva a atitudes negativas para com as pessoas em situação de pobreza e torna-se um dificultador nos processos de inclusão. Por outro lado, o autor, descreve também a tendência das pessoas que vivem em contexto de pobreza ao crerem nesse meta-estereotipo negativo que os não-pobres lhes atribui possuem a tendência em evitar o contato com os eles pois acreditam que esses não desejam o contato com eles o que incide negativamente nos mesmos processos.

A compreensão de pobreza relacionada à criminalização do pobre, a sua culpabilização e responsabilização individual por sua situação remontam historicamente ao período colonial do Brasil conforme demonstram Moura et al. (2014), esses autores denunciam o processo histórico de depreciação e marginalização das pessoas vivendo em situação de pobreza no Brasil, o que estende se até os dias atuais.

Tal processo, de criminalização da população pobre é claramente percebido e assimilado por estes sujeitos de acordo com essa metarrepresentação encontrada, e esta ratifica e complementa mais uma vez a análise da representação social de ‘pessoa pobre’ e a dimensão afetiva a ela associada. O sentido do objeto social ‘pessoa pobre’ para pessoas que vivem neste contexto social é permeado marcadamente pelos sentimentos de tristeza e sofrimento, cujo contexto de produção pode estar relacionado com metarrepresentação que estas pessoas acreditam que a sociedade – não pobres- possui sobre eles, o que neste caso, pode guardar uma estreita ligação com os motivos para o surgimento desses sentimentos.

A análise dos elementos da metarrepresentação aqui exposta será complementada e ampliada no próximo capítulo quando será relacionada e exemplificada com as experiências de vida que foram apreendidas através de entrevista com as duplas de mães e filhos.

CAPITULO 4 - HISTÓRIAS DE VIDA NA POBREZA

“O trabalho profissional do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender” (Martín-Baró).

4.1 Entrevistas com roteiro do tipo semiestruturado

Para alcançar compreensão sobre a vivência cotidiana de pessoas pobres e buscando atingir o objetivo de conhecer o contexto de produção das representações sociais de pobreza focalizamos nossa atenção na descrição das práticas cotidianas contidas em relatos experiências de vida em duas gerações distintas, mães e filhos de famílias pobres. Elaborou-se roteiro que foi aplicado na forma de entrevista a qual foi aplicada somente aos participantes da terceira etapa da pesquisa. Becker (1993) enfatiza a importância de se compreender o sujeito e seu comportamento através das explicações e interpretações que ele próprio fornece sobre suas experiências e sua história. Entendemos que a entrevista é o instrumento mais adequado ao processo de conhecimento do sujeito relacionado aos nossos objetivos.

O roteiro de entrevista foi composto por questões estruturadas e abertas (Apêndice D) que contemplaram as experiências cotidianas relacionadas à experiência de se viver/sobreviver no contexto de pobreza; ligadas à manutenção/superação da situação de pobreza; aspectos da escolarização e do trabalho; sua compreensão, reflexões e avaliação sobre tais experiências e a de seus pais/filhos; bem como expectativas quanto a mudança de contexto de vida própria e dos filhos/pais.

4.2 Organização e Análise de dados provenientes da Entrevista

As entrevistas foram organizadas e analisadas seguindo método de inspiração fenomenológica para a pesquisa empírica em psicologia (Trindade, Menandro, & Gianórdoli, 2007). Essas autoras indicam as cinco fases para organização e análise dos dados que foram seguidas, a saber: 1) Transcrição integral das entrevistas pelo próprio pesquisador, 2) Leitura da transcrição integral das entrevistas exaustivamente, localizando temas comuns e significantes presentes na experiência vivida pelos participantes e identificação das unidades de significado, 3) Reorganização das entrevistas e distribuição das falas de acordo com as unidades de significado, 4) Conversão dos relatos em linguagem parcialmente padronizada, transcrevendo-se em terceira pessoa e sintetizando o conteúdo e 5) Por fim, transformam-se as unidades de significado em uma ‘estrutura’.

Seguindo-se “tais princípios, cada estrutura é uma articulação dos aspectos significativos de fenômenos relacionados à experiência vivenciada pelos participantes, permitindo apreensão mais integrada de cada um dos sujeitos e da articulação entre eles” (Trindade et al., 2007, p. 87). Após a elaboração das estruturas individuais das entrevistas de todos os participantes desta etapa foram produzidas duas estruturas gerais para cada grupo geracional, a estrutura da primeira geração e a estrutura da segunda geração, reunindo os principais aspectos elaborados pelos participantes em todas as estruturas individuais de cada grupo geracional produzindo uma estrutura que representa a vivência de cada geração.

Na última fase as unidades de significado foram organizadas e transformadas em 18 estruturas individuais, buscando integrar detalhadamente todos os temas identificados nos relatos dos entrevistados. Em seguida, foi realizada a condensação e sintetização destas estruturas individuais das duas gerações separadamente em um texto único, nomeado como Estrutura do Grupo da primeira geração e Estrutura do Grupo da segunda geração. A ordem de exposição das temáticas tratadas (unidades de significado) nesta estrutura final seguiu a mesma das estruturas individuais.

- a) Como vivo atualmente
Com quem moro
Rotina semanal
Rotina do fim de semana
- b) Família de Origem
Naturalidade dos pais
Profissão dos pais
Condição social da família
Convivência com os pais e os irmãos
- c) Escola e Trabalho
Porque parei de estudar
Porque meus filhos pararam
Voltar ou não a estudar
Pra que serve o estudo
Quando começou a trabalhar
Profissões que exerceu
Profissão que gostaria de exercer
- d) Pobreza
Qual a minha condição social
O que mantém minha família nessa condição
É possível ou não uma mudança social
Conhece alguém que deixou de ser pobre? Como?
Ajuda recebida (Rede de apoio social)
Tratamento recebido por pessoas não pobres.
Sonhos e projetos de futuro

Para fins de descrição, os entrevistados pertencentes a ‘Primeira Geração’ foram identificados por nomes fictícios com a inicial ‘P’ e os entrevistados pertencentes a ‘Segunda Geração’ foram identificados por nomes fictícios iniciados com a letra ‘S’.

4.3 Caracterização dos participantes

O quadro abaixo foi elaborado com a finalidade de apresentar de forma conjunta e resumida uma série de informações que foram levantadas para caracterizar os pares de mães e filhos (as) que participaram, na qualidade de entrevistados, dessa etapa da pesquisa.

Quadro 02 – Contrastando os pares de mãe e filhos

Mãe/ Filho (a) Idade	Escolaridade	Nº de filhos	Trabalho/Situação Atual/ CTPS-INSS	Renda Fixa Atual	Gostaria de ser/fazer	Já exerceu	Trabalho Infantil	Profissão dos Pais	Quem Trabalha em casa
Patrícia 65 anos	Ensino Fundamental Incompleto (6ª série)	05	Do lar/ Não paga INSS	R\$70 de BF	Costureira	Garçoneiro; Faxineira; Empregada Doméstica (casa de família); Limpeza de ônibus.	Não	Cavouqueiro e lavadeira	Ninguém
Sofia 34 anos	Ensino Médio Incompleto (1º ano)	03	Estudante/ Desempregada Não paga INSS	R\$680 R\$500 pensão alimentícia R\$180 de BF	Curso Superior	Casa de família-babá; Faxineira; Menor Aprendiz; Recepcionista; Vendedora.	Sim	Do Lar	Ninguém
Priscila 55 anos	Ensino Fundamental Incompleto (4ª série)	06	Do lar/ Aux. Doença ASG Com CTPS assinada	R\$ 937	Costureira	Auxiliar de Serviços Gerais	Sim	Camelô e do lar	Ninguém
Samuel 33 anos	Ensino Médio Completo	02	Barbeiro	R\$ 900 variável	Engenheiro Mecânico	Estagiário; Aux. De limpeza industrial; Mecânico	Não	ASG e Pedreiro	Ele e a Compa- nhieira
Poliana 64 anos	Ensino Fundamental Incompleto (5ª série)	03	Catadora de latinha Não paga INSS	Zero	Delegada	Empregada doméstica	Não	Eletricista e merendeira	Ninguém
Sara 19 anos	Ensino Fundamental Incompleto (8ª série)	02	Desempregada	R\$ 241 do BF	Policia Militar	Ajudante de cozinha; Balconista	Não	Empregada Doméstica	Ninguém
Paola 49 anos		01	Biscate Não paga INSS	Zero	Empreender na área de alimentos	Diarista; Vendedora de cuscuz Cuidadora de idoso	Sim	Braçais (trabalha na roça)	Só ela
Sabrina 30 anos	Ensino Médio Completo	01	Comerciante	R\$ 900 variável	Assistente Social	Balconista; Caixa	Não	Biscateira	Só ela
Potira 57 anos	Nenhuma letrada	12	Do lar Não paga INSS	R\$150 de BF	Cuidador de Idoso	Cuidador de Idoso; Cuidadora de Criança; Empregada Doméstica (mais tempo)	Não	Pedreiro e Do lar	Ninguém
Sérgio 32 anos	Ensino Médio Incompleto (3º ano)	01	Artífice	R\$937	Eletricista	Eletricista; carpinteiro; vendedor	Não	Pedreiro e Do lar	Ele e a esposa

Porcina 55 anos	Ensino Fundamental Incompleto (3ª série)	09	Do lar Não paga INSS	R\$ 900 de BF	Costureira	Empregada doméstica; Vendedora de bolo; Costureira	Não	Mestre de obra e Empregada doméstica	Ninguém
Sandra 37 anos	Ensino Fundamental Incompleto (7ª série)	04	Do lar	R\$ 600 de BF	Costureira	Fábrica de sacolas; Casa de família	Não	Doméstica e Chapeiro (lanches)	Ninguém
Pillar 71 anos	Ensino Fundamental Incompleto (4ª série)	09	Do lar Não paga INSS	R\$ 937	Advogada	Doméstica; Cozinha; Lavadeira; Paneleira; Babá; Marisqueira	Sim	Falecidos na infância. Não informado	O genro
Sônia 31 anos	Ensino Fundamental Incompleto (8ª série)	03	Desempregada	R\$150	Micro empresária	Boleira	Não	Aposentada	O marido
Paloma 50 anos	Ensino Fundamental Incompleto (4ª série)	06	ASG/ Com CTPS assinada	R\$ 937	Ass. Social	Empregada Doméstica Camareira	Sim	Braçais; Lavava roupa pra fora	Só ela
Solange 29 anos	Ensino Fundamental Incompleto (7ª série)	02	Autônoma/Vendas de bijuterias	R\$ 600 de BF e PFC	Enfermagem Empresária	Cozinha ASG	Não	ASG	Só ela
Paula 59 anos	Ensino Fundamental Incompleto (3ª série)	08	Do lar Não paga INSS	R\$ 85 de BF	Enfermeira Professora	Doméstica	Não	Braçais; Vigia	Ninguém
Sueli 35 anos	Ensino Fundamental Incompleto (3ª série)	03	Desempregada	R\$300 de BF	Enfermagem	ASG Camareira Faxineira	Não	Do lar	Ninguém

4.4 A experiência dos participantes da primeira geração

4.4.1 Estrutura 1 - Patrícia

Patrícia, 65 anos, mãe de cinco filhos, três homens e duas mulheres. Um filho é falecido, foi assassinado na prisão. Estado civil divorciada, há mais de trinta anos. Mora atualmente sozinha. Nasceu em Vitória e sempre morou no mesmo bairro. Seus pais também eram de Vitória, o pai era cavouqueiro (escavador de pedra) e a era mãe lavadeira.

Sua rotina durante a semana se resume em ficar em casa e cuidar do lar. Só sai quando tem que ir ao médico, ou pegar algum remédio na Unidade de Saúde (U.S.), o que é frequente. Nos fins de semana é da mesma forma, só à noite que vai à igreja. Não sai pra passear. Às vezes visita uma prima que mora num bairro vizinho. Participa do grupo de idosos da U.S. que se reúne uma vez por mês, a temática desse grupo é sobre a saúde dos idosos.

Patrícia estudou até a sexta série quando era criança e depois que parou nunca mais voltou a estudar. Parou de estudar para ajudar sua mãe, ela era lavadeira e muitas vezes, Patrícia tinha que faltar aula para levar a 'trouxa' de roupa na cabeça até o bairro vizinho, onde as clientes da mãe moravam. Com o tempo parou de vez de ir à escola. Atualmente para voltar a estudar diz que não vai ter mais 'cabeça' pra essas coisas. Sobre o estudo dos filhos relata que estudaram *“o tanto que deu”*. Na sua visão não concluíram os estudos por que arrumaram família cedo e precisavam trabalhar. O estudo para Patrícia serve para conseguir um emprego melhor.

Atualmente Patrícia, não trabalha, por problemas de saúde. Sua única renda fixa mensal é o benefício do Bolsa Família. Não recebe nenhum outro tipo

de ajuda. Relata que trabalhou muito para criar os filhos, não teve ajuda dos pais deles. Trabalhou em lanchonete, fez muita faxina e por último fazia limpeza de ônibus à noite. Lembra que não escolhia serviço, *“não ficava parada”*. Contudo, não teve a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada por tempo suficiente para se aposentar.

Sobre relacionamento com pessoas ricas, lembra-se dos antigos patrões, tanto dela como os de sua mãe, diz que eram muito bem tratadas. Destaca que se sentavam à mesa com eles, bebia e comia junto, era convidada para ir à fazenda deles.

Sobre deixar de ser pobre diz que só queria mesmo era ter saúde, porque *“a pessoa com saúde se torna rica”*. Relatou em detalhes alguns de seus problemas de saúde e como eles a limitam. Sobre seus filhos deixarem de ser pobre acredita que não conseguirão porque não têm estudo então não conseguirão bons empregos. Destaca uma das filhas que continua estudando e é muito esforçada. Patrícia conhece um vizinho que era pobre e ficou rico, *“foi ser jogador... ele jogava aqui no campinho com meus meninos... aí teve um treino e ele foi escolhido... está pra fora aí ganhando dinheiro à beça”*.

Quando ela era nova Patrícia conta que sofria assédios sexuais no trabalho e preferia perder o serviço por causa disso. Uma situação que a deixou muito triste e angustiada, e que ela relatou com lágrimas nos olhos, foi durante uma entrevista de emprego, uma vaga em condomínio a qual ela queria muito conseguir trabalhar, quando foi chamada pensou *“Tô empregada! Já vou começar a trabalhar!”* aí o encarregado disse que ela não poderia trabalhar lá porque tinha varizes nas pernas.

Ela ainda fez mais dois longos relatos de violências sofridas, um que passou com sua filha para fazer a ligadura dela e que não foi realizada e outro sobre o contexto da morte do seu filho na prisão. O sonho de Patrícia é conseguir aposentar e ter um lugar melhor para morar.

4.4.2 Estrutura 2 - Priscila

Priscila tem 55 anos é solteira e tem 6 filhos, 5 homens e 1 mulher. Um é falecido. Nasceu em Cariacica. Quando veio para Vitória morou em outro bairro e têm uns 20 anos que mora no bairro atual. Ela mora com um filho e um neto, sua casa foi construída em cima da casa da sua mãe. O filho que mora com ela está desempregado, não tem profissão fixa, 'faz de tudo'.

Sua mãe é de Guarapari, seu pai ela não sabe de onde é, ele atualmente mora no Rio de Janeiro. Eles estão separados há mais de 40 anos. Priscila era de uma família de sete irmãos, a mãe teve que se afastar da família, (não relatou o motivo), seus irmãos eram pequenos, ela que cuidou dos irmãos. Na infância seu pai era camelô e eles faziam sacola para vender, vendiam também cocada, sonho [pão com doce] etc.

A rotina de Priscila durante a semana é cuidar da casa. Ela também estuda no EJA, por determinação do INSS, vai à escola duas vezes por semana. Nos fins de semana é a mesma coisa, "*não saio*", só vai à igreja aos domingos.

Priscila fez até a quarta série quando era criança. Parou de estudar na época porque teve um problema na sua família e sua mãe foi embora pro Rio de Janeiro, seus irmãos eram muito pequenos e ela teve que sair da escola para tomar conta deles. Quando a mãe voltou para casa, ela não voltou para a escola. Seus irmãos estudaram um pouco mais. Já seus filhos pararam de estudar na

visão de Priscila porque arrumaram família cedo e tinham que trabalhar. O estudo para Priscila é importante para uma vida melhor.

Em seu último trabalho como auxiliar de serviços gerais em uma escola ela se acidentou e está afastada do serviço atualmente, recebendo auxílio doença. Sua renda mensal fixa hoje é este auxílio no valor de um salário mínimo. ASG é a única profissão que exerceu.

Sobre sua condição social Priscila diz *“a gente não pode falar pobre!... tá difícil às coisas, a gente vive como pode”*. Relata que não se relaciona nem se relacionou com pessoas ricas, no trabalho conversava só com as colegas. Para deixar de ser pobre ela acredita que precisa conseguir um bom emprego que pague bem, contudo no momento ela não pode trabalhar. Em relação a seus filhos também, mudaria muito se eles tivessem trabalhando, contudo tá sendo difícil para eles *“não tem onde botar mais currículo e já fizeram um monte de cursos”*.

Pensa muito e tem muita vontade de melhorar de vida. Seu sonho é ter sua saúde de volta para poder trabalhar e seu plano para o futuro é terminar sua casa do jeito dela. A única ajuda que recebe é a do CRAS, atualmente ela ainda recebe o Bolsa Família, mas já foi avisada que será cortado, ela acha que mesmo com o auxílio doença ela precisa desse benefício *“mas o governo tira”*.

4.4.3 Estrutura 3 - Poliana

Poliana tem 64 anos, é divorciada e tem três filhos, duas mulheres e um homem. Nasceu em Vitória. Seu filho e uma neta criada por ela foram adolescentes em conflito com a lei, cumpriram medida socioeducativa.

Atualmente seu genro e um neto estão presos. Poliana mora na companhia de um filho que separou da mulher e pediu para ficar na casa dela.

Sua rotina semanal inclui acordar muito cedo, quatro e meia da manhã, para catar latinhas, quando chega vai amassá-las. Depois descansa. Mesmo quando está chovendo ela sai para trabalhar. Nos fins de semana, fica dentro de casa, gosta de ouvir música e tomar cerveja, mas dentro de casa. Gostava de ir ao forró, mas depois que perdeu sua dentadura e ficou ‘sem os dentes’ não vai mais. Faz caminhadas e vai à academia do idoso num parque próximo de sua casa.

Seu pai também era de Vitória já sua mãe não se lembra onde ela nasceu. O pai era eletricista e a mãe era merendeira de colégio. Poliana afirma que seus pais também eram pobres, eles eram cinco irmãos, ela era gêmea. Seus irmãos homens já estão falecidos, atualmente só tem ela e suas duas irmãs com quem ela mantém muito pouco contato, *“eu sou a mais humildezinha, elas não ligam para mim”*.

Ela destacou que já sofreu muito na vida, precisou criar os filhos sozinha, *“minha família virou as costas pra mim totalmente”* e sem apoio dos pais das crianças que também a abandonaram. O pai da primeira filha só deu a entrada para pagar um ‘barraco’ num morro em Vitória e sumiu. Grávida e sem apoio de sua família, precisou morar na rua um tempo até que conseguiu uma ‘patroa’ ficou com ela em casa.

Poliana estudou até a quinta série quando era criança e não voltou a estudar. Os filhos também não concluíram os estudos, Poliana diz que eles pararam porque eles quiseram. Seu filho, ela diz: *“foi praticamente criado pela*

creche”, ficou lá de seis meses aos oito anos de idade, ele estudou até a sexta série e evadiu da escola, as outras também abandonaram antes de completarem o Ensino Fundamental. Uma das filhas, a avó paterna, ajudava a tomar conta para ela poder trabalhar.

Para Poliana o estudo serve pra muita coisa, destaca que sabe ler e escrever, mas *“tô carregando ‘carga de burro’ [sic] porque quem mandou não estudar”*. Sente vergonha disso.

Poliana trabalha desde os doze anos. Trabalhou mais como empregada doméstica, nunca teve a CTPS assinada nas casas onde trabalhou. Trabalhou também em firmas na área de limpeza. Na última casa que trabalhou quis sair porque não aguentava mais, estava muito cansada, saiu e voltou três vezes até conseguir parar definitivamente. Poliana diz que se dependesse da patroa ela ainda estava lá, *“ralando [sic] ...eu tinha uma patroa que as filhas gostavam de montar nas minhas costas era uma tristeza eu não tava mais com ‘saco’ [sic] pra isso”*.

Poliana não se considera uma pessoa pobre porque tem saúde, tem disposição pra tudo. *“Sou rica pelas Graças de Deus! Rezo, oro, peço muito pra Deus me ajudar”*. Para ela sua condição vai mudar quando ela começar a receber o Benefício de Prestação Continuada- BPC⁴, o qual ela chama de aposentadoria.

4 O Benefício de Prestação Continuada- BPC da Lei Orgânica da Assistência Social- LOAS (BPC) é a garantia de um salário mínimo mensal ao idoso acima de 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade com impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial de longo prazo (aquele que produza efeitos pelo prazo mínimo de 2 (dois) anos), que o impossibilite de participar de forma plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas. Para ter direito, é necessário que a renda por pessoa do grupo familiar seja menor que 1/4 do salário-mínimo vigente. Por se tratar de um benefício assistencial, não é necessário ter contribuído ao INSS para ter direito a ele. No entanto, este benefício não paga 13º salário e não deixa pensão por morte. (Ministério do Desenvolvimento Social, 2015).

Relata que ganha roupas e vende quando precisa. Às sextas feiras ganha pão em uma Padaria (em outro bairro) leva pras bisnetas. Costuma também pedir nas casas *“Vc não tem umas caixas de leite pras minhas bisnetinhas?”* Ganha o leite e também leva para elas. Poliana diz que é bom quando o CRAS dá leite em pó junto com a Cesta Básica, porque *“rende ‘à beça’... a gente bota muita água e pouco leite...rende muito...”*.

Poliana lembra que precisou vender um pedaço do quintal dela que *“era enorme”* por causa do filho que estava devendo drogas. *“Fiquei desesperada, eu tava com a minha perna toda inchada, e tive que ir atrás, eles iam matar ele”*. Na visão de Poliana seus filhos não são pobres como ela, *“eles estão feitos, fulana (sua filha) é casada e tem a casa do pai dela que quando ele morrer vai ficar com eles”*.

As pessoas que melhoraram de vida que ela conhece são suas vizinhas cujos maridos faleceram e *“deixaram algo bom pra elas”*. Ela pensa em deixar de ser pobre, tem vontade de levar as colegas na sua casa. Pensando em ganhar um bom dinheiro, ela jogava através do celular, num jogo que é divulgado num programa de TV, como ela não ganhou nada e o celular dela bloqueou, ela não joga mais. Poliana afirma que seu filho deveria parar de beber, pois toma remédio controlado, mas mesmo assim ele bebe. Atualmente ele trabalha e dá pensão para os filhos dele. Um arrependimento que Poliana tem foi a forma como gastou o dinheiro que ganhou numa rescisão trabalhista há alguns anos atrás, comprou móveis e eletrodomésticos que não existem mais, ela diz que deveria ter investido em sua casa, o que não fez por estar aguardando uma resposta da prefeitura,

pois ela tinha um processo correndo na Defesa Civil solicitando a reforma de sua casa.

Ao comentar sobre a situação difícil que uma de suas netas se encontra, *“arrumou um neném”* de um rapaz novo que não tem trabalho formal e devido a esse contexto está sempre pedindo ajuda da avó. Poliana relata uma estratégia utilizada por eles *“... quando acaba o aluguel eles muda[sic] de madrugada...”*.

Sua renda fixa mensal hoje é o que recebe de BF, diz que a ajuda muito esse valor e que inclusive mesmo recebendo o BPC ainda continuará precisando, para não precisar dele só se ganhasse um dinheiro bom! Seu projeto de futuro é ter o BPC e não catar mais latinhas. Seu sonho é ter sua casa *“pintadinha, limpinha, hoje é tudo emendado, vai fazendo buraco e vou botando cimento”*. Mas ela afirma que não quer ficar rica, gosta de humildade *“Tendo minha casa como eu quero e minha aposentadoria já tá bom, já sou rica!”*.

4.4.4 Estrutura 4 - Paola

Paola tem 49 anos, solteira e tem uma filha. Atualmente mora com o companheiro. Ela faz bicos e a única renda fixa dela é o pagamento do Bolsa Família. Sua rotina é fazer os bicos que consegue e tomar conta do quintal da casa onde mora, ela não paga aluguel, mas em troca precisa cuidar do lugar. Nos fins de semana costuma ir ao bar da sua filha (bairro próximo), *“depois venho pra casa e como bastante”*. Às vezes visita a irmã que mora em outra cidade (vizinha à Vitória).

Paola nasceu num município no interior do estado, veio na adolescência para Vitória. É órfã de pai e mãe, ela e seus três irmãos foram criados por parentes. Seu pai era braçal, trabalhava na roça, *“trabalhava de sol a sol, nunca*

deixou faltar nada”, sua mãe era do lar. “Meu pai quando ele era vivo eu lembro quando chegava segunda feira ele chegava com aquele saco branquinho cheio de compras aí eu era tão pequenininha, meu cabelo tão cacheadinho eu ia correndo juntava nas duas pernas dele, como ele andava?!”.

Eles morreram quando ela era bem pequena. Seu pai morreu de acidente de carro, aos 33 anos. Sua mãe foi assassinada um mês depois por um homem que queria obrigá-la a morar com ele para pegar a indenização dela. *“Se você não for morar comigo vou te matar”, e não é que o cara matou minha mãe?! Matou minha mãe na roça”. Paola chegou a morar com os avós paternos, mas pouco tempo depois os padrinhos de batizado a adotaram e a criaram.*

Sobre o tempo que morou com a avó, Paola lembra que sua avó era muito pobre e que numa certa ocasião ela quase *“matou eu e minha irmã por causa de uma xícara de açúcar. Minha irmã era mais velha ela colocou uma cadeira subiu e pegou o açúcar e nossa avó quase matou a gente por causa dessa xícara que minha irmã pegou pra gente comer”.*

Paola estudou até a quarta série em sua cidade no interior do estado e nunca mais voltou à escola. Lembrou-se de sua professora do primário. Disse que parou de estudar porque tinha que escolher entre estudar ou trabalhar, principalmente quando foi mãe. Atualmente não tem interesse em estudar mais, *“o negócio é trabalhar”.* O estudo é bom, considera que o que aprendeu já é o suficiente, que sabe se virar sozinha, *“o que eu aprendi dá pra mim viver muito bem”.*

Atualmente Paola vive de fazer ‘bicos’ e cuidar da sua casa, *“eu tenho minhas tarefas de casa para fazer, não posso deixar minha casa bagunçada e*

ficar só trabalhando pros outros". Trabalhou também como vendedora de cuscuz e cuidadora de idoso. Já chegou trabalhar em dois empregos para não deixar faltar nada pra sua filha *"todo dia eu queria ter o dinheiro do lanche, pra ela ir pra escola igual a todos os outros alunos, eu fui mãe e pai dela"*. Paola afirma que não tem tempo para passear, *"minha vida é trabalhar"*. Ela planeja montar um negócio pra ela, já pensou em pegar um empréstimo para isso. Seria com comida, *"eu quero mexer com bastante coisa gostosa"*.

Paola se considera pobre, desde pequenininha. Considera que atualmente não é possível mudar sua condição, *"as coisas estão muito caras"*. Paola cita a Igreja Católica, a Legião Brasileira da Boa Vontade- LBV e o CRAS como instituições que tem ajudado os pobres. Ela recebe ajuda de um vizinho que trabalha num 'Kilão', ele a doa verduras, temperinhos, bananas etc. Paola não se relaciona e nem se lembra de ter se relacionado com pessoas ricas. Acredita que pode deixar de ser pobre se ganhar na 'Mega Sena', ela afirma que de vez em quando ela joga, também joga no 'Jogo do bicho'. Acredita que tem chances de ganhar.

Sobre a sua filha estar conseguindo melhorar sua condição social, Paola enfatiza *"ela estudou bastante"* (completou o Ensino Médio). A única pessoa que conhece que era pobre e deixou de ser foi sua tia, irmã de sua mãe, ela se casou com um homem rico. Ele era viúvo e a tia de Paola trabalhava como empregada doméstica na casa dele, ele era bem mais velho e tinha três filhos do primeiro casamento, *"casou virgem para ter a riqueza com ele"*.

Sobre o preconceito para com o pobre ela disse que não sofreu porque não dá *"confiança"*, mas que existe sim, pelo jeito de olhar e que tem pobre que trata

mal outro pobre. Sobre a condição social que terá sua neta Paola fala que ela vai ser *“remediada”* igual à mãe, porque ela está *“firme e forte nos estudos”* e vai ter uma profissão, *“ela vai escolher o que ela quer ser”*.

Paola conta que perdeu todas as suas coisas, *“perdi tudo quando minha casa pegou fogo. Chorei muito, fiquei muito triste, eu não acreditei, eu estava na casa da minha filha esperando uma pizza que minha neta pediu...eu sou tão forte que eu nem precisei tomar calmante nenhum, vi minhas coisas em cinza assim, minhas roupas, cama, geladeira, tanquinho...tudo. Você sabe o que é chegar e ver sua casa só a cinza? Eu desconfio do ‘Índio’, viram ele rondando em volta da minha casa. Eu tinha separado dele e voltei para o meu ex que é esse que está lá em casa. O índio costumava beber e ficar atacado”*.

Paola acredita que para deixar de ser pobre só se ganhar na ‘Mega Sena’ e admite que *“de vez em quando eu faço uma fezinha”*. Ela relata que um dia ela deixou de comprar pão para fazer uma aposta no Jogo do Bicho, *“acertei os quatro números na cabeça!... Eu tenho sorte para ganhar... Você sabe o que o cara fez? Não pagou. Ele tinha que entregar o dinheiro num envelope fechado direitinho, mas ele meu deu só uma pequena parte do dinheiro e eu não podia fazer nada porque já tinha entregado a pulha (papel onde se anota o jogo do bicho) pra ele. Eu tive sorte, mas não adiantou nada”*.

Paola conta que às vezes troca um alimento por outro, quando está precisando de um alimento que ela não tem ela troca, por exemplo, por um trigo pra fazer um bolo. *“Amo fazer bolo, faço até na brasa, aprendi com minha avó. Meus avós tem sangue da Alemanha, quando eu sonho ninguém entende o que eu falo. Meu avô sentava na beira da minha cama e ficava ensinando a gente a*

falar alemão. Eu sei falar algumas coisas, nesse negócio de sentar na cama as vezes a gente dormia e ele continuava falando, não percebia que a gente dormia”.

Paola sonha morar numa mansão, ter uma ‘Ranger’(carro) e viajar, *“amo viajar”*.

4.4.5 Estrutura 5 - Potira

Potira tem 57 anos, é separada e teve 12 filhos, 9 homens e 3 mulheres. Ela nasceu na Bahia, casou e criou os filhos em Minas Gerais, veio morar em Vitória há pouco tempo. Atualmente mora com os dois filhos caçulas, de 15 e 16 anos. Ela é do lar, sua renda mensal fixa é o pagamento do BF. Sua rotina semanal se resume a *“coisas normais de casa”* já nos fins de semana sai com os filhos para passear.

Potira tinha 16 irmãos e sua mãe criava mais seis crianças de outras famílias, 22 crianças no total em casa. Seu pai era pedreiro e sua mãe dona de casa, eles eram de Feira de Santana na Bahia. Mas a mãe não se prendia pelas crianças, ia passear, fazer negócios em São Paulo, participar de festa de São João, nessas ocasiões *“ela deixava os meninos com a gente e caía no mundo”*. Potira considera que seus pais não tinham muito, mas tinham condições de criar os filhos e hoje ela sente que não tem condições de criar seus filhos do mesmo jeito que os pais dela a criaram. *“Meu pai chegava dia de sábado ele falava assim, mata um porco aí e leva na minha casa, todo mundo comia... Ele chegava no açougue comprava um quarto de boi e levava lá pra casa...não era essa miséria que tá hoje não”*.

Dona Potira não completou nenhuma série. *“Na minha época do estudo era assim, a gente pegava uma sacolinha de arroz, colocava o caderno e ia pra*

escola, mas o tempo que eu tinha que estudar eu ia brincar". Arrepende-se disso agora. Ela lembra que a mãe a mandava pra escola, *"só faltava me matar, de vez em quando eu ia pra escola, eu enganava ela e ia pro rio tomar banho, aprendi nada"*. Se pudesse ter feito um curso profissional, Potira teria feito curso de cuidador de idoso, é o que gosta de fazer. Os filhos dela estudaram, alguns completaram o ensino médio e outros pararam antes, considera que nenhum filho deu trabalho pra ela igual ela deu pra mãe dela *"nenhum me puxou eu era terrível"*.

O estudo serve para aprender a ler, ter uma profissão boa, *"se a gente não tem estudo a gente não é ninguém"*. Potira afirma que está querendo estudar agora adulta, está pensando em se matricular na escola perto de sua casa, *"tanta gente depois de velho estuda, porque eu também não vou estudar?"*.

Hoje na sua casa ninguém está empregado. Mas ela afirma que *"a pequena tem que trabalhar, porque é assim, se o menino não trabalhar ele fica atoa"*. Potira deixa a televisão ligada pra eles não ficarem na rua, *"menino em rua não presta"*.

Potira quer arrumar um emprego, fazer alguma coisa pra não faltar às coisas pro seus filhos, mas a falta de escolaridade ela vê como principal empecilho. *"Eu falo assim pro meus filhos, 'eu podia arrumar um emprego de varrer rua'...mas eles falam assim que tem que ter curso, não sei mais o quê"*. Se tivesse condições Potira abriria um pequeno restaurante para trabalhar com os filhos, *"pra eles não trabalharem pra ninguém, trabalhar pra nós mesmos em família"*.

Potira se considera pobre porque tá muito difícil. O que mais a incomoda nessa condição é não ter casa própria, ela paga o aluguel de uma casa bem pequenininha, então tem que dormir todo mundo junto. *“Ainda bem que eles são tudo apegado comigo, mas é tudo apertadinho, não tem espaço pra gente por um sofá, eu queria a casa grande e que todo mundo chegasse, sentasse, conversasse...eu gosto de muita alegria dentro de casa”*. Para ela sua condição poderia mudar se o governo quisesse mudar, *“ele faria muita coisa”*. Potira para sobreviver recebe ajuda dos seus filhos e cita o CRAS como lugar que ajuda as pessoas pobres.

Já se relacionou com pessoas ricas e elas a ajudavam, eram como filhas pra ela. O que influenciará para seus filhos não serem pobres, Potira acha que depende deles terem um bom estudo e oportunidade de *trabalho “porque se começar de pequeno a gente chega lá em cima”*.

Conheceu uma vizinha que deixou de ser pobre porque o marido foi para os EUA e depois mandou buscar a família, *“hoje estão bem de vida, mudaram completamente, eu acho que se a pessoa tiver força de vontade ela consegue o que quer”*.

Ela não recebe outra ajuda sem ser no CRAS, ressalta que *“roupa tá mais barato do que arroz...o tempo evoluiu muito...o interiorzinho lá da roça está mais garantido, tem comércio...você vê roupa, vê sapato, vê bazar... hoje em dia não tá assim mais não...tem gente que é porque se acostumou com a pobreza”*.

Potira pensa em deixar de ser pobre, *“com fé em Deus eu não vou ficar nessa vida não”*. Quando for bem de vida ela quer ajudar um orfanato, *“não vou ter dinheiro pra pisar nas pessoas eu quero ajudar as pessoas”*. Seu sonho é ter

sua casa própria e projeta para o futuro poder abrir um negócio na área de alimentação com os filhos.

4.4.6 Estrutura 6 - Porcina

Porcina tem 55 anos, é casada, teve 9 filhos, 7 mulheres e 2 homens. Nasceu no Rio de Janeiro. Veio para Vitória com o esposo e as três filhas mais velhas há quase 30 anos. Duas filhas de Porcina foram assassinadas com envolvimento com tráfico de drogas e no momento ela tem dois filhos, um neto e um genro presos. Atualmente ela mora com nove netos e dois filhos. Cinco netos são da filha que está presa e quatro das duas filhas que morreram.

A rotina semanal de Porcina é preparar e ‘mandar’ as crianças para escola, pela manhã um grupo e na parte da tarde outro grupo. E as demais tarefas domésticas, como fazer o almoço, a janta, o café, lavar roupas... *“coisas de casa o dia todo, não paro um minuto”*. Nos fins de semana descreve sua rotina como a mesma, *“o serviço de casa continua”*. Não passeia, não sai, com exceção quando vai ao presídio visitar os filhos. E a noite que vai à igreja.

Seus pais eram alagoanos e tinham na visão dela uma situação ‘boa’. Porcina só tem mais um irmão. Seu pai era mestre de obras, *“a melhor casa era a nossa”*, e sua mãe trabalhava em casa de família. Após uns anos que estava morando com sua família em Vitória seu irmão veio também, *“ele veio me visitar um dia... cheguei do trabalho ele estava lá em casa...ficou uns três dias...foi embora e quando passou quinze dias ele chegou com a família toda!...ficaram tudo lá em casa...aí depois arrumaram uma casinha”*. Depois de alguns anos viúva sua mãe também veio morar com ela em Vitória. *“Minha mãe não reclamava*

de querer voltar nem pra Alagoas nem pro Rio porque a 'coisa' dela era a gente...era meu irmão...tá perto....porque ela era muito puxa saco dele”.

Porcina estudou até a terceira série do ensino fundamental. Parou de estudar por que queria ter liberdade, queria trabalhar fora, sair pra passear com as outras garotas e a mãe não deixava. *“Uma que eu parei foi por causa de fogo mesmo...foi da minha parte mesmo[...]parei de estudar pra trabalhar”.* Os filhos mais velhos dela pararam de estudar antes de terminar o ensino fundamental, alguns ainda estão estudando, os mais novos. Segundo Porcina seus filhos pararam de estudar porque chega à adolescência desanimam. *“Desanima...não sei...eu não entendo...fico sem entender”.* Ela incentiva muito os que estão estudando a não parar, *“fulano e cicrano (seus filhos) escolheram o caminho errado... olha o que aconteceu [...] Beltrano (filho) tinha parado... aí deu duas entrada (sic) na 'de menor' aí a 'de menor' botou ele pra fazer supletivo, tá estudando, ele é acompanhado no CREAS”.*

Porcina gostaria de ter estudado mais. O estudo para ela serve pra arrumar um bom emprego, ser alguém na vida. *“Tem muito jovem que vai pro tráfico, abandona a escola, acha a vida mais fácil...a vida é mais difícil...outros, não querem ter paciência com as professoras, acha que as professoras são ignorantes...”.*

Porcina trabalha desde os 13 anos, começou em casa de família com serviços domésticos. Trabalhou mais como empregada doméstica, só em uma mesma casa chegou ficar 12 anos. Também já fez costuras pra fora e quitutes para vender na porta de casa. Atualmente ela é do lar e sua única renda fixa é o pagamento do Bolsa Família. Lembra que no início do casamento, ela com quinze

anos e ele com dezesseis sua condição *“não era muito apertada”* porque ela e o marido trabalhavam, ele como ajudante de caminhoneiro, carregador, entre outros. Também nessa época ela recebia ajuda do seu pai. Mas depois *“ele virou a vida dele para o crime, eu continuei trabalhando”*. Quando vieram para Vitória o marido foi trabalhar de chapeiro, profissão que aprendeu na lanchonete do presídio, depois de alguns anos ele ‘se converteu’ [experiência religiosa] e saiu totalmente da *“vida do crime”*. Quando veio para Vitória, Porcina relata que passou muita luta, *“eu passei dia que não tinha nem comida pra dar as minhas filhas... fulano (seu filho) era pequeno tinha dia que não tinha leite, comia fubá puro”*.

Seu primeiro trabalho em Vitória foi num salão de beleza como manicure, depois conseguiu ir para as casas de família aqui também, nesta fase quem tomava conta das crianças menores para ela poder trabalhar era a fulana (sua filha), a segunda mais velha dela.

Porcina não se considera pobre, comparando com essas dificuldade que já passou ela hoje *“posso falar assim... eu vivo num mar de rosas”*. Atualmente não recebe ajuda para se manter, e afirma que até no CRAS está difícil, pois quando vai pedir uma Cesta Básica, a resposta para ela é que devido ao valor do seu Bolsa Família ela não pode ganhar a CB. Porcina diz que responde a assistente social: *“Vc já viu quantas pessoas tem na minha casa? Quantas crianças têm?”* e que teve vontade de questionar a ela também se a Cesta Básica era dela ou do governo, da prefeitura, mas preferiu não indagar isso.

Só uma, das nove crianças, netos de Porcina, recebe pensão alimentícia fixa do pai, mesmo assim extrajudicial. Os outros, os pais não tem emprego fixo e *“ajudam”* quando e como podem, *“não posso contar”*.

O CRAS é o único lugar que Porcina considera que ajuda as pessoas pobres *“é aqui que a pessoa vem e ganha alguma coisa porque o resto....”*

As pessoas ricas com quem se relacionou foram suas patroas e Porcina relata que era tratada como alguém da família, *“os filhos dela me abraça [sic], me beija [sic],...esse mais moço eu criei desde bebê...almoço com eles eu sento com eles, na outra casa a mesma coisa pode sentar aqui na mesa nós vamos almoçar todo mundo junto”*.

Para mudar a condição social de sua família hoje Porcina acredita que cada neto deveria estar na sua casa com a sua mãe e seu pai. Em sua casa, só ela e os filhos dela, *“isso já faria uma mudança, eu não teria preocupação, poderia passear, viajar com meu marido, eu nunca tive essa oportunidade... e agora não posso... eles dependem de mim”*.

O que mantém sua família na situação de pobreza para Porcina são as crianças pequenas, *“porque elas não trabalham, não faz[sic] nada”*. Seus filhos maiores colocam currículo para conseguir estágio e não conseguem. *“Hoje serviço pra de menor ficou mais difícil que antigamente... eu tenho minha carteira assinada com 13 anos, hoje só pode fazer estágio quem está estudando... hoje muita coisa não pode, meu neto fica colocando currículo no computador até hoje não surgiu serviço pra ele... se eles tivessem condição de trabalhar já comprava a roupinha dele, talvez ele visse o irmão sem o chinelo ia lá e comprava, ajudava... hoje sou só eu... fica difícil”*.

Se seus filhos também serão pobres Porcina afirma que vai depender muito deles, se quiserem estudar pra ser alguém na vida. Vai depender das escolhas deles também. Ela não conhece pessoalmente ninguém que era pobre e ficou rico, mas acha que é possível se ganhar na “Loto”, acredita que é muita sorte a pessoa ganhar um dinheiro que dá pra pagar todas às dividas. Fora isso, só aqueles que já nasceram ricos.

Ela afirma que não pensa em ficar rica pensa em melhorar sua situação, dar condições melhores para os seus filhos. Seu sonho é ter uma casa própria, onde mora hoje é cedida por um genro, futuramente sabe que terá que voltar pra ele e para os filhos dele. *“Cada um arruma uma mulher vai querer um lugar pra morar”*. Está tentando conseguir uma pelo programa ‘Minha casa, minha vida’. *“Pra quando eu partir da terra meus filhos que ficar [sic] ter alguma coisa, o cantinho deles”*.

Uma estratégia de Porcina é a valorização do que ela tem hoje, *“atrás de mim tem gente pior do que eu, eu falo assim pras crianças lá em casa... ‘ah! hoje só tem pão não tem manteiga’... eu falo assim: vai lá na rua tem tantas crianças que não comeram nada nenhum golinho de café...fica catando lixo pra ter alguma coisa, eu fico olhando muito por esse lado de valorizar o que tem”*.

4.4.7 Estrutura 7 - Pillar

Pillar tem 71 anos é viúva teve nove filhos, uma falecida com envolvimento com tráfico de drogas. Atualmente mora sozinha no mesmo quintal onde mora sua filha caçula com o genro e dois netos. Ela nasceu em Cariacica, mas veio ainda pequena para Vitória.

Hoje sua rotina semanal é acordar muito cedo e ficar sentada fazendo crochê, está em tratamento de saúde que não a deixa se locomover muito. Nos fins de semana se aborrece muito quando o genro liga o som muito *alto* “*se eu pudesse não ficava dentro de casa*”. Vai à igreja à noite.

Sua mãe era de um município do interior sul do estado e seu pai era mineiro. Considera que seus pais eram pobres, depois que seu pai morreu quando ainda era criança a situação ficou ainda pior, sua mãe tinha poucas condições e teve outro companheiro. Pillar tinha sete irmãos, sua irmã ela lembra que foi trabalhar na casa de uma senhora e se criou por lá, os outros não ficaram em casa, seus irmãos homens também foram trabalhar. “*A gente foi criada pelos outros... ela me deu pra minha tia*”.

Pillar veio morar com a família de uma tia numa região de mangue em Vitória. Ela tirava marisco com sua tia no mangue “*pra comprar as coisinhas pra mim porque eles eram pobres também*”. Sua tia sobrevivia não só dos mariscos ela era paneleira também e seu tio vendia as panelas. Pillar aprendeu a fazer panelinhas, caldeirãozinho, frigideirinha “*que os ricos compravam pra fazer cinzeiro*”. Quando Pillar completou oito anos sua tia a enviou para morar com a madrinha dela em Cariacica. “*Lá comi o pão que o diabo amassou! fiquei lá até os doze anos*”.

Pillar fez um relato muito emocionado da sua vivência na casa dessa tia, lembrou que apanhava muito, era maltratada, ela ganhava as coisas e a madrinha tomava dela. Seu trabalho nessa época era acordar às quatro horas da manhã pra pegar comida pra porco. Depois, a partir dos doze anos começou a fugir para

casa de outra tia e chegou a morar novamente com a sua mãe, a partir daí começou a trabalhar em casa de família.

Pillar fez até a quarta série e gostaria de ter estudado mais. Parou os estudos porque teve muita dificuldade, dormia na sala de aula porque acordava muito cedo pra trabalhar. Citou o nome das professoras e disse que eram muito boas. Pillar conseguiu com 70 anos voltar a estudar, fez o EJA numa escola do bairro onde mora. *“Voltei pra aprender mais alguma coisa, acertar mais as letras...”*. Se pudesse ter estudado pra ter uma profissão Pillar queria ser advogada, *“ser uma coisinha que pudesse ajudar os outros”*. Seus filhos também pararam os estudos antes de completar o ensino médio, Pillar afirma que foi porque quiseram e ela não os forçava a ir. Para ela o estudo serve pra ser alguma coisa na vida, *“com estudo já sofre sem estudo é pior”*. Alguns dos seus filhos também voltaram a estudar depois de mais velhos e conseguiram se formar (Ensino Médio). Lembra que os deixava ainda pequeninhos em casa um tomando conta do outro e passava com água na cintura, quando a água baixava passava dentro da lama, para ir trabalhar.

Hoje Pillar recebe BPC idoso, o valor é de um salário mínimo. As profissões que exerceu na vida foram: empregada doméstica, cozinheira, lavadeira, babá, paneleira, marisqueira. Quando as crianças eram pequenas, Pillar costumava ir com elas numa ‘Feira Livre’ num bairro classe média de Vitória. *“Levava eles, lá eles comiam, trazia verdura, eu gostava deles pequenos... tenho saudade de quando eles eram pequenos... passava uma vida apertada”*.

Atualmente ela não se considera pobre *“pobre é o diabo! Eu sou mais ou menos”*. Relacionamento com pessoas não pobres ela cita as antigas patroas, *“a*

pessoa que trata a pessoa bem...trata a pessoa igual...mas nem todo rico é assim [...]Essas duas meninas minha... Eu trabalhava numa casa que a mulher tratava elas como se fossem filhas... elas cresceram ali tudo numa idade só... mas os outros meninos meu foram mais travado porque tiveram que se virar do jeitinho deles...os maiorzinhos iam saindo...ia trabalhar numa casa...pra ajudar”.

Pillar lembra que também já trabalhou numa casa que ela precisava levar a filha mais velha com um aninho na época junto com ela e a menina tinha que ficar num quarto separado, *“a patroa não gostava de criança em casa”*.

Sobre deixar de ser pobre para Pillar só se ganhasse na ‘Loto’, mas não joga. Fica pensando às vezes em melhorar pra ajudar os filhos. Para Pillar o que mais influenciaria para seus filhos não serem pobres é eles quererem, e *“ir pelo ‘caminho reto’ se fizer uma dobrinha ninguém vai pra frente”*. Querer ficar rico *“a pulso”* também não é certo para Pillar. *“Não digo ficar rico, mas dar uma ‘melhoradinha’ boa, se quiser, estudando, arrumando um trabalho melhor, colocando a cabeça no lugar, não gastar demais”*. Os netos, para ela, podem ter uma vida melhor se correrem atrás, porque eles têm estudo, *“podem ter uma vida melhor sim”*.

Pillar conta que uma vez foi levar seu filho que estava doente num consultório médico particular que o médico do SUS encaminhou ele. *“No lugar de gente rica, ali que eu vi que eu era pobre... no meio de gente rica tem uns que não tem preconceito já tem uns que não quer nem falar com a gente só em falar a pobreza pega neles!”*.

O sonho de Pillar é se ela tivesse muito dinheiro mudar-se do bairro. Depois que ela saiu da casa que o ex-marido deixou pra ela quando morreu ela

“quebrou muito a cabeça”. Ela fez uma troca com o irmão, isso foi segundo ela sua maior loucura na vida, não teve mais casa pra morar, morava aqui morava ali, não tinha dinheiro para pagar o aluguel. Até que veio morar com a filha que faleceu neste bairro onde está atualmente, na época era uma invasão quando a prefeitura fez a urbanização do bairro, construiu um barraco para ela no lugar onde vive até hoje.

4.4.8 Estrutura 8 - Paloma

Paloma tem 50 anos é solteira e tem seis filhos, cinco mulheres e um homem. Atualmente mora com as duas filhas mais novas. O filho que é o caçula está preso. Paloma é de Minas Gerais veio para Vitória pequena. Durante a semana Paloma sai de casa 5:20 da manhã para trabalhar, retorna para casa as 16 horas. Quando chega vai acompanhar as atividades escolares das filhas e fazer as ‘coisas de casa’, as terças, quintas e domingo a noite vai à igreja. Final de semana, fora a igreja no domingo à noite, relata que fica dentro de casa, desanimada.

Paloma conta que eles eram quatro irmãos, os pais eram colhedores de café, braçais. *“A minha mãe fala que meu pai tinha muita terra, muito gado, muita coisa... ele acabou com tudo com mulher... se separaram”*. À principio ela e seus dois irmãos (a quarta irmã nasceu depois da separação, sua mãe saiu de casa grávida) ficaram com o pai, o juiz deu a ele por direito, contudo seu pai saía e deixava os filhos ‘debulhando’ milho a noite inteira, e ainda levava algumas mulheres para casa que batiam neles. Paloma acredita que contaram pra mãe dela e aí ela foi lá e buscou-a e a sua irmã, o irmão ficou lá com o pai, *“ele sofria um pouco menos”*.

Paloma estudou até a quarta série parou porque tinha que trabalhar. “A gente morava praticamente sozinha... a gente não ficou com a minha mãe... foi uma vida assim ‘você se vira’. Eu não tive também interesse de estudar... trabalhava o dia inteiro em casa de família”. Todos os filhos de Paloma pararam de estudar sem completar o ensino médio. Para Paloma pararam “porque quiseram, por desinteresse, o fulano (seu filho) quando passou pro lado da droga não quis mais estudar”. A sua filha que mais estudou quer ser assistente social, ela estava terminando o terceiro ano do ensino médio, “só que aí o menino dela tá muito pequeno, ele chora muito aí ela parou... ‘mãe depois eu sigo em frente’... foi a única que se interessou pelo estudo... Já a cicrana [filha mais velha], ela parou mais pra me ajudar, ela foi diferente dos outros...ela já trabalhava em casa de família, peixaria, lanchonete...Sempre falo com eles...vocês só tem que estudar...não tem conta não tem nada...antes a gente tinha que se virar...o melhor que vocês fazem é estudar.” Estudar serve para Paloma pra ter uma vida melhor, “se consegue tudo com estudo, se consegue uma profissão melhor”.

Atualmente Paloma é auxiliar de serviços gerais, trabalha oito horas por dia, recebe um salário mínimo. É a única que trabalha na sua casa. Uma filha está no programa Adolescente Aprendiz. Paloma também já trabalhou como empregada doméstica, babá, camareira, servente, faxineira e copeira. “Em Rondônia eu trabalhei de camareira fui pra lá com o pai das meninas, passei uma vida amargurada e voltei”.

Paloma se considera pobre sim, desde criança. Seu sonho é arrumar um serviço melhor, comprar uma casa e poder comprar as coisas pros seus filhos. “Eu não ligo muito eu desse jeito eu tenho vontade de me arrumar só que eu não

tenho ânimo é tanta coisa... você luta, luta e não ganha nada". Mudar essa situação de pobreza para Paloma é muito difícil porque *"ninguém ajuda ninguém"*. Ela afirma que ganha roupas no trabalho às vezes, pra ela e pras filhas.

Sobre o preconceito para com as pessoas pobre Paloma lembrou que nas faxinas em algumas casas, os copos e talheres que ela ia usar eram separados e que parou de dar faxina na casa de uma mulher que deixava o *"resto"* da comida para ela comer, *"todo mundo comia, depois tirava pra janta aí depois eu podia comer... eu achei muita humilhação, muita humilhação, eu nem almocei nesse dia lá... enchi a barriga de água, uma tonteira de fome, mas não comi, se ela acha que vai fazer falta então..."*.

Paloma projeta para o futuro comprar uma casa, *"nem que fosse só um cômodo, mas seria meu"*. Ela pensa que sem o aluguel ela irá viver mais tranquila, que embora o salário sendo pouco, mas sabendo administrar ela iria viver bem. *"Eu queria uma casa, meu sonho é uma casa"*.

4.4.9 Estrutura 9 - Paula

Paula tem 59 anos, é separada do primeiro marido, contudo ainda está casada oficialmente com ele. Ela teve um companheiro com quem morava há 27 anos, que faleceu ano passado. Ela tem oito filhos, três com o marido e cinco com o companheiro. Ela nasceu no interior do estado, se casou lá, depois veio para Vitória já faz muitos anos. Inclusive Paula relata que a sua chegada ao bairro foi anterior ao processo de urbanização que o mesmo *sofreu "na época era tudo lama, as casas em palafitas... depois que aterraram tudo"*.

Ela mora atualmente com seus filhos, na casa que é de um deles. Sua rotina semanal é cuidar da casa e ir ao médico. Nos finais de semana vai à igreja

no Domingo, *“é o que tem de diferente... tem vez que vou até dia de semana mesmo”*.

Seus pais eram de uma cidade do interior do estado e ela considera que eram pobres. Seu pai e sua mãe trabalhavam na roça, o pai dela quando ficou mais velho, foi trabalhar de vigia numa serraria, sua mãe com o tempo parou de trabalhar na roça também.

Paula fez até a terceira série do ensino fundamental, ela gostaria de estudar mais, mas pensa *“a minha ideia não vai dar mais pra estudo, aí fico parada, fico parada”*. Porque parou os estudos Paula conta que *“morava muito na roça aí fui crescendo, tomando idade, eu não quis mais estudar...a escola até era perto”*. A profissão que gostaria de ter estudado era pra ser professora ou enfermeira. *“Quem dera eu tivesse o estudo”*.

Alguns filhos de Paula também evadiram da escola, o motivo para ela é porque deu ‘preguiça’ *“ele tinha uns 13 anos... e você sabe a gente não pode estar empurrando filho pra estudar, porque se empurrar como é que vai dar certo?”*. Outra filha que também parou de estudar foi até a quarta série do primário, essa Paula acha que foi porque também não quis, mas ela parou depois de casada [tinha 13 anos], *“eu não posso mandar mais”*. Por ela, todos teriam terminados os estudos, *“mas a metade acabaram [sic]”*, esses terminaram o ensino médio. Estudo serve para Paula para a pessoa arrumar serviço, destaca que serve também *“pra pessoa ler uma carta, fazer uma assinatura”*. Paula precisa pedir as filhas para ler pra ela, considera que sua cabeça não dá pra estudo.

Paula trabalhou como doméstica, nunca teve CTPS assinada, diz que não paga atualmente o INSS porque não tem condições. O companheiro falecido recebia BPC que não faz jus a deixar pensão para ela. Sua única renda mensal fixa é o BF.

Paula se considera uma pessoa pobre *“não tenho nada, essa casa não é minha é do meu filho eu tô de favor”*. Para mudar essa situação Paula acha que só se for um milagre, *“talvez quem sabe amanhã eu não estou melhor de vida a poder de Deus...só Ele”*.

Para uma pessoa deixar de ser pobre para Paula ela precisa ter um bom emprego, e depois ser aposentado, ela afirma que sem serviço você não pode viver, *“cair do céu que não vai, você tem que trabalhar pra ter as coisas, ninguém dá nada a ninguém”*. Para ela seus filhos podem deixar de ser pobres, *“eles estão novos, podem arrumar emprego para eles e ir em frente... eu tenho esperança que eles vão ter mais do que eu ainda”* e o que mais influenciará será arrumar um trabalho.

Paula não sabe nenhum lugar que ajuda pessoas pobres. Sobre o relacionamento com pessoas ricas, ela mencionou as suas patroas, que pra ela não eram ricas, mas podiam lhe pagar, era bem tratada na casa delas. Não conhece ninguém que era pobre e depois ficou rico, os vizinhos que estão bem é porque tem o trabalho deles. Ela lembra de que passou muitas situações ‘chatas’ *“já passei por cada uma... não tinha onde morar, nem filho pra me dar nada, eu morava num barraquinho dentro do mangue, na lama, meus filhos era tudo pequeno não podia dar nada de bom a eles, eu nunca fui empregada... eu tenho sentimento dessas coisas assim”*. Seu sonho é ter sua casa e suas coisas.

4.5 A estrutura do grupo- Primeira geração

A seguir apresentaremos a estrutura do grupo da primeira geração em formato de uma única estrutura que reúne os aspectos relevantes apontados pelas participantes durante as estruturas individuais relacionando suas vivências na condição de pobreza.

A VIDA NA POBREZA – PELA PRIMEIRA GERAÇÃO

A primeira geração são todas mulheres em sua maioria com muitos filhos (média do grupo de 6) tendo-os criado sem a presença e/ou sustento dos pais das crianças. O estado civil é marcado no grupo pela informalidade da união com o companheiro. Elas vivem sozinhas ou com alguns filhos, geralmente os mais novos, porque os mais velhos já possuem suas famílias. Todas são avós e algumas bisavós.

A perda de um filho por envolvimento com a criminalidade também é uma experiência entre algumas delas como também estar com filhos e netos cumprindo pena de prisão.

A rotina durante a semana delas é cuidar da casa, dos afazeres domésticos, incluindo para algumas o cuidado dos filhos e de netos. Poucas ainda estão formalmente empregadas, essas além das atividades domésticas ainda trabalham fora. Os finais de semana delas são marcados também pela rotina doméstica “*o serviço de casa não para*” (Porcina) e quase não passeiam ou tem uma atividade de lazer.

Todas vieram de famílias de condição pobre também, a maioria de situação ainda mais difícil do que as que elas enfrentam hoje ou enfrentaram com seus

filhos pequenos, mas não é o caso de todas, algumas lembram que seus pais deram condições melhores de vida a elas e aos irmãos do que elas puderam dar aos seus filhos.

É marcante no grupo o relato de que elas cuidavam dos seus irmãos para mãe poder trabalhar ou por motivo de separação a mãe se ausentava do lar. Este é inclusive um dos principais motivos de evasão escolar para os pertencentes dessa geração, cuidar dos irmãos e da casa.

Também houve lembranças de infâncias muito sofridas incluindo relatos de trabalho infantil, violência física e sexual. Nestes casos, essas violências foram sofridas pelas participantes deste grupo que não foram criadas com suas famílias de origem, mas foram “dadas” a outras famílias em troca de trabalho e provisão material. *“Aí quando aparecia gente falando ‘ah eu tô precisando de...’, eu falo de uma escrava, né?... mamãe dava a gente... Aí a gente ficava na casa de um, na casa de outro...porque eu falo ôh! serviço amargurado, porque os patrões ‘bulinava’ a gente muito” (Paloma).* Outra que também passou por essa experiência conta *“fui morar com minha madrinha lá comi o ‘pão que o diabo amassou’, ela me batia demais, apanhava igual cachorro, tenho marca de couro aqui até hoje” (Pillar).*

As mulheres desse grupo saíram de casa e formaram suas famílias bem jovens, algumas com 13 e 15 anos, por exemplo, ou seja, na adolescência.

A média de escolarização do grupo é quarta série. Depois de terem evadido da escola na infância e/ou adolescência, a grande maioria, não conseguiu voltar mais a estudar. O motivo mais mencionado de não conseguir voltar a estudar foi à dedicação ao trabalho para o sustento dos filhos sem o apoio

do pai das crianças. Elas também alegam que *“não tenho mais cabeça para o estudo”*. As exceções foram uma que atualmente estuda, por determinação do INSS e outra que voltou a estudar já idosa e completou o ensino fundamental.

Os filhos dessas mulheres no geral estudaram um pouco mais que elas, mas a maioria também evadiu da escola, não completando nem o ensino fundamental, o motivo mais citado na visão delas foi *“porque quis”*. Elas garantem que incentivavam seus filhos a estudar e avisavam das consequências de não ter o estudo, mas segundo elas não podiam os obrigar. Argumentam que quando eles vão crescendo e entram na adolescência eles não querem mais ir pra escola, *“dá preguiça”* (Porcina). Algumas reconhecem que as filhas mais velhas pararam de estudar pra ajudá-las tomando conta dos irmãos menores para que elas pudessem trabalhar. Diferentemente das mães delas, só uma deste grupo precisou utilizar o recurso de entregar sua filha para outra família criar.

O estudo para este grupo serve *“para ser alguém”, “ser alguma coisa na vida”*. As mulheres dessa geração creem que sem estudo você não é ninguém. Outra importância dos estudos é para conseguir um bom trabalho. *“Lá na frente conseguir um emprego melhor”*. Questões práticas e funcionais proporcionadas pela escolarização como saber ler e escrever também tornam o estudo importante para este grupo. Contudo é necessário destacar que mesmo com esta concepção dos estudos nem elas, nem seus filhos conseguiram estudar o suficiente para ter uma profissão (técnica-acadêmica). Ficando marcante em suas falas que a necessidade de trabalhar para sobreviver falou mais alto para todas elas.

Sem completar seus estudos, as profissões exercidas por estas mulheres foram profissões que não exigiam escolarização, pelo menos na época que elas

estavam no mercado de trabalho, a profissão emblemática do grupo é empregada doméstica, em “*casa de família*” quase todas foram, a única que não foi sempre trabalhou como Auxiliar de Serviços Gerais. Outras profissões também foram exercidas pela maioria do grupo faxineira, diarista e cuidadora de criança ou de idoso.

Elas começaram a trabalhar muito jovens, umas na adolescência e outras até mesmo na infância. É comum o comentário feito por elas que já trabalharam muito fora de casa, contudo nenhuma é aposentada por não ter tempo de contribuição para o INSS, apenas uma afirmou ainda estar pagando a contribuição mensal ao INSS visando poder vir a aposentar.

As profissões escolarizadas que essas mulheres gostariam de exercer caso tivessem tido a oportunidade de estudar são professora, enfermeira, advogada, assistente social, costureira e cuidadora de idosos. “*Eu gostaria é de ajudar as pessoas*” (Pillar).

As mulheres desse grupo em sua maioria não declara que é pobre, avaliam que são “*remediadas*”, “*a gente vive como pode*”, “*tenho saúde*”, “quem é pobre é o diabo” ou que há pessoas que estão em situação muito piores que as delas. Poucas reconhecem: “*sou pobre sim, desde criança*” (Paloma). O que tem mantido suas famílias nessa situação na visão delas é ter as crianças pequenas que dependem delas (filhos e netos), e a falta de estudo e de trabalho delas e/ou dos filhos.

Para a situação de sua família mudar é necessário na visão do grupo conseguir um trabalho que pagasse bem ou quando conseguirem receber o BPC, que chamam de aposentadoria, citam também se cada neto for pra

responsabilidade de seus respectivos pais, se voltasse a ter saúde para voltar a trabalhar, se os filhos conseguissem trabalho, se ganhasse no jogo e até mesmo foi citado por um milagre. Acompanhando essas perspectivas a mudança social para algumas é possível ou não é possível neste momento da sua vida, como chegou uma delas a admitir.

As pessoas que eram pobres e deixaram de ser pobres que esse grupo conheceu, foram: jogadores de futebol, ganhadores de jogos de azar e através de casamento com pessoa rica.

A maioria dessas mulheres relata não receber outro tipo de ajuda fora da que recebem no CRAS. *“Ninguém ajuda ninguém”*. O lugar mais lembrado por oferecer ajuda as pessoas pobres foi o CRAS, seguidos em número bem menor das igrejas e da LBV. As poucas que relataram receber ajuda, ganham roupas e alimentos de vizinhos e conhecidos. Como estratégias de sobrevivência, relataram: pedir de casa em casa e ganhar pão de uma padaria. Outra quando suas crianças eram pequenas citou ir com elas pedir alimentos numa Feira Livre. Estas podem ser identificadas como estratégias de sobrevivência empreendidas principalmente pela primeira geração e que remetem a materialidade da pobreza vivenciada por estas mulheres, como também fornece elementos para a análise da feminização da pobreza revelada na sobrecarga assumida por essas mulheres quando únicas adultas responsáveis pela manutenção da família, conforme Accorssi e Scarparo (2016, p. 77) elas acabam sendo “a principal responsável por fazer frente à luta contra a pobreza”.

Sobre relacionamento com pessoas ricas ou em condições bem melhores o grupo lembrou-se da experiência com as suas patroas. Que de forma geral foi

bom, *“era bem tratada” “me tratavam como se fosse da família” “sentava na mesa [sic], comia junto”*. Mas houve relatos também de se sentirem humilhadas e exploradas pelas mesmas.

Algumas ainda projetam para o futuro empreender, abrir um próprio negócio em parceria com a família. O grande sonho de todas é ter a casa própria e/ou do seu jeito e conseguir aposentar um dia.

4.6 Estruturas narrativas da segunda geração

4.6.1 Estrutura 1- Sofia da Patrícia

Sofia tem 34 anos é solteira e mãe de três filhos, uma menina de 14 anos e dois meninos de 10 e 4 anos. Ela nasceu e sempre morou no mesmo bairro em Vitória. Atualmente mora com os três filhos, todos em idade escolar e estudando. Sofia acorda às cinco horas da manhã prepara e leva os filhos para a escola, depois desenvolve atividades domésticas, como preparar o almoço, também tira um tempo para ela estudar. Tem dias que precisa ir mais cedo pra sua escola, aí sai de casa por volta das dezesseis horas e só retorna as vinte e duas e quarenta. Costuma estudar mais um pouco quando chega a casa e prepara algumas coisas pro outro dia, vai dormir por volta da uma hora da manhã. À noite quando está na escola seus filhos ficam sozinhos, *“Quando ele chega do esporte, ele fica com a minha mãe, quando ela vai pra igreja, aí é colaboração da família né? Uma hora meu irmão pega outra hora ele fica na casa do outro irmão até fulana e cicrano (seus outros filhos), chegar umas vinte e trinta, e aí eles ficam me esperando até onze e quinze”*.

Os finais de semana de Sofia geralmente é dentro de casa com os filhos, ela procura não marcar compromisso para os sábados para dar atenção a eles.

Uma opção de passeio é quando sua filha (treina esporte em um clube) tem jogo aos sábados, ela tenta manter toda a família unida, mesmo quando eles não querem, ela incentiva *“vamos, vai ser legal... aí a gente acaba passando o sábado junto”*. Ela participa da escola dominical de sua igreja, depois é em casa. A noite no domingo ela e a filha que participa em outra igreja vão ao culto.

A mãe de Sofia é de Vitória, estudou até a quarta série, trabalhava como auxiliar de serviços gerais, o pai biológico ela não conheceu, o pai de seus irmãos registrou ela, ele é pedreiro. Sofia tem uma irmã e três irmãos, um é falecido. Ela considera que seus irmãos estão *“paralisados”*, não têm visão de crescimento, porque a base deles foi *“se você tem uma família, um cantinho pra morar, você já é feliz... eu fico muito triste de ver eles assim sem sonhar com algo melhor”*.

Sofia lembra que na sua infância a casa era dentro da água (palafita), três cômodos de madeira, a mãe não podia comprar camas, ela mesma fazia os beliches para eles dormirem, não tinham quarto nem banheiro, não tinha esgoto.

Sofia está fazendo novamente o Ensino Médio, atualmente ela está fazendo um curso técnico integrado ao ensino médio numa escola federal. Ela já estava no último ano de outro curso de nível técnico quando escolheu mudar e fazer tudo novamente. Sua motivação para isto foi *“para ter um estudo de qualidade”*. Essa oportunidade a princípio foi indicada para sua filha, mas quando procurou mais informações na internet sua filha não tinha a idade exigida e ela se interessou e se inscreveu para a prova. Na visão dela, ela nunca iria conseguir estudar nessa escola, *“pra mim o conceito lá era que só ‘CDF’ que estava ali dentro só que quando eu entrei lá eu vi que era uma visão por fora”*.

Quando estava em idade escolar, Sofia precisou parar de estudar para poder trabalhar. Ela engravidou no segundo ano do segundo grau, foi mãe solteira, o pai de sua filha não assumiu a criança. *“Então eu tive que disputar mercado de trabalho com meus estudos e ser mãe ao mesmo tempo”*. Mas ela insistia que quando seus filhos crescessem ela iria deixar eles um pouco de lado e voltar a estudar, *“e chegou a hora...a fulana de quatorze e o cicrano de dez já conseguem manter o beltrano de quatro anos”*.

Antes de engravidar quando era estudante do ensino médio, Sofia conta que fazer faculdade era algo impossível, *“coisa de outro mundo... faculdade era só pra quem ‘tinha’... depois mudou a situação do brasileiro, o povo teve mais oportunidades”*. A faculdade era uma meta pra ela desde nova, mas não tinha em escolhido qual iria fazer.

O estudo para Sofia é *“a base de tudo na vida pra um crescimento em qualquer área... quando você tem conhecimento até o seu falar é diferente, a sua visão é diferente”*. Ela lembra que desde pequenininha gostava de estudar, trocava lazer por estudo, trocava qualquer coisa pra fazer um curso, numa época se recorda de ficar pela manhã, tarde e noite estudando numa estrutura de cursos que o SENAI montou na região onde mora, *“na minha visão se eu conseguisse um estudo de qualidade eu não teria a vida miserável que a gente tinha”*.

Depois que teve sua filha, a mãe de Sofia não a aceitou em casa, *“a minha mãe tinha vergonha de falar que tinha uma filha solteira grávida porque era muito cobrado na comunidade”*. Ela acredita que se sua mãe tivesse apoiado ela, ela já teria terminado seus estudos.

Sofia começou a trabalhar com nove anos em casa de família, foi babá por três anos, foi faxineira também. Depois teve a oportunidade de participar do processo seletivo para “Menor Aprendiz” na mineradora VALE e passou. Também já foi atendente, recepcionista, vendedora de porta a porta e de loja, *“eu não gostava de ficar parada”*.

Atualmente Sofia não pode trabalhar se não, teria que mais uma vez, parar de estudar, *“ou eu trabalho ou eu estudo... e hoje eu largo qualquer trabalho para estudar”*. Ela mantém a sua família com a pensão alimentícia dos filhos num valor inferior a um salário mínimo e mais o que recebe de Bolsa Família. Ela lembra que conseguiu construir a casa onde mora com essa mesma renda, *“às vezes eu via meus filhos chorando querendo algo e eu tendo que fechar os olhos e falar amanhã nós vamos ter e hoje essa casa tá aqui porque eles foram muito fortes”*.

Sofia se considera pobre desde que nasceu. Acredita que o que mantém sua família nessa condição hoje é a falta de oportunidades, percebe muitas barreiras para ter uma qualidade de vida melhor. Acredita que com certeza pode mudar essa situação e que isto está perto de acontecer, primeiro precisa terminar o curso que está fazendo.

Atualmente recebe ajuda da família, mas já recebeu do CRAS, na época que estava construindo a casa ela recebia cesta básica, era o que mantinha a alimentação da família e ela investia toda a renda na construção da casa. Entre as ajudas institucionais destaca a da LBV, para ela a LBV *“é uma mãezona pras mães que tem os filhos lá... eu fui criada na base da LBV”*. Ela avalia que todos os serviços oferecidos lá são de muita qualidade e além de ajudar a criança ajudam

a família. Relata que as crianças chegam a casa já alimentadas, dão uniformes, material escolar, *“é muito importante o papel dela”*.

Conhecimento de pessoas que eram pobres que se tornaram ricas ela cita seus primos, eles foram criados dentro de uma ‘boca de fumo’, tiveram a oportunidade de estagiar na VALE e de estudar, hoje seu primo é engenheiro e sua prima trabalha num hospital com salário muito bom. Neste caso Sofia acredita que a oportunidade fez a diferença na vida deles.

Ela se relaciona com pessoas não pobres em algumas ocasiões, quando vai ao Fórum, por exemplo, destaca que lá é bem tratada por todos. Contudo Sofia menciona uma ocasião quando foi visitar sua madrinha que mora num bairro de classe média de Vitória, ela passou pela situação de uma moradora do mesmo prédio desistir de entrar no elevador porque Sofia e seu filho iam entrar também, esse comportamento da moradora fez Sofia se sentir muito mal, *“aquilo entristeceu a minha alma”*. Sofia diz que fica esperando outra oportunidade de encontrar novamente com essa moradora porque de vez em quando ela volta nesse prédio, e nessa ocasião ela diz que *“não vou deixar passar assim... vou falar pra ela ‘vc vai feder do mesmo jeito’, eu vou perguntar pra ela ‘você sabia que isso é crime?’...eu subi com vontade de descer, mas me coloquei no lugar dos outros moradores que estavam ali...eu estava na casa deles...então assim tem certas coisas que você deve se conter”*.

A discriminação na avaliação de Sofia foi pelo fato dela ser pobre, pela moradora achar que pelas suas vestimentas, ela estava indo fazer um serviço doméstico *“isso contamina isso contagia”*.

Sofia acredita que seus filhos não serão pobres porque estão tendo estudo de qualidade que é uma base para isso. E também porque ela passa a visão de que para não passarem por tanta dificuldade eles precisam se formar nos estudos, dentro disso, há também outro ponto, que é o alerta que faz para sua única filha mulher *“Fulana agora não é hora de namorar, de brincar com as coisas, porque você tá numa fase de aprendizado”*.

O projeto de futuro da Sofia é fazer uma faculdade *“ali já vou me sentir a mulher mais feliz do mundo”* e também já estar trabalhando. Outro plano é terminar a casa e poder dar qualidade de vida para os filhos dela. *“Com um bom salário não ter aquela preocupação: eu compro o arroz ou compro a carne? Ou compro o chinelo pro meu filho que tá sem. eu quero a liberdade de falar assim: eu posso comprar!”*.

O maior sonho dela é *“minha casa com meus móveis planejados com tudo que eu tenho na minha mente”*. Quando pensa no futuro ela pondera que quando isso tudo acontecer seus filhos já cresceram, mas aí ela afirma que ficará com netos e os filhos vão em frente, *“eu quero ajudar eles a crescer [sic]...meus filhos já são grandes, já casaram...mas eu quero dizer pra eles assim você pode trabalhar que eu cuido daqui, quando você chegar vai estar tudo bonitinho, você pega e leva pra sua casa...até o meu fim enquanto eu tiver saúde eu vou tá junto com eles”*.

4.6.2 Estrutura 2 - Samuel da Priscila

Samuel tem 33 anos está vivendo em união consensual, tem dois filhos, de 7 e 14 anos. Nasceu em Vitória e atualmente mora com a companheira e um filho, o outro que é de um relacionamento anterior mora com a mãe. O que mora com

ele, ele considera como filho, pois o cria desde quando ele tinha dois anos, é filho da sua companheira.

Durante a semana ele trabalha em sua barbearia, se tiver que resolver alguma coisa, sai e retorna para o estabelecimento. Para pra almoçar meio dia e retorna às quatorze horas. No sábado também trabalha, só tem o domingo livre, neste dia costuma: ficar em casa ou almoçar na casa da mãe dele ou passeia com a família: shopping, cinema, etc. Também vai a igreja.

O pai de Samuel já falecido era pedreiro e sua mãe é auxiliar de serviços gerais, mas está de licença do trabalho pelo INSS por motivo de doença. Ele tem cinco irmãos sendo um já falecido.

Samuel afirma que terminou os estudos. Fez o ensino médio completo, só não terminou o curso técnico subsequente de Mecânica Industrial que estava fazendo. Ele tem interesse de terminar esse curso, mas hoje não tem dinheiro pra pagar a mensalidade do curso e mais pra frente pensa em *“fazer um... que não vai dar mesmo... queria fazer uma Engenharia em Mecânica Industrial”*.

Para Samuel o estudo é muito importante na vida de uma pessoa, *“sem ele a pessoa não é nada”*. Ele reafirma que se não estudar hoje em dia, se não se interessar pelos estudos, as pessoas não conseguem nada, *“nem de varrer rua hoje a pessoa não consegue se ela não tiver estudo... O estudo em si é bom para a pessoa aprender, ser bem educada”*. Samuel ressalta que aconselha muito os seus filhos sobre isso *“rapaz você estuda... você quer ter o quê? ‘ah eu quero ter isso, isso, isso...’ rapaz então você estuda pra você ter isso...se você não quiser ser um ‘João Ninguém’ você precisa estudar”*.

No momento Samuel abriu uma barbearia para ele no bairro onde mora. Ele declara que não tem horário fixo de trabalho porque depende do cliente *“a pessoa me liga ‘eu só posso aparecer depois das nove da noite’ um exemplo, eu vou perder o cliente porque quero ir embora mais cedo? Não, ‘tudo bem, eu fico aqui até as nove te aguardando’*”. Em média, ele trabalha 9 horas por dia.

Primeiro ele fez estágio na Caixa Econômica Federal, foi auxiliar de limpeza industrial e depois foi mecânico industrial na VALE. Atualmente, às vezes faz biscate como garçom. Sua companheira trabalha como cabelereira, possui um salão de beleza próprio, ele paga aluguel do ponto dele.

Samuel não se considera pobre, *“eu tenho casa, tenho como comer, como vestir... tem pessoas em situações muito mais difíceis que inclusive eu ajudo”*. Pensa que se ele pode se sustentar e pode ajudar outra pessoa então ele não é pobre. Ele não recebe ajuda e quando ganha alguma coisa ele dá para sua mãe, porque ela precisa. *“Hoje não me convém ir ao CRAS pegar uma cesta básica porque tenho condições de comprar alimentos... tem muita gente que não tem serviço, estão precisando mais do que eu... não é que nunca vou precisar, ninguém sabe o dia de amanhã, mas hoje não”*. Samuel lembrou-se de uma fase em sua vida em que precisou de ajuda, ele estava com um problema de saúde, a cirurgia já estava marcada e dispensaram ele no trabalho, ele fez a cirurgia e não podia trabalhar, *“apertou bastante...a minha mãe me ajudou muito”*. O local que ele sabe que ajuda as pessoas pobres é no CRAS e na LBV. Na LBV ele avalia que lá eles fazem um trabalho muito bom.

Samuel pensa muito em melhorar suas condições de vida, em crescer. Uma forma é se ele conseguir voltar pra sua área de trabalho original, sua

profissão de mecânico industrial ou senão, poder abrir mais uns três ou quatro salões. Pensa também em colocar seu filho para trabalhar com ele, tomando conta do próprio salão para poder ganhar o dinheiro dele.

Samuel relatou que já sofreu preconceito por ser pobre. Ele vivenciou essa situação em um relacionamento conjugal anterior que durou três anos e meio. *“Ela conhecia muita gente da alta sociedade, delegados, advogados, então quando eu ia com ela para lugares com essas pessoas... eles me olhavam como uma pessoa comum não do nível deles eu sentia que eles tinham uma barreira, eles não chegavam a falar, mas eu sentia pelo modo de tratar as pessoas, pelo jeito que fala... dá para sentir a diferença entre as categorias de pessoas”.*

Outra situação de preconceito também relatada por Samuel aconteceu com seu irmão, *“como ele é pretinho, né? Ele entrou num supermercado e o segurança ficou andando atrás dele, aonde ele ia o segurança ia... ele chegou a chamar o segurança e perguntar ‘você está me seguindo?’ ‘Você está achando que eu vou roubar? Eu não vou roubar não’”.* Para Samuel sempre há esse preconceito com a pessoa pobre, eles acham que vai entrar numa loja para roubar, para esconder alguma coisa.

O sonho de Samuel é ver a mãe dele bem de saúde, em casa, sem se preocupar de trabalhar e ele poder ajuda-la.

4.6.3 Estrutura 3- Sara da Poliana

Sara tem 19 anos é solteira e tem duas filhas, de 2 e de 4 anos. Nasceu em Vitória. Atualmente ela mora com suas duas filhas.

Sua rotina semanal inclui cuidar de suas filhas, levando e buscando na escola, cuida de sua casa e procura emprego. Às vezes consegue levar as filhas

na pracinha pra elas brincarem um pouco. Nos fins de semana ela fica mais em casa, mas quando tem dinheiro ela leva as filhas para sair um pouco, compra sorvete, *“para distrair a mente”*.

Sara foi criada por sua avó, desde que sua mãe constituiu outra família. Ambas são de Vitória, nasceram e foram criadas num bairro da capital. Sua avó era auxiliar de limpeza e sua mãe também. Quando foi adolescente, Sara cumpriu medida socioeducativa de internação provisória. Hoje ela tem um irmão que se encontra preso.

Até poucos meses atrás Sara morava com o pai de suas filhas, mas era um relacionamento muito conturbado, *“eu tô melhor sem ele com ele era pior... elas sabem que tem o pai ali... de vez em quando ele vem, olha elas um pouquinho e vai embora”*. Ele não colabora financeiramente com Sara na criação das filhas.

Sara está fazendo supletivo para completar o ensino médio. Quando era adolescente parou de estudar, avalia que não tinha ‘juízo’, *“quando eu fui ter juízo já era tarde demais, já estava grávida da primeira arranjei o pai dela... com o pai dela aí ficou mais difícil de eu estudar”*. Hoje Sara declara que se arrepende muito de não ter estudado, ela pensa que já poderia ter concluído seu ensino médio. *“Eu queira hoje fazer um concurso mais não posso”*. Para ela o estudo serve para dar mais oportunidade, *“hoje eu não estou conseguindo serviço porque não estudei direito”*.

No momento a única renda fixa de Sara é a do Bolsa Família, ela conta também com a ajuda de sua avó que paga seu aluguel. Recebe também Cesta Básica do CRAS. Sara já trabalhou como ajudante de cozinha e balconista,

“ajudante de cozinha era só na carteira porque a gente limpava chão, atendia cliente, fazia tudo, tinha que rebolar lá”. Já fez diversos cursos: Porteiro, Informática Básica, e quer fazer o de Corte e Costura, para poder fazer roupas para as filhas e ganhar uma renda extra consertando roupas para fora. Mas o maior objetivo de Sara é terminar o Ensino Médio para prestar concurso público para Polícia Militar. Ela relata que tinha medo de não conseguir assumir sua vaga, caso passasse, por ter tido uma passagem pelo Sistema Socioeducativo, foi acompanhada pelo CREAS dos 13 aos 18 anos, eles a garantiram que não terá problemas, que ela pode fazer o concurso tranquila, sua ficha está limpa.

Sara se considera pobre *“eu não tenho nada, não tenho condição boa”*. Para mudar sua condição social ela acredita que depende dela mesma. *“Tentando procurar me profissionalizar em alguma coisa”*. Ela acredita que dará certo, que vai conseguir.

Ela afirma que não se relaciona nem se relacionou com pessoas ricas, porque não sai muito de casa. Ela quer conseguir emprego para conseguir estudar, mas relata que está difícil, pois foi tentar uma vaga de auxiliar de limpeza, mas precisava do ensino médio. O que mantém sua condição social ela acha que é a falta de estudo, de experiência, de formação. O que mais influenciará suas filhas a superar essa situação atual é o exemplo dela mesma, *“elas vão se espelhar em mim”*.

Sara diz que não tem sonhos no momento apenas o objetivo de conseguir um bom serviço e cuidar de suas filhas.

4.6.4 Estrutura 4 – Sabrina da Paola

Sabrina tem 30 anos é casada e tem uma filha. Nasceu em Vitória. Atualmente mora com seu marido e sua filha. Sua rotina semanal é cuidar das “*obrigações da casa*” e trabalhar no comércio dela. Nos fins de semana “*nenhuma diferença*”, o comércio também abre.

Sabrina não conhece seu pai “*ele abandonou minha mãe quando ela estava de sete meses de barriga*”. Sua mãe não teve outros filhos, precisou da ajuda de terceiros para cuidar dela, pois precisava trabalhar. Sabrina conta que foi criada por sua madrinha dos seis meses até os 12 anos, sendo que dos cinco aos sete ficou com a sua mãe, mas voltou a morar com a madrinha.

Sua madrinha na época que aceitou ficar com ela tinha dezoito anos, morava na casa, ela, a mãe dela e mais três irmãs. Sabrina se sentia bem com elas, eram pobres, mas ela era bem cuidada. “*Eu ia pra feira com elas catar verdura... em outro bairro ia pegar sopa e brinquedo, na Praia do Suá ia pegar peixe... ia pra catequese todo sábado e domingo... batizei na igreja católica fui coroinha... eles me acolheram de braços abertos... queriam me adotar de papel passado, mas minha mãe não abriu mão de mim não... ela ia lá e me via, eles não escondiam que ela era minha mãe*”. Aos treze anos foi sua primeira e única festa de aniversário até hoje, sua madrinha fez uma surpresa pra ela, nessa época veio morar com a mãe e conheceu seu esposo cinco anos mais velho, foi morar com ele aos 13 anos, continuou estudando, quando fez dezoito anos casou-se no civil.

Sabrina concluiu o ensino médio e gostaria muito de fazer uma faculdade. Ela tem vontade de fazer o curso de Contabilidade, mas acredita que hoje é muito difícil voltar a estudar porque está sobrecarregada cuidando da casa e do

comércio desde que seu marido sofreu um ferimento numa tentativa de assalto no comércio e ficou debilitado. Assim que terminou o ensino médio não conseguiu continuar estudando na época porque precisou trabalhar e não tinha tempo para poder estudar, *“priorizei o trabalho, a casa e a família”*. Sua filha está no sétimo ano do ensino fundamental e para Sabrina ela pretende terminar, *“ela quer fazer veterinária”*. Sabrina acredita que ela consegue porque ela tem força de vontade.

A renda de Sabrina hoje não é fixa e não chega a um salário mínimo. Ela não recolhe o INSS dela só o marido faz essa contribuição. Ela já atuou como balconista de padaria e caixa de supermercado, *“eu gostaria de trabalhar de carteira assinada só por causa dos benefícios...mas com essa reforma aí tá difícil, acredito que não vale a pena... a gente ainda tinha opinião agora a gente não tem opinião com essa reforma”*.

Sabrina avalia que não é pobre é classe *“média-baixa”*, principalmente de uns três anos pra cá porque sua vida melhorou ela conseguiu comprar o terreno e construir sua casa própria, *“ainda não tá terminado...não reboquei por fora, só tapei a lajota...por dentro ainda está na laje e tá sem reboco...mas já é meu...eu morava em dois ‘comodozinhos’ de favor...hoje eu tô lutando na prefeitura pra passar pro nosso nome”*.

Sabrina acredita que é possível mudar sua condição social hoje se conseguir concluir um curso superior, isso faria muita diferença. Também depende da melhora de saúde de seu esposo, para que ele possa ajudar mais. Declara que a ajuda que recebe é o Bolsa Família e cesta básica do CRAS. Na opinião de Sabrina só não é ajudado quem não procura ajuda *“porque tem o CRAS, tem as igrejas... eu acho que tem muita instituição que ajuda só que se*

você ficar em casa de 'rabo'[sic] pra cima você não vai conseguir nada [...] emprego está difícil, tá, mas se você procurar... quando eu queria trabalhar eu fiz quarenta entrevistas! Fui chamada em três... dois me ligou de novo... quando o primeiro me ligou aí eu fui... o outro ligou, mas eu já estava em um”.

Sabrina nunca conviveu com pessoas ricas. Ela pretende fazer de tudo para dar um futuro melhor para sua filha *“ela já tem um teto... coisa que nem eu nem ele teve... já tá melhor...daí só vai melhorar”.*

Sabrina se lembrou de uma situação constrangedora que passou na infância, ela morava com sua mãe e tinha muito piolho, as próprias professoras foram cuidar do seu cabelo na escola, *“aí a água que descia no ralinho passava pelo pátio e as crianças estavam no recreio e viram... quando eu saí me chamaram muito de piolhenta... mas passou”.*

Lembra também que na infância sua mãe tomava conta de um sítio, ela bebia leite de cabra e para ter água em casa precisava pegar numa ‘mina’ *“limpava aquela bica todinha, espantava os urubus, esperava minar água de novo, para poder trazer pra casa”.* Seu sonho é comprar um sítio para ela.

4.6.5 Estrutura 5 - Sérgio da Potira

Sérgio tem 32 anos é casado, tem uma filha. Nasceu em Minas Gerais e veio para Vitória. Atualmente mora com esposa e a filha.

Sua rotina semanal se resume em ir trabalhar durante o dia e ficar em casa a noite. Nos finais de semana costuma fazer um lanche fora com a família e aos domingos vai à igreja. Os pais de Sérgio são da Bahia. O pai era pedreiro e a mãe dona de casa, criaram dez filhos, todos vivos. Considera que tiveram uma vida apertada, difícil durante sua infância.

Sérgio parou de estudar no terceiro ano do ensino médio por causa do trabalho. Ele gostaria de ter estudado mais, queria ser eletricitista. Sobre a formação escolar do seu filho Sérgio diz que ele não pode parar de estudar. O estudo na visão dele ajuda em bastante coisa, *“sem estudo você não é nada... não pode fazer uma faculdade ter um emprego melhor”*.

Sérgio hoje trabalha como artífice de manutenção predial, informa que faz tudo dentro do condomínio. Trabalha oito horas por dia e recebe um salário mínimo. Na sua casa só ele tem emprego formal, a esposa trabalha com artesanato. Sérgio já trabalhou como eletricitista, carpinteiro e vendedor.

Ele não se considera uma pessoa pobre porque dá uma boa condição de vida pra sua família. *“Não deixo faltar nada, dou tudo que minha filha me pede”*. Não planeja ter outros filhos, ela foi planejada.

Sobre mudar sua condição de vida, Sérgio diz que é difícil, mas que se a pessoa tiver competência pode melhorar. *“Não é assim se matar de trabalhar dia e noite porque tem gente que trabalha assim e não resolve nada, é ter competência [...] se a pessoa não tem competência como é que vai mudar? Por exemplo, trabalhei com um rapaz, porteiro, que reclamava que passava necessidade, mas foi demitido porque todo dia ele chegava bêbado”*.

Ele não fica pensando em mudar de vida, pensa em continuar trabalhando *“se der pra mim melhorar eu vou melhorar minha condição...porque eu tô ficando velho...aí não tem mais jeito”*. Sérgio se preocupa mais com o bem estar da sua família, mas em sua opinião não tem mais jeito dele ficar rico. Para ele os caminhos pra uma pessoa ficar rica são: ganhar na Mega Sena, mas ele acredita

que ocorrem fraudes, não joga, outras formas para ele são: na televisão, ser jogador de futebol, cantor, *“mas o mais certo é ser jogador de futebol ou cantor”*.

A instituição que conhece que ajuda pessoas pobres é a igreja. Relata que se relaciona com pessoas ricas e é muito bem tratado.

4.6.6 Estrutura 6 - Sandra da Porcina

Sandra tem 37 anos, está em união estável informal com seu companheiro há mais de 17 anos. Tem quatro filhos, três meninos e uma menina. Ela nasceu no Rio de Janeiro e veio para Vitória, já faz quase trinta anos. Atualmente mora com seus filhos e um sobrinho, seu companheiro está preso. Sandra e seu companheiro pretendem casar agora, mesmo com ele preso, *“fiquei noiva na igreja estou noiva até hoje”*.

Sandra acorda bem cedo para por as crianças na escola e depois passa o dia fazendo serviços domésticos, às vezes tem alguma coisa pra resolver, e ela sai pra resolver essas demandas, como por exemplo, ela tem a guarda de um sobrinho que a mãe foi assassinada, e está em processo de conseguir a guarda de outra sobrinha cuja mãe aconteceu da mesma forma. Nos fins de semana ela diz que não está saindo pra lugar nenhum, *“em casa na agitação das crianças mesmo”*.

Seus pais também são do Rio de Janeiro. Sua mãe era empregada doméstica e seu pai foi chapeiro e instalador de antenas a cabo. Sandra teve ao todo oito irmãos. Atualmente duas são falecidas e dois estão presos. Quando vieram para Vitória, Sandra lembra que passaram muito aperto aqui, o pai estava sem trabalho tinha acabado de sair da ‘vida do crime’, no Rio de Janeiro o pai dela chegou a cumprir pena por um tempo. *“Nossa foi o fim quando vim morar em Vitória, agora tá melhor”*.

Sandra fez até a sétima série do ensino fundamental e parou de estudar porque precisou ajudar a mãe a cuidar dos irmãos menores pra ela poder

trabalhar, *“foi eu quem criou eles tudo... minha mãe chegava em casa final de semana e não lavava um copo...era roupa lavada...tudo lavado...parei minha vida por causa dos meus irmãos”*. Se pudesse continuar estudando ela gostaria de ser costureira, pretende fazer um curso de costura agora. Seus filhos todos estão estudando *“não tem essa de não querer estudar, tem que ser o que eu quero”*. Ela afirma que o mais novo quer ser jogador de futebol, a mais nova quer ser professora. Sandra os incentiva e quer que eles terminem, *“façam uma faculdade”*. Para Sandra o estudo *“serve pra tudo hoje em dia... saber ler, saber escrever... anotar um recado pra seu patrão”*.

Atualmente Sandra é do lar, sua única renda mensal fixa é o Bolsa Família. Ela já trabalhou como pintora numa fábrica de sacolas e como empregada doméstica, *“eu passava até fim de semana lá, dormia lá”*.

Ela não se considera pobre, *“Ah eu sou abençoada por Deus! Tenho dificuldade, mas a gente vai levando né?... não tem hoje, mas amanhã Deus providencia”*. Sandra acredita que vai melhorar sua condição de vida, mas precisa ter emprego, contudo avalia que *“está difícil a situação do Brasil com esse governo aí”*. Outro ponto importante para Sandra é a força de vontade *“pra correr atrás....porque pra obter alguma coisa, tem que correr atrás! Não é depender...ficar parada...você vai correr atrás pra conseguir seus objetivos”*.

Atualmente Sandra está endividada, hoje o que ela recebe não dá para fazer tudo que ela quer fazer. Ela pensa em melhorar de vida, como por exemplo, ela planeja no apartamento dela que é de dois quartos, fazer mais um quarto para sua filha, numa área que ela vai adaptar para isso.

Sandra recebe ajuda de vez em quando dos irmãos da igreja que levam cesta básica para ela e do CRAS, onde também recebe eventualmente. O CRAS é a instituição que na sua visão tem ajudado as pessoas pobres. Sandra não tem convívio ou relacionamento com pessoas ricas. Conhece um vizinho que deixou de ser pobre ao ganhar na 'Tele Sena'.

Ela acredita que para os seus filhos ver o pai deles preso é um incentivo bom pra eles não quererem a mesma vida e buscarem algo melhor. Ela percebe que eles sofrem, *“mãe só quando a visita for no pátio que eu quero ir...porque dá pra abraçar meu pai”*.

Seu plano para o futuro é quando o esposo sair da prisão, e eles abrirem uma *“lanchonetezinha”* para trabalharem juntos.

4.6.7 Estrutura 7 - Sônia da Pillar

Sônia tem 31 anos é casada e tem três filhos, 2 meninos e 1 menina. Nasceu em Vitória. Atualmente Sônia mora com o marido e os filhos no quintal da mãe dela.

A rotina semanal de Sônia é cuidar dos filhos e da casa. Acorda bem cedo cuida de seu neném e do filho que vai para a escola de manhã, dá almoço a todos e depois o mais velho vai para a escola e ela fica com os menores em casa. Nos fins de semana a mesma rotina, *“só ‘quando sobra dinheiro’ vou no Horto (Parque*

Municipal) ou na casa de um amigo ou parente". Sônia afirma que aonde vai leva seus filhos com ela, não deixa em casa com sua mãe, só em situações raras.

Ela é a caçula de uma família de nove irmãos, sendo uma irmã já falecida. Sua mãe criou os filhos sozinha. Sônia lembra que a mãe era cozinheira e empregada doméstica e sempre trabalhou *"para dar um certo conforto pra gente"*. Suas irmãs mais velhas ajudavam a tomar conta dela e dos demais irmãos menores.

Sônia fez até a oitava série, mas não chegou a concluir, parou antes, *"se eu tivesse a mente de hoje em dia, eu não tinha parado"*. Sônia declara não ter arrependimento de ter seus filhos, mas se tivesse terminado os estudos primeiro e com a vida mais estabilizada, seria melhor, ela pensaria em ter filhos agora. Na época chegou até a morar com uma das irmãs para tentar terminar a sexta série só que não deu certo e voltou a morar com a mãe. Na sétima série engravidou e só estudou até metade do ano na oitava e parou. Hoje não volta a estudar porque não tem mais paciência, *"porque tem muitos colegas que não vão para estudar eles vão só pra fazer bagunça"*.

Sônia diz que estudo é tudo. *"Porque até para limpar chão eles estão exigindo o estudo"*. O filho mais velho dela, de 14 anos já reprovou dois anos na escola, a seu ver por causa das amizades, *"muita amizade ele vai muito na pilha dos outros"*.

Sônia não está trabalhando e está à procura de trabalho. *"Quando eu fiz o curso de confeitaria... Chegaram a me chamar na padaria... só que eu fiquei com medo... eu me arrependo até hoje"*. Sua renda mensal fixa é o Bolsa Família, recebe eventualmente a ajuda da mãe dela.

Sobre mudar sua condição social Sônia afirma que não quer ser rica, que não é ambiciosa, *“Graças à Deus eu tenho saúde, eu tenho meus filhos que é [sic] tudo na minha vida, eu tenho um teto[...]Deus me deu essas condições de vida eu tô satisfeita com ela”*.

Sônia pensa em abrir um negócio próprio com bolos, ela já pensou até em fazer um empréstimo para dar início ao negócio. Seu projeto para o futuro é ter *“minha barraquinha, minha casinha, fazer um local de trabalho e dizer é meu foi eu que lutei para ter e não depender dos outros”*.

A pessoa que ela conheceu que era pobre e deixou de ser foi através do casamento, *“não é que ela ficou rica, mas melhorou de vida”*. Ela tem também uma amiga que *“é muito guerreira... ela gosta de mexer com cabelo... aí então foi ambição dela mesma que ela foi alguma coisa na vida [...] ela começou de baixo hoje ela tá melhor, ela tem o carro dela, tem a moto, tá fazendo faculdade...”*.

Na opinião de Sônia para seus filhos não serem pobres dependerá só deles, para ela é necessário ter estudo, força de vontade, objetivo na vida, *“eles tem que ter ambição não para prejudicar os outros, ambição para ser uma pessoa melhor, um homem melhor... Graças à Deus que eles puxaram pro nosso lado [...] qualquer coisa que der do mais barato eles estão felizes da vida eu criei eles desse jeito”*.

4.6.8 Estrutura 8 - Solange da Paloma

Solange tem 29 anos é solteira, tem dois filhos, de 11 e 5 anos. Nasceu em Vitória. Atualmente ela mora sozinha com os filhos.

Durante a semana Solange usa a maior parte do seu tempo para trabalhar e aos finais de semana, às vezes trabalha no sábado também, ela consegue ficar com os filhos, dá prioridade a isso.

A mãe de Solange veio com a família de Minas Gerais para Vitória, ela trabalha como auxiliar de serviços gerais, sobre seu pai Solange não soube informar ele é de outro estado e abandonou a família. Considera que na infância sua família também era pobre, a renda da sua mãe dava pra sustentar a casa e pagar o aluguel. Ela tem mais cinco irmãos, um está preso.

Solange estudou até a sétima série do ensino fundamental. Diz se arrepender muito de ter parado de estudar. Na época parou porque engravidou do primeiro filho e depois não voltou mais para escola. Seu filho de onze anos estuda e a outra filha está no CMEI, *“o de onze anos eu pego pesado com ele [...] eu explico pra ele assim... pega a oportunidade que eu não pude ter... você quer trabalhar num serviço bom? Pra ter um serviço bom tem que estudar!”*. Solange espera que eles concluam o ensino médio, *“eles vão terminar tudo no que depender de mim... eles vão terminar o ensino médio completo... pra mim já vai ser uma alegria porque eu parei na sétima série então eu quero pro meus filhos um futuro melhor”*.

Atualmente Solange trabalha como autônoma. Ela está num programa do CRAS que dá apoio a geração de renda, com esse dinheiro ela está investindo na venda de semijoias e fabricação de comidas, ela vende na porta de sua casa ou quando recebe encomendas. Em média trabalha seis horas por dia. Já atuou como cozinheira e auxiliar de serviços gerais.

Solange considera que sua classe social ainda está baixa, mas que o seu objetivo é ficar alta. O que mantém hoje sua família nessa condição social na visão de Solange é a falta de emprego, *“se eu tivesse meu emprego eu não tava nessa situação toda eu tava investindo trabalhando e investindo”*. Ela quer abrir uma lanchonete, mas antes tem que ter uma renda maior. Seu foco então é trabalhar bastante no seu próprio negócio *“se você não trabalhar não gera dinheiro, então você tem que abrir a sua empresa para você ter seu dinheiro e saber atender o público que vai voltar e indicar outras pessoas”*. Neste momento Solange entende que não tem meios para fazer isso, mas que até o final do próximo ano ela espera ter.

Ela quer que seus filhos tenham condições melhores do que as dela quando eles crescerem para isso acontecer na opinião de Solange vai depender da força de vontade deles. *“Eu estímulo para ter uma casa, um carro... porque tem que pensar coisa positiva... pra eles já crescerem com isso na cabeça às vezes fala assim... é ambição... é abrindo os olhos pro que pode acontecer no futuro deles”*.

Solange conhece uma pessoa que catava latinha, catava papelão e hoje tem uma situação melhor de vida conseguiu abrir um bar e uma mercearia, *“eu me espelho nela!”*. Seu sonho é abrir seu próprio negócio e trabalhar para ela mesma.

4.6.9 Estrutura 9 - Sueli da Paula

Sueli tem 35 anos é casada e tem três filhos de 20, 17 e 5 anos. Nasceu em Vitória. Atualmente seu esposo está preso, ela mora com os filhos.

Sua rotina semanal basicamente é levar e buscar seu filho mais novo no CMEI e procurar emprego. No final de semana fica em casa mesmo ou na casa da sua mãe.

“De segunda a sexta fico mais pensando em arrumar emprego... dá sábado e domingo eu fico mais calma... tento esquecer”.

Sabrina tem oito irmãos, seus pais são separados e sua mãe se casou novamente. Sua mãe trabalhou muito como empregada doméstica, mas atualmente não trabalha. Sabrina afirma que eram muito pobres na época da sua infância, que foi muito difícil.

Sueli estudou até a terceira série e nunca mais voltou a estudar. Parou na época porque casou e teve os filhos. Sueli casou com treze anos, teve seu primeiro filho aos quinze. Seus filhos também chegaram a evadir da escola ela acredita que fizeram isso porque a família precisou mudar de cidade algumas vezes e tirava os meninos da escola no meio do ano escolar *“aí eles ficaram com raiva e não quis [sic] estudar”*. Há poucos anos eles retomaram os estudos novamente, um está no oitavo ano e o outro no sexto ano do ensino fundamental *“ele passava todo ano... foi por causa de mim mesma... ele é bom aluno”*. Para ela o estudo serve para aprender a ler e ter um serviço melhor.

A única renda fixa que Sueli recebe é do Bolsa Família. Ela está desempregada. Já trabalhou como camareira e auxiliar de serviços gerais. Na sua casa mais ninguém trabalha.

Sueli se considera uma pessoa pobre. Ela acredita que poderia ter mais coisas se não tivesse casado tão nova, *“tinha treze anos...minhas irmãs também foi tudo assim”*. Para ela é possível mudar essa situação com força de vontade *“o*

que importa é a gente ter saúde e querer... se você não tem nada hoje pode ter amanhã". Acredita que para mudar sua condição as opções são trabalhando ou jogando "porque eu falo pra você... se eu tiver um dinheiro eu jogo... não é que eu vou tirar da boca deles... deixar de comprar um pão... mas quando sobra eu jogo uma loto fácil... é trabalhando ou jogando...nem trabalhando...você pega o salário e pensa em quê? Conta, comida, o básico né? Agora quando você ganha assim no jogo...numa Mega Sena...aí você fica rica mesmo!"

Sueli entende que o que mantém hoje sua família nessa situação são as consequências de tudo que aconteceu na vida dela, *"agora eu tô olhando os erros que fiz".* Na opinião de Sueli para seus filhos não serem pobres basta eles quererem *"no momento eles estão só estudando, mas depende deles caçar um serviço... vai trabalhar, paga um curso e depois vê o que vai fazer".*

Sueli não tem relacionamento com pessoas ricas, mas quando fez uma faxina na casa de uma pessoa bem financeiramente essa pessoa falava que não precisava limpar algumas partes da casa, Sueli acha que é porque ela *"pensava que a gente ia pegar alguma coisa".* Sueli diz que não pensa em deixar de ser pobre *"Deus fez eu pobre tem que ser pobre!"*.

Para o futuro pretende reformar sua casa e construir outra em cima, no terraço. *"Eu pretendo um dia tirar a carteira de um dos meus filhos... um carrinho pra eles... e saúde né? O que importa é ter saúde".*

4.7 A estrutura do grupo- Segunda geração

A seguir apresentaremos a estrutura do grupo da segunda geração em formato de uma única estrutura que reúne os aspectos mais relevantes apontados

pelos participantes durante as estruturas individuais relacionando suas vivências na condição de pobreza.

Viver na pobreza pela segunda geração

O grupo da segunda geração de pessoas da mesma família vivendo na pobreza é composto por mulheres e homens embora esses são a minoria. São pessoas jovens com poucos filhos, a média de idade do grupo é de 31 anos, e a média do número de filhos por família é de dois filhos. Todos sendo criados por suas mães muitas vezes com a ajuda da família extensa.

As pessoas desse grupo em sua maioria estão em união estável informal, cujos companheiros/pais mantêm o vínculo com a família, mesmo que alguns deles estejam cumprindo pena de prisão. Há no grupo também famílias composta somente por mulheres e seus filhos, com ou sem pensão alimentícia.

De maneira geral a rotina semanal dessas pessoas envolve: o cuidado com as crianças pequenas incluindo o envio das que possuem idade suficiente para ir pros CMEI's e EMEF's; as obrigações domésticas; algumas mulheres acumulam além dessas atividades também o trabalho ou o estudo. Os homens do grupo destacam em suas rotinas o trabalho, ocupando todo o seu dia, não citando nenhuma outra tarefa diferente desta. Os finais de semana são marcados como um tempo de estar com a família, em casa ou passeando. O passeio ocorre principalmente quando se tem dinheiro, senão uma opção é visitar familiares e amigos ou ficar em casa mesmo. Para alguns o final de semana ainda envolve o trabalho, todos que relataram ser dessa forma possuem os próprios negócios.

A grande maioria deste grupo possuem muitos irmãos, foram criados pelas próprias mães com ajuda muitas vezes das irmãs mais velhas. Apenas uma foi

criada por terceiros até a adolescência. A infância é lembrada como um tempo de muita dificuldade, com menos condições que as atuais, há uma percepção que eles melhoraram sua condição social comparando com a família de origem.

Em relação à escolarização, neste grupo, o maior grau alcançado foi o ensino médio completo que é mencionado como tendo “terminado os estudos”. Esse é o nível da minoria, outros não completaram o ensino médio e a maioria evadiu da escola nas séries do ensino fundamental. Os motivos mais citados para parar os estudos foram o trabalho e a gravidez na adolescência. Outro motivo também mencionado foi a falta de ‘juízo’, *“coisa de adolescente”*, *“acho que eu era doida da cabeça mesmo”*. Nesses e em outros casos como o de gravidez, foi destacado que houve um arrependimento posterior, já na fase adulta por não ter continuado os estudos naquela época. O que mais impede o retorno aos estudos posteriormente é a necessidade de trabalhar para se manter. E para os que completaram o ensino médio, a falta de dinheiro para pagar uma faculdade, da sua renda mensal não sobra. Também foram mencionados os cuidados com a casa e os filhos, não sobrando muito tempo e disponibilidade para voltar a estudar. Todos gostariam de ter estudado mais.

Neste grupo todos os filhos estão estudando, poucos pararam, mas voltaram a estudar. Para esses pais não existe a possibilidade de sair da escola *“não tem essa de não querer não, tem que ser o que eu quero”*; *“Não, não pode parar de estudar”*. Esses pais dão muitos conselhos e advertências aos filhos sobre precisarem do estudo para obterem uma vida melhor. Para eles o estudo tem extrema importância, sem ele não dá para conseguir um bom trabalho e melhorar de vida.

Trabalhando formalmente no grupo, isto é, de carteira assinada, apenas um participante. Fora este ninguém paga o INSS. Uma parte, todas mulheres, encontra-se desempregada e estão a procura de emprego. Apenas uma se declara dona de casa. Ainda temos neste grupo, pequenos empreendedores, comerciantes ou prestadores de serviço, trabalhando de forma autônoma. De maneira geral o grupo é marcado por uma heterogeneidade nas profissões e atuações já exercidas, mas notadamente são ligadas a trabalhos que exigem pouca qualificação: babá, balconista, ajudante de cozinha, auxiliar de serviços gerais, faxineira, camareira, vendedor, auxiliar de limpeza industrial etc.

Embora ninguém tenha frequentado ou concluído um curso superior, é perceptível neste grupo que fazer uma faculdade começa aparecer no horizonte de possibilidades para os mesmo e eles já projetam isso para os seus filhos. Esse dado também foi encontrado numa pesquisa realizada por Comim, Porto, Moura, e Bangolin (2016) os autores afirmam que as pessoas em situação de pobreza e beneficiárias do Bolsa Família têm uma expectativa elevada de que seus filhos cheguem ao Ensino Superior. Este comportamento pode ser identificado como já esclarecido anteriormente que trata-se de um comportamento voltado à superação da pobreza empreendido em maior escala pela segunda geração.

Nem todos concordam que podem ser considerados pobres, os motivos para isso são: conseguir dar conforto para a família, ter casa própria, poder comer e vestir sem dependência de terceiros, ajudar outras pessoas, existir pessoas em situação bem pior que a delas. Outra parte entende que sua condição social atual é a pobreza. Os motivos mais citados que mantém a família hoje na situação de

pobreza são a falta de estudo e de trabalho. Mas também foram mencionados: consequências de escolhas do passado e a falta de oportunidades.

Para o grupo existe possibilidade de mudança da sua condição social para isto é necessário na visão da maioria força de vontade, “tem que correr atrás”. As possibilidades mais mencionadas para que isso ocorra foram através do estudo e do trabalho, incluindo abrir um negócio próprio. Mas também foram mencionados: ter competência e através de ganhar em jogos de azar.

Todos acreditam que seus filhos não serão pobres na vida adulta, mas para isso ocorrer, para alguns dependerá apenas deles mesmos, “*basta eles quererem*”, “*dependerá só deles*”. Outros afirmam que seus filhos estão tendo condições que eles não tiveram para isso como: estudo de qualidade e casa própria. Por fim, outros deixam claro que fazem por onde isso aconteça “*eu tô trabalhando pra eles serem mais do que eu fui*”; “*Pretendo dar um futuro melhor pra elas*”.

Das pessoas do seu círculo de conhecidos que eram pobres e deixaram de ser as formas mais citadas como isso ocorreu foram ganhar em jogo de azar e casar com pessoas ricas. Seguido por, ter a oportunidade de conseguir um trabalho que remunere bem.

A ajuda recebida mais mencionada pelas pessoas desse grupo foi a do CRAS, seguida pela da LBV e a das igrejas. Há no grupo pessoas que não recebem ajuda nenhuma, nem institucional, nem de terceiros e ainda ajudam outras famílias, neste caso, são os homens. Aqueles neste grupo que declaram recebem ajuda de terceiros, recebem da própria família, principalmente das mães,

elas são para este grupo uma importante fonte de apoio material e social, “*é assim ela me ajudando e eu ajudando ela*”; “*a minha mãe me ajudou bastante*”.

A grande maioria teve bom relacionamento com pessoas ricas, alguns citam até que foram tratados como alguém da família, neste caso se referindo a antigos patrões. Outros desse grupo mencionaram até que tem amizade com essas pessoas. Duas relataram nunca ter se relacionado com pessoas de condição social diferente da delas. Contudo houve também, embora pela minoria, relatos de preconceitos sofridos durante essa convivência, relatos de discriminação e tratamento diferenciado ao se relacionar com essas pessoas.

O grande sonho da maior parte das pessoas desse grupo é empreender, ter o próprio negócio, trabalhar para ele mesmo. Outro sonho é ter a casa reformada ‘do seu jeito’. A casa própria alguns já conquistaram, contudo ela não está ‘terminada’. Também alguns mencionaram querer ver a mãe bem de saúde e sem precisar trabalhar, “*não quero ver minha mãe sofrer*”. Outros sonhos mencionados foram comprar um sítio, entrar para uma faculdade, ter a liberdade de poder comprar o que precisa. Uma participante desse grupo declarou não ter sonhos, nesse momento só quer conseguir sobreviver.

4.8 Discussão

É possível perceber alguns pontos de permanência e de mudanças nas práticas e experiências na comparação entre as duas gerações. Entre as mudanças destaca-se a queda no número de filhos por participante, consistindo a média geral da primeira geração de seis filhos e a da segunda geração de dois filhos. Tal fato está de acordo com uma tendência nacional verificada nas sucessivas edições da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do

IBGE, que demonstrou que entre os anos de 2003 a 2013 houve uma redução de 10% no número de filhos por família/ano sendo que entre os 20% mais pobres da população brasileira a redução foi de 15,7%, ou seja, a redução foi ainda maior (Laboissière, 2015).

Nesse grupo de participantes, com relação à prática de “doar” a filha para outra família criar, percebeu-se que houve uma diminuição até não acontecer mais a partir da segunda geração. Outra marcante diferença geracional é a participação do pai na família mesmo que o vínculo marido-mulher tenha sido desfeito, ou o homem afastado por estar apenado. Na segunda geração apenas uma participante é mãe solteira e não tem contato com os pais dos seus filhos, as demais têm relacionamento estável ou mantém contato/visitas com os pais das crianças. Enquanto na primeira geração a grande maioria criou seus filhos sem a presença e o apoio financeiro dos pais das crianças, constituindo lares onde as mulheres eram as únicas responsáveis pelo sustento e manutenção da família na segunda geração foi possível constatar uma presença e envolvimento maior dos homens o que também ficou demonstrado pela possibilidade de acesso a eles para a participação nesta pesquisa a partir da segunda geração.

Com relação aos temas estudo e trabalho foi possível identificar mudanças e permanências nas práticas geracionais. É perceptível que houve um aumento no nível de escolaridade alcançado pela segunda geração, contudo ainda não suficiente para provocar grandes transformações nas condições de vida o que também foi encontrado em outros estudos (Miguez-Naiff & Sá, 2007).

Enquanto a média de escolaridade da primeira geração é a quarta série, o que corresponderia atualmente ao Ensino Fundamental I incompleto, a média

alcançada pela segunda geração foi a oitava série o que atualmente corresponde ao Ensino Fundamental II incompleto. Como consequência pode-se verificar que as atividades profissionais exercidas em ambas as gerações são profissões que exigem baixa qualificação profissional. O que pode ser analisado como um dos fatores nas suas experiências de vida que mantém essas famílias na condição social de pobreza. Não galgar uma maior escolaridade é a principal característica identificada na manutenção da transmissão intergeracional da pobreza (Kliksberg, 2000)

Foi possível perceber os pais da segunda geração tendo mais suportes objetivos para manter seus filhos na escola exigindo a permanência deles. Embora não citado diretamente o programa Bolsa Família com a sua condicionalidade de frequência escolar pode estar relacionado com esta diferença percebida, já que uma vez conquistado o benefício as participantes relatam precisar muito dele e que não poder abrir mão do mesmo. Embora os participantes de ambas as gerações recebam o benefício como ele só tem 15 anos de existência a influencia do mesmo na interrupção do 'ciclo da pobreza' só se faria sentir mais diretamente somente a partir da terceira geração como a análise dessas narrativas demonstram.

É interessante observar que os motivos para evasão escolar permaneceram os mesmos: a gravidez na adolescência e/ou a necessidade de trabalhar para ter o sustento seja para si próprio colaborando com a família de origem ou para sua nova família recém-constituída.

Pesa ainda o fato que na primeira geração apenas duas voltaram a estudar posteriormente, as demais alegaram que não teriam condições intelectuais para

isso já na segunda geração a maioria quando mais velhos ou em outra fase da vida conseguiu retornar e estudar um pouco mais. Embora se reitere, não conseguindo uma escolaridade que proporcione uma mudança muito radical em suas condições de vida. É interessante perceber na fala da segunda geração a exigência para que seus filhos (3ª Geração) estudem, sendo o mínimo exigido o término do Ensino Médio e em alguns casos menciona-se fazer uma faculdade.

O estudo na segunda geração é entendido como uma forma mais efetiva de ascensão social, no entanto na primeira geração recebe uma valorização mais funcional, no sentido de possibilidades que o estudo oferece como, por exemplo, *“ler uma carta”* ou *“escrever um bilhete pro seu patrão”*. Na primeira geração todos relatam que incentivaram os filhos a estudar, mas é perceptível que “os motivos dessa escolha são “cognitivos”, da “boca para fora”, posto que a maior parte desses pais também não foi à escola ou não teve nenhuma experiência pessoal de sucesso escolar” (Souza, 2009, p.46).

Nas duas gerações encontra-se a importância dos estudos relacionada com *“ser alguém na vida”*, logo é possível relacionar a desvalorização identificada na metarrepresentação da pessoa pobre na categoria *“pobre não tem valor”* com o fato de terem uma baixa escolaridade, ou seja, se não tenho estudo não sou ninguém.

O ciclo da pobreza, ou seja, devido às carências socioeconômicas da população pobre as crianças são estimuladas ao trabalho precoce para contribuírem com a renda familiar, ao entrarem no mercado de trabalho mais cedo diminuem sua escolaridade o que reduz as chances de melhores colocações de trabalho quando adultas e com isso as possibilidades de romper com a pobreza

(Pires, 2013), foi perceptível ao acompanhar as histórias de vidas desses participantes permitindo-se chegar a conclusão que houve nesse grupo entre as duas gerações aqui estudadas a transmissão intergeracional da pobreza.

Sem o estudo, a profissão de empregada doméstica foi a mais exercida pelas mulheres na primeira geração, conforme avaliam Rocha e Carneiro (2009, p.125) “a profissão de empregada doméstica é um dos principais meios dos quais as mulheres que vivem sob condições sociais precárias podem dispor para obter renda. Um trabalho que certamente exige muito esforço, mas que depende de pouca qualificação”. Esse dado também foi encontrado na pesquisa de Accorssi e Scarparo (2016). Na segunda geração já foi perceptível uma mudança nos tipos de profissões exercidas pelas mulheres, mas ainda permanecem profissões que exigem baixa qualificação e algum esforço físico.

Essas experiências de vida profissional relatadas por este grupo corroboram com a análise empreendida por Souza (2009) ao afirmar que o setor produtivo capitalista moderno pressupõe o conhecimento técnico do qual a população pobre não dispõe sobejando ser contratada enquanto mero “corpo”, sendo dessa forma explorada pelas classes média e alta

...como “corpo” vendido a baixo preço, seja no trabalho das empregadas domésticas, seja como dispêndio de energia muscular no trabalho masculino desqualificado, seja ainda na realização literal da metáfora do “corpo” à venda, como na prostituição. Os privilégios da classe média e alta advindos da exploração do trabalho desvalorizado dessa classe são insofismáveis (Souza, 2009, p.24).

Outra permanência marcante nos discursos geracionais, contudo de forma ainda mais acentuada na segunda geração é a presença da ideologia liberal introjetada através do conceito da “meritocracia”. Conforme explicita Souza (2009) no passado, os privilégios de uma família, ou de uma classe, eram considerados

justos, pois refletiam uma “superioridade natural dos bem-nascidos” (p.42). No mundo moderno que demanda por igualdade e liberdade os privilégios continuam a ser transmitidos da mesma forma, mas agora travestidos com uma nova roupagem: “a igualdade de oportunidades”. Os privilégios decorrentes disso seriam agora avaliados como “desigualdades justas”, pois decorrem do esforço e do desempenho diferencial de cada indivíduo (Souza, 2009).

Ao relatarem sobre o que seria necessário para que seus filhos superarem a condição de pobreza em que vivem a grande maioria dos participantes afirma que dependerá se eles vão querer e do esforço deles próprios, ou seja, pela legitimidade conferida pelo discurso neoliberal, onde todos podem participar e competir, de acordo com suas capacidades e escolhas, sendo o sucesso ou fracasso de sua inteira responsabilidade. “Os indivíduos são levados a perceber as contingências sociais como passíveis de serem superadas se há, para tal, desejo e esforço” (Barros, Salles, & Nogueira, 2011, p.326)

Souza (2009) denuncia que “o ‘esquecimento’ do social no individual é o que permite a celebração do mérito individual, que em última análise justifica e legitima todo tipo de privilégio em condições modernas” (p.42). A intenção em estudar as representações sociais e as narrativas de vida dessas famílias é justamente a possibilidade de desvelar os “mecanismos (os processos cognitivos) pelos quais a estrutura social funciona dentro do indivíduo” (Campos & Loureiro, 2003).

Ao se contrastar a análise estrutural do objeto ‘pessoa pobre’ para membros de famílias pobres apresentadas no capítulo dois com as experiências de vida aqui relatadas ocorre um alargamento no seu entendimento. A

representação social de ‘pessoa pobre’ para esse grupo é sintetizada pelos elementos: “tristeza”, “dificuldade” e “sofrimento” e em cada estrutura narrativa apresentada é possível destacar em suas histórias de vida fragmentos que exemplificam e contextualizam esses elementos centrais.

Um significado marcado por sua dimensão afetiva através dos elementos “tristeza” e “sofrimento” e que fica inegável ao ouvir tantos relatos marcados por violências sofridas, direitos aviltados, experiências de preconceito e humilhação, entre outros. Destas, sobressaem os abusos sexuais na infância e na juventude praticados pelos patrões. As violências físicas e psicológicas como também o trabalho análogo ao escravo na infância das meninas que foram “doadas” para famílias que precisassem de serviçais em troca de provisão material que suas famílias não podiam oferecer.

Na fase adulta também se fazem sentir através de não acompanhar o crescimento e as necessidades dos seus filhos por estar trabalhando integralmente longos anos em casas de família que não formalizaram o vínculo empregatício, portanto não asseguraram seus direitos trabalhistas trazendo o peso de na velhice quando não têm mais condições de exercer o trabalho braçal não poderem se aposentar ou ter condições de obter o auto sustento. Se vendem “a força do seu corpo” como analisado anteriormente, como se sustentar quando o corpo está doente ou não em forças mais?

Continuando a exemplificação da carga emocional negativa vinculada a pessoa pobre, esses sentimentos podem estar ligados com as situações relatadas de problemas de saúde em todas as fases da vida quando não tiveram na maioria das vezes acesso, ou facilidade de acesso ao tratamento médico adequado

mesmo que isso ocorra não diretamente com a pessoa, mas com um familiar. Perceber a necessidade material de um filho ou este lhe pedir algo e a pessoa naquele momento não poder suprir essa necessidade. Ter condições de saúde para o trabalho, ter cursos de qualificação para o mesmo, distribuir currículos e não conseguir uma colocação fazendo-se sentir os impactos do desemprego de longa duração (Lima & Borges, 2014).

É possível então perceber que as situações causadoras de tristeza e sofrimento estão diretamente relacionadas ao terceiro elemento “dificuldade”. As dificuldades enfrentadas também foram narradas nas estruturas aqui apresentadas, muitas delas já mencionadas, ligadas a questões estruturais do nosso país como moradia, trabalho, saúde e educação. Fica claro que os afetos negativos elencados na representação são resultado dessa vivência exemplificada através das estruturas narrativas.

Por fim analisa-se a importância da família nas experiências relatadas corroborando com a representação social desse objeto identificada anteriormente, isto é, o significado de família para membros de famílias pobres está associado aos elementos “amor”, “união” e “tudo”. Através das narrativas percebe-se na segunda geração o reconhecimento do apoio recebido por eles da primeira geração, isto é, especificamente das mães, como fundamental para obter melhores condições de vida, como por exemplo, o participante que quando ficou doente e ao mesmo tempo desempregado, reconhece “*minha mãe me ajudou muito*”. Mesmo quando esse apoio não ocorre é avaliado que se tivesse ocorrido faria a diferença, como no caso da participante que sua mãe não a aceitou em

casa depois da gravidez “*se minha mãe tivesse me ajudado eu já teria terminado os estudos*” (Sofia).

É perceptível a permanência do vínculo entre mães e filhos da segunda geração diferente do que ocorreu na primeira geração quando os elos com os progenitores foram na maioria dos casos cortados, principalmente depois de se constituir uma nova família. Diferente da forte vinculação estabelecida na maioria dos casos entre a primeira e a segunda geração de participantes, como por exemplo, o participante que já constituiu sua nova família, mas relata que almoça diariamente na casa da mãe e em contra partida ajuda nas compras de alimentos para a casa dela ou a participante que pede leite nas casas e pães doados pela padaria e leva para as “bisnetinhas”.

Há o caso também do relato da participante que sua mãe e seus irmãos tomam conta dos seus filhos enquanto ela está na escola. Como é perceptível também na fala recorrente da primeira geração que narra ter por objetivo querer melhorar de vida para ajudar mais os filhos mesmo esses já adultos e que já constituíram novas famílias. O resultado da análise dessas narrativas demonstra ser a família a principal rede de apoio social que essas pessoas obtêm. E que o aumento dessa colaboração familiar fez diferença nas condições de vida alcançadas pela segunda geração.

Esse resultado corrobora com a significativa análise sobre a família pobre empreendida por Sarti (2011) que afirma ser esta além da ligação afetiva mais forte dos pobres, também, o centro da sua sobrevivência material, a forma pela qual viabilizam seu modo de vida. Como também, a família conforme essa autora é a referencia fundamental que permite pensar, organizar e dar sentido ao mundo

social, ou seja, família é “tudo” para as pessoas em situação de pobreza. Esse ponto caracterizado nessas narrativas desvela uma característica diferencial da estrutura da representação social de família construída pelo grupo membros de famílias pobres exposta no capítulo 2. Lá foi possível verificar que ambos os grupos, os membros de famílias pobres e os profissionais do SUAS, possuíam uma representação bem próxima, cujo significado está relacionado aos elementos “amor” e “união” sendo o diferencial que para os membros de famílias pobres tem o elemento “tudo”.

Pode-se depreender então que pessoas não pobres, como no caso dos profissionais, têm a possibilidade de encontrar outras fontes de suporte e apoio material, emocional etc., a partir da obtenção uma rede social mais extensiva que dificilmente pessoas no contexto de pobreza conseguem obter, sendo a família sua possível e única fonte de apoio, “*a família é tudo que eu tenho*”. Essa perspectiva está de acordo com a análise empreendida por Marques (2010) em seu estudo “Redes sociais, sociabilidade e segregação”, que concluiu que as pessoas em situação de pobreza tem mais dificuldade em manter relacionamentos sociais duradouros fora da família e da vizinhança, além de ter acesso a um círculo menos diversificado de pessoas.

Neste aspecto a análise dessas narrativas demonstrou ser matricialidade sociofamiliar, que se refere à centralidade da família como núcleo social fundamental para efetividade de todas as ações e serviços no âmbito das ações da política de assistência social, uma ação adequada dentro do contexto do trabalho social com famílias empobrecidas. Acresce ainda a necessidade de atenção ao perfil das famílias com crianças pequenas e/ou chefiadas por

mulheres sozinhas, por terem alta probabilidade de serem pobres ou muito pobres, característica relacionada ao fenômeno da Feminização da pobreza.

Exemplifica esse contexto a fala da Paula, da primeira geração. Ela lembra

...já passei por cada uma... não tinha onde morar, nem filho pra me dar nada, eu morava num barraquinho dentro do mangue, na lama, meus filhos era tudo pequeno não podia dar nada de bom a eles, eu nunca fui empregada... eu tenho sentimento dessas coisas assim...

Foi possível perceber através da análise dessas narrativas a exemplificação do conceito de 'feminização da pobreza' (Belchior, 2007; Novellino, 2004) uma vez que se obteve a presença majoritária das mulheres como chefes dessas famílias aqui representadas e que nesse grupo elas são mais vulneráveis e privadas materialmente do que as famílias chefiadas por homens e/ou com a participação dos mesmos. Foi possível identificar a privação material orientando práticas nas estratégias de sobrevivência adotadas por essas mulheres, como por exemplo pedir de casa em casa em outro bairro ou ir com as crianças numa feira livre para alimentar os filhos e ganhar verduras e frutas.

Sobre a influência e a importância da família na manutenção de comportamentos e práticas que perpetuam as condições sociais que estas famílias experimentam, Souza (2009) aponta um importante processo de transmissão familiar que ocorre no "interior dos lares" ficando assim invisível ou imperceptível ao pensamento social, trata-se da transmissão de valores que pais transmitem aos filhos, sendo essa uma herança que se passa por laços de afeto. Segundo o autor, o que os pais transmitem de mais importante aos filhos não é o dinheiro ou a renda e sim, toda uma visão de mundo que é peculiar a classe que pertencem. Assim, valores como autodisciplina, autocontrole, pensamento prospectivo, entre outros, que balizam como devem se comportar, há também

outro aprendizado auferido “afetiva e silenciosamente no refugio do lar” (p.46) que se configura elemento fundamental na competição social, é a autoconfiança, intrinsicamente ligada ao amor incondicional que uma criança recebe e lhe confere a certeza do próprio valor. Como Souza (2009) irá denunciar e pode ser percebido na ‘linha guia’ das narrativas aqui reproduzidas, esses aprendizados não são universais, as classes baixas não possuem esse tipo de aprendizado. Algumas vezes é até dado algum estímulo, mas sem a força do exemplo.

O mesmo resultado também foi encontrado por (Miguez-Naiff & Sá, 2007) em seu estudo intergeracional com mulheres em situação de pobreza, houve uma transmissão das condições sociais vividas pelos participantes da pesquisa.

Os relatos de vivência de preconceito e de situações em que se sentiram humilhados coadunam com a representação social de ‘pessoa pobre’ identificada e analisada no capítulo 2 ampliando seu entendimento. Momentos onde perceberam que utensílios e comida eram separados para uso deles, ou que devido a sua pertença social não podiam partilhar do mesmo elevador ou de outros espaços sociais, foram expostos como fonte desses sentimentos de humilhação, revolta, mágoa. Exemplificando e contextualizando a presença dos estereótipos negativos que estão nos resultados da metarrepresentação desse grupo de pessoas pobres para não pobres.

Na descrição das rotinas semanais e de fim de semana percebe-se fraca sociabilidade, pouco ou nenhum lazer, espaços de convivência social vetados indiretamente a presença dessas pessoas, invisibilidade. Reyless (2007) observa que vergonha e humilhação são centrais para a compreensão da pobreza e que o isolamento social pode estar relacionado à estigmatização da pobreza

relacionada a estes sentimentos. Também corroborando com este dado das narrativas, a falta de lazer e sociabilidade, encontra-se a análise empreendida por Paugam (2014) este afirma que a precariedade da vida profissional está correlacionada com uma diminuição da sociabilidade. Também aponta, o sentimento de humilhação, mais uma vez, como o que impede os pobres de aprofundar qualquer sentimento de pertença social. Outro ponto, o fato dessa classe ser heterogênea também aumenta expressivamente o risco de isolamento entre seus pares.

Nessas narrativas desvela-se uma demarcação de lugares sociais, “cada um no seu quadrado”, como foi percebido por uma participante da primeira geração que recebeu uma indicação do médico da unidade de saúde de procurá-lo em seu consultório particular, ao frequentar este consultório médico particular pela primeira vez descreveu *“ali eu vi que eu era pobre”* (Pillar). Esse episódio exemplifica muito bem como a percepção da pobreza é construída nas relações sociais, pobreza e riqueza se forjam mutuamente.

Essas várias situações elencadas são geradoras de sofrimento, de acordo com (Sawaia, 2014) “o sofrimento social retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época da história, especialmente a dor que surge da situação de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (p. 104)

Chamou a atenção da pesquisadora uma participante com mais de 70 anos relatar que tinha o sonho ainda de mudar-se do bairro, mesmo que sua casa era própria e que tenha vivido ali os últimos 30 anos. Foi encontrada na literatura uma relação do bairro de moradia com a produção de estigma com relação aos

moradores do local com isso “muitos tem esperança de encontrar um emprego e de mudar de bairro” (Paugam, 2014). O desejo dessa participante aponta que a esperança de se livrar de um estigma não acaba mesmo já tendo vivido muitos anos com ele.

Embora, a maioria dos participantes não se auto avalie como pobre, como já demonstrado, esse comportamento também foi identificado em outras pesquisas envolvendo pessoas neste contexto (Accorssi & Scarparo, 2016; Estanislau & Ximenes, 2016), contudo segundo o critério estabelecido na perspectiva das capacitações (Sen, 2000) a qual pressupõe que “uma vida sem oportunidade de escolha e sem escolhas genuínas será, inevitavelmente, uma vida pobre” (Santos, 2007, 31) todos os participantes dessa pesquisa tem essa marca da pobreza. Suas trajetórias de vida são percebidas muito mais como falta de opção melhor do que fruto de uma liberdade de escolha. É sabido que embora ter renda resulte em maior liberdade de escolha ela não é a única condição, circunstâncias individuais e sociais afetam em muito as oportunidades que uma pessoa dispõe para realizar coisas que considere valiosas.

Sobre isso é emblemática a fala de uma participante ao ser perguntada sobre o que precisaria acontecer para suas bisnetas saírem da pobreza: *“Bom depois que elas crescerem vai ficar a critério delas... ‘o que vc quer ser fulaninha?’ ‘o que vc quer ser ciclaninha?’ quer? a gente vai fazer o que pode...aí eu corro atrás de ajuda...”*. Fazer o que se gosta, o que se quer, parece uma ‘artigo de luxo’ no contexto da pobreza. A sobrevivência exige se fazer o que for possível e necessário, e na maioria das vezes isso vai deixar a pessoa cada vez mais longe de construir um projeto de vida com base no seu desejo.

Para que uma pessoa construa um projeto de vida autônomo se faz necessário um suporte material e emocional. É difícil, da forma como nossa sociedade está estruturada, um adolescente no início da sua vida, projetar e dedicar tempo numa formação específica sem ter apoio e sustento familiar para isso. E na fala dessa participante, percebe-se que ela não se vê em condições de dar esse apoio para suas bisnetas ela teria que “correr atrás de ajuda” para isso.

Sen (2000) postula que onde a maioria das pessoas é pobre, um indivíduo tende a sentir-se menos diminuído em função da sua condição de pobreza, mas quando é constrangido à necessidade de consumo para enquadrar-se em modelo de sociabilidade desejada, o indivíduo fará gastos para isto e isso afetará ainda mais sua condição de privação global. Esse é outro contraponto perceptível pela análise das narrativas. Por exemplo, a maioria das participantes relata o desejo de melhorar a casa onde moram, construir ou reformar, ter uma casa “mais bonita”. Embora residam em bairros periféricos, esses são heterogêneos, uma característica da pobreza urbana, o que faz com que tenham a oportunidade de comparem suas casas, como também roupas, objetos pessoais, etc. com os dos vizinhos e conhecidos, acrescem ainda com o que veem na mídia relacionada ao estilo de vida de pessoas de outras categorias sociais.

Sobre esse aspecto, identifica-se então que uma possível fonte dos afetos negativos pode estar na frustração causada nesse processo de comparação e demanda por um consumo para se sentir participante de um grupo aceito socialmente. E todo esse processo é marcado pela relatividade, ou seja, pode haver ‘tristezas’ iguais para níveis diferentes de privação. Depende com quem é feita a comparação, ou do que se esteja almejando alcançar, entre outros.

Em consonância com a análise de Cardoso, Féres-Carneiro e Giovanetti (2009) a compreensão acerca da especificidade da família no contexto de pobreza precisa levar em consideração a presença de vários fatores estressores, os citados pelas autoras foram: “desemprego, dependência de álcool e drogas, envolvimento com o tráfico e com o crime organizado, fome, abuso sexual, violência domiciliar e comunitária, mortes precoces, precariedade de moradia, ausência de saneamento básico e a inexistência ou ineficiência do serviço público” (p.781).

Todos esses fatores estressores, e ainda outros, encontrados também nas narrativas aqui elencadas: pagar aluguel, familiar apenado, não contribuir para a previdência social, ou seja, não garantia de poder se aposentar, não conseguir ajudar nas tarefas escolares dos filhos, por não saber ou por não poder estar presente em casa, etc. Embora não exclusivos do contexto de vida da população pobre, trazem uma sobrecarga que precisa ser levada em consideração para se oferecer apoio e trabalhar com essa população, conforme propõe Serapioni (2005), a política social precisa focar em recuperar aqueles sujeitos que desenvolvem funções assistenciais e de cuidado. Esses resultados demonstraram que a família tem o potencial de ser um fator protetivo ou de risco no enfrentamento da experiência estressante que é viver na pobreza, dado também evidenciado no estudo realizado por Balancho (2013), o que fundamenta a importância de se investir no trabalho social com a mesma.

Esse tipo de trabalho tem o caráter preventivo e por isso vincula-se a Proteção Básica do SUAS, a deterioração de vínculos familiares decorre, possivelmente, de condições de miséria às quais estão submetidas às famílias

(Gomes & Pereira, 2005), a partir do momento que esses vínculos estão rompidos uma série de agravantes se somam a esse contexto de vida já tão aviltado, conforme foi possível identificar nas narrativas dos participantes, principalmente na primeira geração.

Todas essas histórias de vida ajudaram a ampliar o entendimento do contexto de produção das representações sociais aqui pesquisadas, bem como exemplificar práticas sociais de manutenção ou de superação da condição de pobreza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar a vivência da pobreza tal como a percebem pessoas que vivem nesta condição social, optando assim por produzir um conhecimento a partir das próprias pessoas que enfrentam essa condição de vida. Foi utilizada a triangulação metodológica de dados com a intenção de aumentar a compreensão dos processos de produção da representação social bem como aclarar outras dimensões que mobilizam o campo representacional foram eles: a dimensão afetiva, a metarrepresentação e as experiências de vida dessas pessoas neste contexto de vida em duas gerações distintas, tal estratégia se mostrou decisiva para o aumento da confiabilidade dos resultados encontrados uma vez que ocorreu uma confirmação entre os resultados que se repetiram em mais de uma estratégia empregada comprovando também a acuidade da triangulação de métodos para pesquisas na área de representações sociais.

Considerando que a população de pessoas pobres é bastante heterogênea não se podem generalizar os resultados aqui apresentados. Eles estão fortemente vinculados a um grupo com as seguintes características: mulheres, urbanas, cristãs, sem trabalho e renda fixa, com baixa escolaridade e beneficiárias do programa de transferência de renda Bolsa Família.

O engajamento teórico escolhido, a TRS, se mostrou adequado aos objetivos pretendidos, uma ampliação do conhecimento de forma contextualizada e realista sobre a população pobre que possa embasar futuras propostas de intervenção com esses sujeitos. Foi possível através dos dados obtidos uma

reflexão a respeito do papel central da dimensão afetiva nesta representação social não só como contexto de produção (pano de fundo), mas como o que torna possível a produção de sentido desse objeto social para essas pessoas. Ser pobre é uma condição de vida intensamente carregada do ponto de vista emocional e este contexto influencia a produção do sentido atribuído ao mesmo pelo grupo.

Considerando as representações sociais como uma modalidade de conhecimento construída na interação cotidiana (Vala, 2004) o desenvolvimento do presente estudo também possibilitou demonstrar como ‘ser pobre’ não implica em ser somente materialmente pobre, sem dinheiro, sem renda, mas também, e aí reside uma importante contribuição da Psicologia, implica na esfera das relações sociais mobilizando afetos/sentimentos e está também relacionado com um ‘modo de vida’ correspondente a este contexto social que é passado de “mãe para filho” de forma invisível e silenciosa nas relações cotidianas, ou seja, “...os privilégios continuam sendo transmitidos por herança familiar e de classe” (Souza, 2018, p.42).

Neste ponto a TRS foi bastante favorável para essa análise apontando o quanto do social constrói o indivíduo, não sendo forçosamente distintos como Moscovici (2009) propõe. Assim, pode-se afirmar que somos impactados na nossa constituição psíquica pelas relações sociais que estabelecemos ou que nos são impostas, o que também forja a nossa identidade. A partir dessa perspectiva, sendo uma importante contribuição deste estudo, ficou demonstrado ser imprescindível considerar as determinações estruturais da pobreza e as estratégias de manutenção das classes sociais e não apenas compreendê-la

como falta de renda, ou seja, não há espaço para individualização dos problemas sociais. Este ponto torna-se particularmente fundamental para se pensar a formação profissional do Psicólogo, municiando-o de como o social, em particular as relações sociais estabelecidas impactam a subjetividade.

Foi possível através da metodologia empregada alcançar os objetivos pretendidos e encontrar outros desafios à pesquisa sobre esse tema. Como propostas para futuras pesquisas indica-se a análise da zona muda para os profissionais em relação ao objeto 'pessoa pobre' pois por se tratar de um objeto social e científico e seu público alvo de intervenção a representação social para este grupo mostrou-se impregnada por elementos do universo reificado. Outra sugestão seria explorar em estudos intergeracionais, famílias que superaram sua condição social na geração posterior. O que poderia apontar novos elementos ou confirmar os já elencados como mantenedores ou suplantadores dessa condição.

A representação social de "Pessoa Pobre" compartilhada pelos membros de famílias pobres participantes dessa pesquisa apresenta uma forte dimensão afetiva a partir dos elementos tristeza e sofrimento. Tais sentimentos foram corroborados pela metarrepresentação de pessoa pobre que essas pessoas possuem em relação aos não pobres, ou seja, a percepção da imagem social negativa que o grupo possui diante de outros grupos e pelo campo afetivo relacionado a condição de viver na pobreza. A representação de pessoa rica para esse mesmo grupo assume uma forte função identitária trazendo uma supervalorização dos elementos dinheiro e metido, funcionando como uma autodefesa. Com relação à representação social de pessoa pobre compartilhada pelos profissionais foi possível perceber que tem forte embasamento no universo

reificado, contudo, o de pessoa rica não é composta por estes elementos o que remete a uma possível distinção percebida ou naturalizada na sócio gênese desses objetos que são complementares.

Sobre o objeto família foi possível identificar que ambos os grupos compartilham da mesma representação daí este estudo confirma que a representação de família pode ser considerada uma representação hegemônica socialmente. A família se confirmou neste estudo como lugar privilegiado de perpetuação das condições sociais vividas por estes sujeitos e que neste caso justifica-se ser alvo prioritário nas intervenções propostas pela Política Social.

Podemos concluir que qualquer intervenção que almeje levar em consideração a especificidade da condição de se viver na pobreza não pode prescindir da atenção aos sentimentos e afetos compartilhados por estas pessoas. A vergonha, a humilhação e o sofrimento sociais devem ser colocados em pauta para discussão e consequente visibilidade. Aponta-se também que deve ser levada em consideração a gênese da produção desses sentimentos nas relações e trocas sociais, baseadas em representações, crenças e valores compartilhados socialmente. Faz-se necessário refletir sobre qual modelo de sociedade queremos construir e com qual modelo social e ideologias propagadoras de tais modelos vamos nos aliar enquanto categoria profissional.

Um serviço que o conhecimento científico pode trazer a sociedade e a população pobre é reiterar que a pessoa não é pobre por falta de esforço, não é porque é seu destino, não é por falta de oportunidades, nem de empenho em trabalhar, definitivamente não é um problema individual, mas está intrinsicamente

relacionado com o modo de produção na nossa sociedade, capitalista neoliberal, o qual não subsiste sem os pobres e sua forma perversa relacionada a uma produção de desigualdade sem precedentes que é desnecessária e prejudicial a toda sociedade conforme indicam Wilkinson e Pickett (2010) através de dados epidemiológicos eles demonstraram a correlação entre questões sociais de saúde e níveis desiguais de renda entre os 50 países mais ricos do mundo concluindo que os padrões de vida equalizados melhora a qualidade de vida de todos.

A partir do campo afetivo relacionado à vivência da pobreza que foi encontrado nesta pesquisa, o que englobou os afetos e as justificativas para senti-los, em total consonância com o resultado da análise prototípica do objeto 'pessoa pobre' também demonstrada nesta tese, é possível sugerir que o contexto de vida desse grupo, caracterizado pelas dificuldades e percalços que precisam enfrentar cotidianamente para sobrevivência, e pelas relações estabelecidas com os outros grupos sociais, relações essas marcadas por uma imagem social negativa do grupo que fazem parte, faz com que o sentir 'tristeza' e 'sofrimento' seja uma marca em suas trajetórias de vida, marca essa que se perpetua de uma geração para outra.

O desafio colocado para o trabalho dos profissionais cujo público alvo são as pessoas no contexto da pobreza reside em não considerar a pobreza de forma naturalizada seja a partir da renda, seja a partir de outras dimensões para sua definição, mas sim compreendê-la na sua relação com a forma como a sociedade está estruturada (Dantas & Oliveira, 2015). Isto não significa retirar ou diminuir a importância que o ganho pecuniário possui para se ter uma vida digna, contudo conforme afirma Balancho (2013) "mais dinheiro poderá aumentar a felicidade

apenas se isso implicar evitar a pobreza e viver num contexto social de desenvolvimento” (p.190).

Atualmente, com o reconhecimento da pobreza como um fenômeno multidimensional, está colocado o desafio de estabelecer quais dimensões seriam as mais relevantes, ressalta-se que a psicologia pode e deve contribuir para a superação desse desafio, apontando como a pobreza afeta psicossocialmente as pessoas que vivem essa realidade. Quais dimensões psicossociais? Quais afetos/sentimentos por ela provocados? Como esses sentimentos impactam o comportamento? Qual visão de mundo é transmitida pelos responsáveis familiares? É um vasto e fértil campo para a ciência psicológica contribuir, em especial a Psicologia Social.

Já é consenso que conceituação e a mensuração da pobreza baseando-se exclusivamente na análise monetária mostraram-se insuficiente para captar o fenômeno da pobreza que abrange várias dimensões da vida de uma pessoa, e não apenas a renda. Um importante resultado da presente pesquisa está em apontar que a ampliação da discussão sobre a sócio gênese da riqueza se faz necessária e tem muito a contribuir no desenvolvimento desse campo. Pois uma teoria sobre a pobreza que não envolva o entendimento da constituição e manutenção da riqueza sempre ficará incompleta.

A transmissibilidade Intergeracional da pobreza se configura como um importante tema nos estudos sobre a pobreza atual e quebrar o ciclo que se forma entre as gerações das populações mais pobres está entre os maiores desafios das intervenções do combate a pobreza (Coutinho, Guimarães & Fernandes, 2014). O desenvolvimento do presente estudo de forma

intergeracional se mostrou uma escolha apropriada, pois possibilitou conforme apontado por Coutinho e Menandro (2009) contrastar a vivência no contexto de pobreza, a partir da ótica dos representantes de duas diferentes gerações, e tornou possível evidenciar a influência, dos afetos e práticas sociais nas duas gerações como também refletir as possibilidades de transformações socioculturais na compreensão de pobreza e no trabalho com pessoas pobres.

Com base nas Representações Sociais foi possível ampliar a compreensão da realidade, neste caso, o contexto social da pobreza, como produto e produtor de dinâmicas psíquicas e sociais. Pensar o sujeito como um sujeito ativo, construtor da realidade social e nela construído (Santos, 2009).

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das Representações Sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Orgs.), *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* (p. 27–37). Goiânia: AB.
- Accorssi, A., & Scarparo, H. (2016). Representações Sociais da Pobreza. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade, & J. F. Moura-Jr (Orgs.), *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências* (p. 67–94). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Acioli Neto, M. de L., & Santos, M. de F. S. (2015). As máscaras da pobreza: O crack como mecanismo de exclusão social. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 611–623. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.28292>
- Alberto, M. de F. P., Freire, M. L., Leite, F. M., & Gouveia, C. N. N. A. (2014). As políticas públicas de Assistência Social e a atuação profissional dos(as) Psicólogos(as). In I. F. de Oliveira & O. H. Yamamoto (Orgs.), *Psicologia e Políticas Sociais: temas em debate* (p. 127–174). Belém: Editora UFPA.
- Almeida, A. M. de O. (2005). Pesquisa em Representações Sociais: Proposições teórico-metodológicas. In M. de F. S. Santos & L. M. de Almeida (Orgs.), *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (p. 119–160). Recife: Editora Universitária UFPE.
- Andrade, M. A. A. de. (1998). A identidade como representação e a representação da identidade. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* (p. 141–149). Goiânia: AB.
- Apostolidis, T. (2006). Representations Sociales et Triangulation: Une Application en Psychologie Sociale de la Sante. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 211–226. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200011>
- Arruda, A. (2009). Meandros da teoria: dimensão afetiva das representações sociais. In A. M. de O. Almeida & D. Jodelet (Orgs.), *Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (p. 83–104). Brasília: Thesaurus Editora.
- Assis, S. G. de. (1999). *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Balancho, L. S. (2013). *Felicidade na pobreza: um olhar da Psicologia Positiva*. Curitiba: Juruá.
- Barros, V. A. de, Salles, M. M., & Nogueira, M. L. M. (2011). Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho. In I. B. Goulart (Org.), *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos* (p. 323–335). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Batista, R., & Bonomo, M. (2016). Representações e metarrepresentações sociais de imigrantes brasileiros na Europa. *Liberabit. Revista de Psicología*, 22(1),

91–102.

- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petropolis: Vozes.
- Becker, H. (1993). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.
- Belchior, J. R. (2007). *Chefia Feminina: Feminização e Transmissão Intergeracional da Pobreza*. Escola Nacional de Ciências Estatísticas.
- Bonomo, M. (2010). *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias*. Universidade Federal do Espírito Santo.
- Bonomo, M., Faria, J. M. G. de, Souza, L. de, & Brasil, J. A. (2012). Temor e fascínio: dimensão afetiva e representações sociais de ciganos entre população não cigana. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 245–264.
- Bonomo, M., & Souza, L. de. (2013). Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31(2), 402–418.
- Botarelli, A. (2011). O potencial protetivo de famílias empobrecidas. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, 2011(4), 81–89.
- Brasil. Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004 -Norma Operacional Básica (NOB/Suas). (2005).
- Brasil. (2015). Bolsa Família- Como funciona. Recuperado 20 de janeiro de 2018, de <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/como-funciona>
- Brasil. (2009). *Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social - CRAS*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Campello, T., & Neri, M. C. (Orgs.). (2013). *Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania*. Brasília: Ipea.
- Campos, P. H. F., & Loureiro, M. C. S. (2003). Apresentação. In P. H. F. Campos & M. C. S. Loureiro (Orgs.), *Representações sociais e práticas educativas* (p. 11–17). Goiânia: Editora da UCG.
- Campos, P. H. F., & Rouquette, M.-L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 435–445. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300003>
- Cardoso, C. L., Féres-carneiro, T., & Giovanetti, J. P. (2009). Um Estudo Fenomenológico Sobre a Vivência de Família em uma Comunidade Popular. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 780–795.
- Carreiro, T. C. (2003). Sofrimentos Sociais em Debate. *Psicologia USP*, 14(3),

57–72. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000300006>

- Carvalho, I. M. M. De, & Almeida, P. H. De. (2003). Família e Proteção Social. *São Paulo em Perspectiva*, 17(2), 109–22. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000200012>
- Castañeda, T., & Aldaz-Carroll, E. (1999). The intergenerational transmission of poverty: some causes and policy implications (p. 35). Paris: Inter-American Development Bank.
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes.
- Codes, A. L. M. de. (2008). *A Trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa (Texto para discussão n. 1332)*. Brasília: IPEA.
- Comim, F. V., Jr., S. P., Jr., J. F. M., & Bangolin, I. P. (2016). Sem pobreza, mas com “fomes”: Visões econômicas e psicológicas. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade, & J. F. Moura Jr. (Orgs.), *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências* (p. 17–44). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Coutinho, H. G., Guimarães, C. A. S., & Fernandes, F. C. (2014). *Transmissibilidade intergeracional da pobreza: visões e percepções (Relatório de Pesquisa)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- Coutinho, S. M. dos S., & Menandro, P. R. M. (2009). *A dona de tudo*. Vitória: GM Gráfica e Editora.
- Crespo, A. P. A., & Gurovitz, E. (2002). A pobreza como um fenômeno multidimensional. *RAE eletrônica*, 1(2), 02-12. <https://doi.org/10.1590/S1676-56482002000200003>
- Creswell, J. L. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dantas, C. M. B. (2007). *Psicologia e pobreza no Brasil: limites e perspectivas da produção de conhecimento e atuação do psicólogo*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Dantas, C. M. B., & Oliveira, I. F. de. (2015). A psicologia no campo da assistência social: concepções de pobreza dos psicólogos atuantes no CRAS. In A. Accorssi, A. B. S. Bousfield, H. S. Gonçalves, K. Aguiar, & R. S. Guzzo (Orgs.), *Distintas faces da questão social: desafios para a Psicologia* (p. 177–196). Florianópolis: ABRAPSO.
- Dantas, C. M. B., Oliveira, I. F. de, & Yamamoto, O. H. (2010). Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo. *Psicologia & Sociedade*. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100013>
- Dias, A. C. G., & Lopes, R. C. S. (2003). Representações de maternidade de

- mães jovens e suas mães. *Psicol. estud*, n.esp(8), 63–73.
- Estanislau, M. A., & Ximenes, V. M. (2016). Vivências de Humilhação e Vergonha: Uma análise psicossocial em contexto de pobreza. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade, & J. F. Moura Jr. (Orgs.), *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências* (p. 121–146). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Fahel, M., Teles, L. R., & Caminhas, D. A. (2016). Para além da renda: Uma análise da pobreza multidimensional no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(92), 01. <https://doi.org/10.17666/319205/2016>
- Ferreira, A. B. D. H. ([s.d.]). Dicionário Aurélio Online de Português. Recuperado de <https://dicionariodoaurelio.com/>
- Flick, U. (2009). *Desenho de pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4^a). Rio de Janeiro: LTC Editora.
- Góis, A. C., & Daniel, F. (2008). Representações Sociais da Pobreza e das Medidas de Política Social: Um Estudo no Concelho de Anadia. *Interacções*, (15), 53–68.
- Gomes, M. A., & Pereira, M. L. D. (2005). Família em situação de vulnerabilidade social : uma questão de políticas públicas Socially vulnerable families : a public issue. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(2), 357–363. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>
- Gonçalves-Filho, J. M. (1998). Humilhação Social: um Problema Político em Psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11–67.
- Guareschi, N. M. de F., Oliveira, F. P. de, Giannechini, L. G., Comunello, L. N., Nardini, M., & Pacheco, M. L. (2003). Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 45–53. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100006>
- Iamamoto, M. V., & Carvalho, R. (1990). *Relações sociais e Serviço Social no Brasil*. (Cortez, Org.). São Paulo.
- IBGE. (2010). Censo Demográfico - 2010. Recuperado 18 de janeiro de 2018, de www.ibge.gov.br
- IBGE. (2016). *Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016*. Rio de Janeiro: IBGE.
- IBGE. (2017). Brasil/Espírito Santo. Recuperado 18 de janeiro de 2018, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/panorama>
- Instituto Jones dos Santos Neves. (2017). *Perfil da pobreza no Espírito Santo: famílias inscritas no CadÚnico 2016*. Vitória.

- IPEA. (2015). *Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros*. Ipea. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Kliksberg, B. (2000). *Desigualdade na América Latina: o debate adiado*. São Paulo: Cortez.
- Laboissière, P. (2015). Redução no número de filhos por família é maior entre os 20% mais pobres do país. Recuperado 10 de janeiro de 2018, de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-03/reducao-no-numero-de-filhos-por-familia-e-maior-entre-os-20-mais-pobres>
- Laurence Bardin. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Lima, M. E. A., & Borges, A. F. (2014). Impactos Psicossociais do desemprego de longa duração. In I. B. Goulart (Org.), *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos* (2ª, p. 337–355). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima, M. E. O. (2013). Preconceito. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.), *Psicologia Social: Temas e teorias* (p. 589–640). Brasília: Technopolitik.
- Marques, E. C. L. (2010). *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo: Ed. Unesp, Centro de Estudos da Metrópole.
- Miguez-Naiff, L., & Sá, C. P. de. (2007). De mãe para filha , o legado da exclusão social: Um estudo de memórias autobiográficas. *Memorandum*, 13, 88–99.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse: Son image et son public. / Psychoanalysis: Its image and its public*. Paris: PUF. <https://doi.org/10.2307/3319763>
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petropolis: Vozes.
- Moura Jr., J. F., Cidade, E. C., Ximenes, V. M., & Sarriera, J. C. (2014). Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial. *Temas em Psicologia*, 22, 341–352. <https://doi.org/10.9788/TP2014.2-06>
- Moura Jr., J. F., & Sarriera, J. C. (2016). Práticas de resistência à estigmatização da pobreza: Caminhos possíveis. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade, & J. F. Moura-Jr (Orgs.), *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências* (p. 263–288). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Moura Jr, J. F., & Ximenes, V. M. (2016). A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), 76–83. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1051>
- Narayan, D. (2000). *Voices of the poor: can anyone hear us?* Washington: World Bank Publications.
- Novellino, M. S. F. (2004). *Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas*

- públicas para mulheres. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP. Caxambu-MG.*
- Oliveira, D. C., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de Análise Estrutural das Representações Sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno, & S. M. Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas teórico-metodológicas em Representações Sociais* (p. 573–601). João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Oliveira, I. F. de, Dantas, C. M. B., Solon, A. F. A. C., & Amorim, K. M. de O. (2011). A prática psicológica na Proteção Social Básica do Suas. *Psicologia & Sociedade*, 23(n.spe), 140–149.
- ONUBR. (2017). Número de pobres no Brasil terá aumento de no mínimo 2,5 milhões. Recuperado 18 de janeiro de 2018, de <https://nacoesunidas.org/numero-de-pobres-no-brasil-tera-aumento-de-no-minimo-25-milhoes-em-2017-aponta-banco-mundial/>
- Paiva, I. L. De, & Yamamoto, O. H. (2008). Os Novos Quixotes da Psicologia e a Prática Social no “Terceiro Setor”. *Associação Brasileira de Psicologia Política*.
- Palmonari, A., & Cerrato, J. (2011). Representações sociais e psicologia social. In A. M. Almeida, M. F. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das representações sociais: 50 anos* (p. 305–332). Brasília: Technopolitik.
- Paugam, S. (2014). O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (p. 67–86). Petrópolis: Vozes.
- Pecora, A. R., & Sá, C. P. De. (2008). Memórias e representações sociais da cidade de Cuiabá, ao longo de três gerações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 319–325. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200018>
- Pires, A. (2013). Afinal, para que servem as condicionalidades em educação do Programa Bolsa Família? *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 21(80), 513–531. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362013000300007>
- Pizzio, A. (2009). Desqualificação e qualificação social: uma análise teórico conceitual Desqualificação social. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 9(1), 209–232.
- PNUD. (2017). *Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) 2016 “Desenvolvimento Humano para todos”*. Estocolmo.
- Pombo-de-barros, C. F., & Arruda, A. M. S. (2010). Afetos e Representações Sociais: contribuições de um diálogo transdisciplinar. *Psic.: Teor. e Pesq., Brasília*, 26(2), 351–360.

- Reyles, D. Z. (2007). The ability to go about without shame: A proposal for internationally comparable indicators of shame and humiliation. *Oxford Development Studies*, 35(4), 405–430. <https://doi.org/10.1080/13600810701701905>
- Rocha, M. T., & Carneiro, E. (2009). “Do fundo do buraco”: O drama na ascensão social de empregadas domésticas. In J. de Souza (Org.), *Ralé brasileira: quem é, como vive* (p. 125–144). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Rocha, S. (2003). *Pobreza no Brasil: afinal do que se trata?* Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Rocha, S., & Monteiro, R. P. (2011). O marco conceitual da vulnerabilidade social. *Sociedade em Debate*, 17(2), 29–40.
- Rodrigues, C. J. S., & Conterato, M. A. (2017). A pobreza rural no estado do Espírito Santo: invisibilidade e ações de enfrentamento a partir da implementação do programa incluir no campo. *Desenvolvimento Regional em debate*, 7, 75–94.
- Rolim, C., Andrade, J. R. de L., Santana, J. R. de, & Melo, R. O. L. de. (2006). Construção de Indicadores de Pobreza: Aplicação do Índice de Pobreza Humana Municipal no Estado de Sergipe. *Revista Econômica do Nordeste*, 37(4), 512–529.
- Rosa, E. M., Ribeiro-Jr, H., & Rangel, P. C. (2007). *O adolescente: a lei e ao ato infracional* (1^a). Vitória: EDUFES.
- Sá, C. P. De. (1996). *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petropolis: Vozes.
- Sant’Anna, H. C. (2012). openEvoc: Um programa de apoio à pesquisa em representações sociais. *Anais do VII Encontro Regional da Abrapso, Espírito Santo, Brasil*, (maio), 94–103.
- Santos, M. N. dos, & Menandro, M. C. S. (2017). Atuação profissional junto aos adolescentes em medida socioeducativa de internação: Um estudo com psicólogos. *Interação psicol.*, 21(2), 107–117.
- Santos, L. M. N. (2007). *Pobreza como privação de liberdade: Um estudo de caso na favela do Vidigal no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.
- Santos, M. (1978). *Pobreza Urbana*. São Paulo: HUCITEC.
- Santos, M. de F. de S. (2009). Representações sociais e psicologia social. In A. M. O. Almeida & D. Jodelet (Orgs.), *Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (p. 51–82). Brasília: Thesaurus Editora.
- Sarti, C. (2001). A dor , o indivíduo e a cultura. *Saúde e Sociedade*, 10(1), 3–13.

- Sarti, C. A. (2011). *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres* (7^a). São Paulo: Cortez.
- Sawaia, B. (2014). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (14^a, p. 97–118). Petrópolis: Vozes.
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364–372. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>
- SEADH. (2012). *Programa Capixaba de Redução da Pobreza Incluir*. Vitória.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das letras.
- Serapioni, M. (2005). O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(supl.), 243–245. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000500025>.
- Silva, M. O. da S. e. (2002). O debate sobre a pobreza: questões teórico-conceituais. *Revista de Políticas Públicas*, 6(2), 65–102.
- Silva, R. D. M., & Souza, L. de. (2010). A produção acadêmica brasileira acerca da pobreza na perspectiva da teoria das representações sociais. *Mental*, 8(14), 29–48.
- Souza, E. de. (2009). Pobreza e riqueza segundo o grupo sociocultural: um estudo de representações sociais. *Psico*, 40(2), 260–266.
- Souza, J. de. (2018). *Ralé brasileira: quem é, como vive* (3^a). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos Humanos e Categorias Sociais I* (4^a). Lisboa: Livros Horizonte.
- Techio, E. M. (2011). Estereótipos sociais como preditores das relações intergrupais. In E. M. Techio & M. E. O. Lima (Orgs.), *Cultura e Produção das diferenças: estereótipos e preconceitos no Brasil, Espanha e Portugal* (p. 21–76). Brasília: Technopolitik.
- Teixeira, J. M. (2006). Teoria da Mente - uma controvérsia. *Saúde Mental*, VIII(3), 7–10.
- Teixeira, S. M. (2010). Trabalho social com famílias na Política de Assistência Social: elementos para sua reconstrução em bases críticas. *Serviço Social em Revista*, 13(1), 4–23.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Gianórdoli, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva metodológica. In M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro

- (Orgs.), *Lógicas Metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia* (p. 71–92). Vitória: GM Gráfica e Editora.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (p. 101–128). Porto: Edições Afrontamento.
- Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In M. B. Monteiro, A. M. Santos, & J. Vala (Orgs.), *Psicologia Social* (p. 457–502). Lisboa: Fundação Calaiste Gulberkian.
- Vázquez, J. J. (2016). La percepcion de la realidad social y su incidencia en los procesos de inclusión de las personas en situación de pobreza extrema y exclusión social. In V. M. Ximenes, B. B. Nepomuceno, E. C. Cidade, & J. F. Moura Jr (Orgs.), *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências* (p. 211–235). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Vergès, P. (1992). L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central de la représentation. *Bulletin de Psychologie*, 45(405), 203–209.
- Wachelke, J. F. R. (2009). Índice de centralidade de representações sociais a partir de evocações (INCEV): exemplo de aplicação no estudo da representação social sobre envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 102–110. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100014>
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521–526. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017>
- Wilkinson, R., & Pickett, K. (2010). *The Spirit Level: Why Greater Equality Makes Societies Stronger*. New York: Bloomsbury press.
- Ximenes, V. M., Silva, L. B. da, Cidade, E. C., Camurça, C. E. de S., & Alencar, A. B. (2015). Pobreza e suas implicações psicossociais. In A. Accorssi, A. B. S. Bousield, H. S. Gonçalves, K. Aguiar, & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Distintas faces da questão social* (p. 445). Florianópolis: ABRAPSO.
- Yamamoto, O. H. (2003). *Questões sociais e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Yamamoto, O. H., & Oliveira, I. F. de. (2014). Definindo o campo de estudo: as Políticas Sociais Brasileiras. In *Psicologia e Políticas Sociais: temas em debate* (p. 248). Belém: Editora UFPA.

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Esta é uma pesquisa coordenada pela Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Smith Menandro e que será realizada pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Mônica Nogueira dos Santos, PPGP 2014144110, cujo título é “Representações Sociais de Pobreza: um estudo intergeracional”.

Justificativa: Existe uma insuficiência de conhecimentos produzidos pela Psicologia sobre a pobreza, contexto de vida da maioria dos brasileiros (IBGE, 2010). O que acarreta na carência de subsídios teórico-metodológicos para uma prática coerente com as famílias neste contexto de vida. A Proteção Básica do Sistema Único de Saúde, praticada nos CRAS, é a porta de entrada neste sistema e, dependendo do trabalho que for feito nela, é possível prevenir situações de piora das condições de vida dessa população.

Objetivo: Conhecer as representações sociais de pobreza no âmbito da proteção básica do SUAS.

Metodologia: Será desenvolvida uma pesquisa descritiva, com abordagem mista de coleta e tratamento dos dados. Os participantes da pesquisa serão: pais ou mães e um dos seus filhos, maiores de dezoito anos e profissionais de Psicologia e Serviço Social que atendem essas famílias. Os dados serão coletados a partir de três instrumentos: entrevista com roteiro semiestruturado, uma escala, e um questionário para aplicação da técnica de Associação Livre.

Duração e Local: Cada entrevista terá a duração de aproximadamente uma hora e meia. As entrevistas serão realizadas em horário e local previamente agendado com o participante. A coleta de dados será realizada em data e local que forem mais convenientes aos participantes, em ambiente reservado.

Riscos e desconfortos: Corre-se o risco de provocar constrangimento entre os participantes. Para evitar a ocorrência desses danos, o pesquisador irá assumir o papel de buscar amenizá-los, assumindo uma postura ética de não potencializar a ocorrência dos riscos. Além

disso, será acordado com os participantes da pesquisa que as questões abordadas durante a entrevista terão o caráter sigiloso.

Benefícios: A pesquisa contribuirá para uma melhor compreensão do conhecimento científico nesse contexto de vida e poderá colaborar para a orientação e construção de políticas públicas e práticas na proteção social direcionadas a essa população.

Garantia de recusa em participar da pesquisa: Você não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes da sua recusa.

Garantia de manutenção do sigilo e privacidade: A identidade do participante será resguardada durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação.

Esclarecimento de dúvidas: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, pode-se contatar a pesquisadora no telefone (27) 4009-2501, no endereço Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia, Prédio Professor Lídio de Souza, Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), ao lado do Cemuni VI, ou no e-mail: monicans@live.com.

Você também pode contatar Comitê de Ética e Pesquisa da UFES para resolver dúvidas ou relatar algum problema através dos telefones (27) 4009-7840, pelo e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, ou no endereço Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, CEP 29.090-075 – Vitória/ ES.

Você declara ter conhecimento de que os resultados deste estudo poderão ser apresentados em reuniões e publicações de cunho científico, e que foi verbalmente informado e esclarecido sobre o teor do presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, como também, os direitos. Você declara ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinada pela pesquisadora. Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa “Representações Sociais de pobreza: um estudo intergeracional”. Eu, Mônica Nogueira dos Santos, declaro ter cumprido as exigências da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Vitória - ES, _____ de _____ de 2016.

Participante da pesquisa

Mônica Nogueira dos Santos
Pesquisadora Responsável

Endereço do responsável pela pesquisa: Instituição: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo. Endereço: Av. Fernando Ferrari, n. 514, Goiabeiras, Vitória, ES. CEP 29075-910. Telefone para contato: (27) 4009-2501.

APÊNDICE B

Questionário - Associação Livre de Palavras / Profissionais

Sexo: () Masculino () Feminino

Profissão: () Assistente Social () Psicólogo () Outra _____

Idade: _____ Religião: _____ () Atuarante () Pouco Atuarante

O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra:

(Dê pelo menos cinco respostas)

Termo A:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra:

(Dê pelo menos cinco respostas)

Termo B:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra:

(Dê pelo menos cinco respostas)

Termo C:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

APÊNDICE C

Questionário - Associação Livre de Palavras / Famílias

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: _____
 Bairro: _____
 Profissão: _____ () Empregado () Desempregado
 Religião: _____ () Atuante () Pouco Atuante
 Escolaridade:
 Fundamental completo () Ensino Médio completo () Superior Completo ()
 Fundamental incompleto () Ensino Médio incompleto () Superior Incompleto ()
 Renda Mensal Familiar:
 () Inferior a 1 SM () 1-2 SM () 3-4 SM () 5 ou mais SM
 Recebe Bolsa Família ou outra Transferência de Renda () Sim () Não

O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra:
 (Dê pelo menos cinco respostas)

Termo A:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra:
 (Dê pelo menos cinco respostas)

Termo B:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra:
 (Dê pelo menos cinco respostas)

Termo C:

- 1- _____
- 2- _____
- 3- _____
- 4- _____
- 5- _____

Questionário – Dimensão afetiva e Metarrepresentação

Qual sentimento que a pobreza te traz? E porque você acha que se sente assim?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

O que você acha que as pessoas que não são pobres pensam dos pobres?

[illegible]

APÊNDICE D

Roteiro de entrevista

Dados sociodemográficos

Bairro:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Estado Civil: Há quanto tempo?

Onde você nasceu?

Nº de filhos:

Sexo dos filhos (em ordem):

Idades dos filhos (em ordem):

Você é de onde? Sempre morou em Vitória?

Com quem você mora?

Religião e nível de envolvimento com a mesma:

Já foi preso, ou outra pessoa da família? Se sim, quanto tempo?

Estudo e Trabalho

Você estuda? Estudou até que série?

Gostaria de ter feito algum curso/profissão?

E os seus filhos? Todos estudam ou estudaram?

Quem parou de estudar, foi por quê?

Para que serve o estudo? Porque estudar?

Possui alguma profissão? Quantas horas por dia você trabalha?

Qual a sua remuneração? Ou Quanto é a sua renda mensal?

Vida profissional – Quais trabalhos-profissões já exerceu na vida?

Qual a profissão/ trabalho dos seus pais?

Pobreza

Você se considera uma pessoa pobre? Por quê?

Para você, é possível mudar essa condição? Como?

O que pode fazer para deixar de ser pobre? Você tem os meios para isso? Quem tem?

Na sua opinião, seus filhos serão pobres? O que mais influenciará nisso?

Você acha que sofre (ou sofreu) algum preconceito por ser pobre? Como foi?

Você participa de algum programa do SUAS (CRAS- CREAS- CAJUM- CENTROPOP)?

Em sua opinião, quem deve participar e usufruir do que o CRAS oferece? Por quê?

Faz parte de algum programa de transferência de renda? (Bolsa Família, Família Cidadã, Programa Incluir, etc.)? Qual?

Caso afirmativo, há quanto tempo recebe este benefício?

Faz diferença na sua vida receber este dinheiro? Por quê?

Você acha que em algum dia você não precisará receber este benefício?

O que precisaria acontecer para que isso acontecesse?